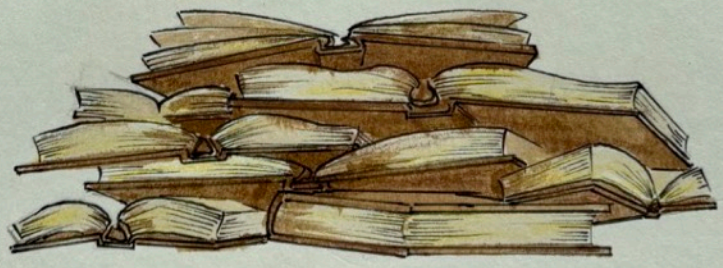
A Saga Magister-Auctor



A escola dos burgueses Iluminados

Sayeri Quispe

Zairabu Chebai

Versão 2.03

Título: *A saga Magister-Auctor. 06. A escola dos burgueses iluminados*

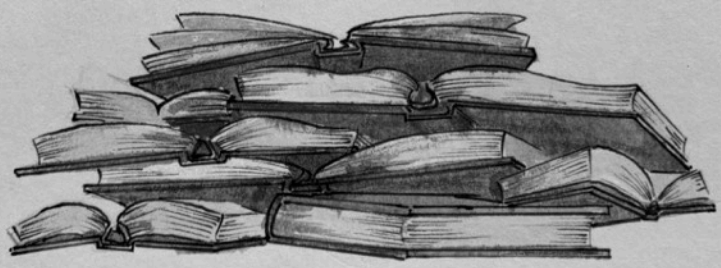
Título original: De Magister-Auctor sage 06 Verlichtte burgersschool

Co-autores: Sayen Quispe e Zainabu Cheboi

E-livro realizado em Pages em *Charter 14*

Para o século XXI A Saga Magister-Auctor é publicada sob licença Creative Communs BY-NC-ND 4.0 por Pascal Paulus com capa de Frank Nuyts.

A Saga Magister-Auctor



A escola dos burgueses Iluminados

Sayeri Quispe

Zairabu Chebai

Para Manuel, Sebastião
e Olívia

A normalização da escola

Inicia-se a segunda metade do hectano cento e dezoito. O século XIX, como se dizia antes da Reconstrução. Naquela altura todo o planeta deveria ter como ponto um o nascimento de Cristo, igreja católica dixit. Ponto *Um*, porque afinal, antes do renascimento europeu, o zero era obra do diabo para quem se afirmava líder do mundo.

Em Oostende, a rainha Louise-Marie falecera recentemente. Leopoldo, rei dos Belgas, ficou viúvo pela segunda vez. O mais velho dos três filhos tinha pouco menos de 15 anos, seu irmão Filip 13 e a pequena Charlotte acabara de comemorar seu décimo aniversário.
Os habitantes da cidade de Oostende acompanharam o funeral da rainha discretamente. Mas ninguém tinha muito tempo a perder com mortes da alta sociedade. As alterações ao dique do mar anteriormente militar, hoje civil, são observadas de perto. Uma das saliências octogonais serve de base ao *Kursaal* de madeira para os cada vez mais numerosas veraneantes burgueses e aristocratas.
No final do verão muitos jovens falam de *Le Paradis* com orelhinhas vermelhas. Eles referem-se a uma seção de praia entre Oostende e Mariakerke, onde os banhos nus são permitidos mediante receita médica. Os banhistas são quase todos homens e o que se conta leva rapidamente à proibição de tais banhos. A história repete-se. Tal como quando Jan, Madeleine e os seus amigos viram chegar os primeiros banhistas

há cem anos, o púlpito adverte mais uma vez contra a degeneração dos costumes[1].

O mundo científico impõe-se cada vez mais. Quem tem interesses económicos e industriais há muito entendeu onde investir. O futuro está aqui e não mais na gestão dos bens divinos em terra, como acontecia até pouco mais de cem anos atrás. Mesmo para o manejo do solo e da própria terra procura-se hoje a ajuda na ciência em vez de consultar mágicos e videntes. O *Observatório de Bruxelas* é hoje um verdadeiro instituto meteorológico. Os dados são coletados por observadores em todo o território. Isso permite uma melhor interpretação do clima logo uma melhor previsão dos riscos para a agricultura.

Aos poucos os observatórios se equipam. Os binóculos meridianos tornam o estudo das estrelas cada vez mais precisa. A ciência desloca a Terra e o Sol ainda mais para fora do centro do universo. Balões são amplamente utilizados para observar geografia e atmosfera. Talvez não por acaso, o primeiro conto de Júlio Verne, agora com 23 anos, intitula-se *Un drame dans les airs. Un voyage en ballon*. Logo a seguir sai o primeiro livro: *Un drame au Mexique. Les premiers navires de la marine mexicaine*. De imediato o tom é definido. Ao longo dos próximos cinquenta anos, Júlio Verne continuará a levar descobertas científicas para o primeiro plano e prever até desenvolvimentos futuros.

Em Moresnet, Johanna Lemaître não é apenas *froébélienne*, mas também *institutrice*. Tem hoje 33 anos e ela ampliou as suas

[1] Ver volume 04 - O privilégio do saber

atividades escolares. Na escolinha do celeiro adaptado, ela supervisiona pouco mais de trinta crianças. Hoje ela tem ajuda diária da vizinha revolucionária Carine[1]. Esta traz não só os seus dois filhos mas também a pequena Annie Dehaan. A menina veio morar em Moresnet quando tinha um ano. O pai dela ficou viúvo depois de uma explosão de grisu no norte da França ter provocado um incêndio no bairro de mineiros onde a família morava, matando a mãe de Annie. O pai não quis mais trabalhar por baixo da terra e quando soube que a *Vieille Montagne* estava a contratar pessoas experientes, mudou-se para Moresnet.

A pequena escola de Johanna é conhecida na zona como *Société des Enfants Républicains*. Johanna afirma continuar o trabalho dos bisavós e avós. A *Société* não é uma mera imitação do mundo adulto como foi o caso na escola irlandesa de David Manson quando este criou Estados Gerais lúdicos para enquadrar a sua forma particular de ensino mútuo. No entanto, ela inspirou-se do modelo de trabalho a pares de Martha MacThiers. E, claro, ela presta muita atenção ao *trabalho livre*, como o formulou o seu mestre Fröbel. Ela desenvolve ao máximo o conceito de *trabalho intelectual livre*, estimulando as crianças a explorar por si mesmas o mundo envolvente. Depois são encorajadas a contar e, se já o conseguem, a relatar por escrito as experiências que fizeram, nisso acompanhadas por Carine ou Johanna.

Embora a sua forma de trabalhar seja completamente diferente do ensino na escola municipal de Kelmis, financiada pela *Vieille*

[1] Ver volume 05 - Os escravos do poder

Montagne, Johanna continua a manter boas relações com os seus colegas professores. Desta forma, ela consegue comprar de forma vantajosa papel, tinta e canetas, mas também móveis escolares e materiais de cálculo. Ela continua a tentar de interessar os colegas para os materiais de Fröbel.

Johanna aplaude a decisão dos financiadores das escolas municipais de contratar para cada escola pelo menos um professor com formação completa. O colega de Kelmis não concorda com a visão de Johanna, mas ele considera-a por igual. Afinal ela é uma aspirante a mestra-escola resultante da autoformação. A sua única verdadeira formação foi muito prática, durante a sua estada no jardim infantil de Langethal[1].

Uma noite, Johanna e o seu colega conversam sobre um artigo numa revista para professores.

"Aparentemente, cada vez mais pessoas escrevem não continuar a ser possível ter professores não treinados em sala de aula. Com isso concordo. Mas discordo a alusão de equiparar alguém sem educação profissional a um analfabeto", diz ela.

O colega responde: "Eu certamente nunca te considerei analfabeta, muito pelo contrário. O teu conhecimento vai bem além do que alguns dos meus colegas conseguiram através de estudos, tenho disso a certeza. Mas, se não me engano, no nosso país vizinho a Bélgica exige-se dos professores das pequenas cidades e aldeias de se envolver mais na educação popular em geral e, portanto, também preparar atividades de alfabetização de adultos. A biblioteca escolar pode ser convertida em biblioteca municipal. Às vezes, os colegas são solicitados a ler

[1] Ver volume 05 - Os escravos do poder

para adultos ou fazer apresentações."

"De qualquer forma, as revistas e os jornais liberais contam nos essa história," observa Henri, juntando-se à conversa.

"Sim," responde o colega de Johanna com uma risada. "Querem ouvir esta pérola?"

Ele pega um exemplar da revista neerlandesa *De Leerschool, tijdschrift voor kwekelingen*[1] e lê: "*Que a educação de um diarista numa das aldeias mais remotas da pátria não precisa ser a mesma dada aos filhos do artesão numa cidade mercantil ... Os alunos de uma escola numa cidade mercantil são obrigados a desenhar, escrever letras, recibos, títulos de crédito, letras de câmbio, etc., ... numa colónia de turfa é necessário que os alunos conheçam bem a origem a turfa e a charneca, que costumam fazer cálculos em que ocorre a compra e venda deste artigo; que conheçam os locais onde se encontram as turfeiras.*"

"Essa deve ser a visão de liberais doutrinários e governantes conservadores," diz Johanna. "Já em 1842 os governantes queriam abrir Escolas Normais Estatais, além das escolas normais provinciais e episcopais e as escolas de formação. Embora a formação uniforme seja defendida para a colocação em escolas primárias estatais livres da influência da igreja, a pressão da liderança conservadora da igreja é grande. Basta lembrar as palavras de Monseigneur Cornelis Van Bommel, e sei como ele é referência para muitos outros bispos e líderes eclesiásticos na Bélgica. Ele disse por exemplo considerar os *Irmãos das Escolas Cristãs* como um modelo. Logo, para este bispo, as regras de La Salle silenciando as crianças, são as regras

[1] De leerschool, revista para formandos

do professor ideal. E claro, de acordo com esse pai da igreja, mesmo os professores leigos devem seguir tais regras ao máximo e, principalmente, conhecer e experimentar a doutrina cristã. Ele reconhece que os professores devem ter bons conhecimentos profanos, mas para ele as exigências podem ser menos elevadas para quem trabalham fora da metrópole. A tua primeira observação em relação ao professor como educador público muito provavelmente não vem desse ângulo conservador!"

Carine entra na conversa: "De qualquer forma, os conservadores hesitam em avançar quando se propõe mais ensino geral. Mesmo o ministro belga Rogier não consegue tirar do papel a sua proposta para o ensino médio. Desde 1850 defende o ensino secundário estatal, e até convida o clero para providenciar o ensino religioso incluído no currículo. Na prática significa aceitar o ensino obrigatório de uma religião em particular, enquanto oficialmente não há religião do estado. Mesmo fazendo assim do ensino médio organizado pelo Estado letra morta, há apenas um interesse muito residual para Ateneus Reais e escolas secundárias municipais. E tudo isso é apenas em relação ao ensino para rapazes. Por enquanto, a educação das raparigas da classe alta não deve ser fonte de preocupação para os católicos conservadores. Elas podem frequentar a escola, mas apenas em instituições católicas para meninas, administradas por congregações de irmãs. E as mensalidades tratam de afastar as meninas pobres."

Vivendo em Moresnet, obviamente os amigos costumam falar

mais acerca da situação na Bélgica e na Holanda. Mas os relatos chegando de vez em quando de outros países europeus não são diferem muito dos acerca dos países vizinhos.

Na Grã-Bretanha vitoriana, por exemplo, até mesmo as palavras de Samuel Smiles de ascendência muito calvinista, são vistas com desconfiança. Este ex-cirurgião decidira começar a escrever e tornara-se politicamente ativo após alguns anos como editor do *Leeds Times*. Participa na elaboração da legislação sobre saúde pública e educação nacional. É da sua convicção o ambiente inicial das crianças ter grande influência na educação nos anos posteriores. Sobre o ensino ele afirma com as palavras de Mills: *'Trata-se de ajudar a aprender a fazer sem ajuda'*. Ele pretende dos professores a sua ajuda para ensinar à população trabalhadora como se tornar menos dependente da caridade ou de instituições para pobres. Mas as classes superiores assumem que as classes inferiores ocupam uma posição inferior precisamente devido ao seu menor intelecto. Para elas, instituições como a *Leeds Mutual Improvement Society* são desprovidos de sentido. Desenvolver esse tipo de organizações vai longe demais para muitos. São poucos com opinião oposta a dizer *'Afirma-se que a educação daria à classe trabalhadora aspirações de se elevar acima de sua posição atual, e para as instituições agora estabelecidas abaixo de nós e descritas como gloriosas pode ser considerado prejudicial. Bem-vindo a todas essas ambições! Bem-vindo à educação que fará com que as pessoas se respeitem e busquem privilégios e liberdades maiores do que desfrutam agora! Bem-vindos todos os meios que introduzirão e elevarão as massas à plena comunidade de cidadania,*

independentemente de cuja conveniência seja interrompida pela mudança.'

Existem associações equivalentes nos Países Baixos. Desde o tempo da República Batavia, a associação *Maatschappij tot 't Nut van 't Algemeen* (abreviado *Tot 't Nut*) desempenha um papel importante na educação pública. Ela cria bibliotecas públicas, por exemplo. As seções locais administram atualmente mais de 240 bibliotecas de empréstimo. As coleções devem, claro, atender a critérios de seleção: os escritos enfatizam as virtudes morais da diligência no trabalho e da auto-ajuda.

Os liberais emergentes em Portugal, entretanto, esperam uma rápida alfabetização de uma população ainda quase por inteira analfabeta, mas também aqui a oposição é forte. Elabora-se um plano para escolas ambulantes. O *Conselho Supremo da Instrução Pública* afirmara no seu relatório do ano de 1847-1848 tratar-se de um plano parcimonioso para alargar o ensino às freguesias rurais. Como na Suécia, cria-se um corpo de professores itinerantes para administrar ensino em cada paróquia por um determinado período de tempo: *'Apesar da existência de outros meios mais produtivos, talvez este método pudesse ser testado entre nós*', estipulara o Conselho Supremo em resposta a uma tentativa do ministro Rodrigo Magalhães. O artigo 3º da reforma escolar de 1835 tinha dotado todos os municípios de uma escola generalizadora do método Lancaster ou Ensino mútuo, com o maior número de melhorias possíveis. Esta fora, segundo os conservadores, uma solução muito cara. Alguns anos mais tarde, o artigo 22.º da reforma de Passos Manuel referira *'Quando o método escolhido não possa ocorrer*

por falta de alunos, ou por qualquer outro motivo, mantém-se o método de ensino demonstrativo' Fora uma tentativa de contrariar o argumento para não abrir escola numa determinada área rural se não houver alunos suficientes disponíveis. Não funcionando este ensino demonstrativo, o modelo sueco fora considerado o mais económico. No entanto, outro problema se afigura. A lamentável disciplina nas escolas ambulantes e mesmo nas fixas leva muitas vezes os professores a exagerar quando batem nos alunos. O regulamento de 20 de dezembro de 1850, § 33, refere-se por isso às punições a serem aplicadas: *'repreender, sentar no fundo da sala e ficar em pé'*. O castigo corporal deve ser usado apenas como último recurso e deve '*ser usado paternalmente, evitando ofender a vergonha ou prejudicar a saúde*'.

Carine está muito furiosa depois de ler a edição de domingo do jornal de Ghent, *Vaderland*. O jornal culpa a Revolução Francesa pelo péssimo estado da literatura flamenga e escreve: *'Afinal, durante o reinado de terror no final do século passado, bem como durante a tirania de Napoleão I, a influência da língua francesa foi muito grande. Os homens de "la belle et généreuse (!) France", que queriam transformar os nossos ancestrais flamengos em homenzinhos franceses, exterminaram a língua flamenga onde puderam e impuseram o seu francês pela força em todos os tipos de administração, educação, etc.. Nem é preciso dizer que a literatura flamenga, que já não continha muito, foi muito afetada por tudo isso e, finalmente vencida, teve que dar lugar à língua de "chez nous".'* Carine afirma não ser nada assim. É principalmente a

aristocracia flamenga e brabante a substituir flamengo por francês. Para ela, o surto revolucionário francês estava relacionado principalmente com o desejo de ter uma linguagem científica geral sem ser o latim, uma língua viva, e para as mentes iluminadas da França isso só poderia ser o francês. Atitude chauvinista certamente, mas não tem nada a ver com literatura ou com a opressão da língua flamenga, conclui.

Johanna e Henri concordam com Carine. Muitas vezes é a elite francófona a atrapalhar o avanço quando se trata do ensino da ou na língua neerlandesa. Isso ficou evidente durante os anos do *Reino Unido dos Países Baixos*. Mas, de qualquer forma, os franceses certamente nutriram a esperança de tornar a sua língua uma língua mundial e, assim, aumentar a hegemonia francesa. Nisso podem ser comparados com os órgãos do poder espanhóis, portugueses, ingleses, chineses e árabes.

Entretanto os ex-membros da *Association Démocratique* que escolheram instalar-se em Moresnet tentam traçar uma linha nos desenvolvimentos na França depois da deposição de Louis Philippe. Para Carine e família, trata-se de um retorno aos verdadeiros valores da república e uma maior conscientização dos trabalhadores. Eles citam Karl Marx, Gustave Flaubert, Alexis de Tocqueville e Victor Hugo sobre os eventos de fevereiro de 1848. Os seus amigos respondem também eles terem lido o *Deutsche Brüsseler Zeitung* na altura, ficando com muitas dúvidas. O esperado fortalecimento das ideias socialistas fora rapidamente suprimido por um atento Luís Napoleão com ele todas as características de seu tio, nisso há poucas dúvidas. Rapidamente tornou-se presidente da nova república. E todos

eles já anteveem a transformação da *segunda república* em *segundo império*. É difícil não interpretar os acontecimentos recentes como um segundo golpe de estado de quem já haviam tomado o poder. De resto Marx está em Londres, Hugo em Bruxelas, Flaubert viajou para algum lugar no Egito e Tocqueville está provavelmente ainda preso em Vincennes. Não, essa segunda república encerrou definitivamente e, mais uma vez, os membros da classe mais alta simplesmente tomaram o poder uns dos outros.

Johanna acompanha à distância e sempre que pode os o mundo dos mestres-escola e das *froébéliennes*.
A *Société Centrale des Instituteurs*, criada há cerca de dez anos, não vai muito bem, sabe ela. Numa primeira fase e como resultado de uma curta orientação mais liberal do governo belga, a *Société* recebeu apoio, sobretudo das autoridades municipais. Na altura queria se dar mais ênfase ao ensino simultâneo e mútuo e abandonar o método demonstrativo por este só ter provado o seu valor com pequenos grupos de crianças. Em 1841, o presidente da *Société* anunciou o objetivo no seu congresso: '*améliorer l'instruction primaire, propager les bonnes méthodes, faire connaître les différents procédés de l'enseignement, exciter les zèles des instituteurs et faire concourir les vues et les moyens de chaque membre de la réunion au bien-être général*'. Uma declaração um pouco vazia, admitamos…
Com a chegada dum governo conservador as coisas ficaram ainda piores. O ministro Nothomb recusara-se de presidir o congresso e Bruxelas tinha entretanto decidido por regulamento

pelo método de ensino simultâneo segundo Pestalozzi a partir de 1844. O ensino mútuo só continuaria autorizado nas escolas onde já era utilizado antes dessa data. Isso referia claramente à Escola Lancaster, não sendo sequer uma escola pública, por falar nisso. O conselho da cidade aceitou rápida e facilmente o pedido do presidente da *Société pour l'encouragement et le soutien de l'enseignement mutuel* para abrir aquela escola no bairro operário das *Marollen*. Melhor uma escola não pública de baixo conteúdo para os pobres do que escola nenhuma, parecia ser o raciocínio. Johanna está inclinada a concordar com Carine de haver mais uma vez uma escolha consciente em proporcionar aos filhos da classe trabalhadora uma educação de menor qualidade quando comparado com os grupos mais privilegiados.
No entanto, hoje mestres-escolas, professores e seus representantes houve para desaprovar certas atitudes das famílias abastadas. Johanna lê numa revista pedagógica datada de 1850 ser o dever dos professores alertar os pais para ensinar os filhos a não criticar outras crianças com base no vestuário ou na aparência. O hábito nos círculos aristocráticos para introduzir com pompa e circunstância crianças de tenra idade nos bailes do mundo dos adultos é igualmente referido como sendo não pedagógico.
No verão de 1852 chegam notícias da Prússia. Karl Fröbel fala das dificuldades da Escola Superior para Mulheres. Apenas um ano após a abertura, houve tensões entre ele e o seu tio Friedrich, terminando este a sua colaboração. O tio Friedrich entretanto faleceu, anuncia Karl, uma notícia vindo como um choque para Johanna. Karl explica como ele e sua esposa

entraram cada vez mais em conflito com a política escolar de Hamburgo. Karl é hoje *persona non grata* no mundo educacional prussiano e o casal deixou a universidade. Já se segure alías o fecho definitivo da escola. Karl anuncia mudarem-se para Edimburgo, onde ele poderá dirigir uma escola para raparigas.
O governo belga quer diferenciar e desenvolver mais o ensino para a formação profissional. O diretor do Observatório, Adolphe Quetelet aproveita a oportunidade para propor a criação de uma rede de medição de observações agro-meteorológicas nalgumas das escolas agrícolas. Realizara-se por iniciativa do americano Matthew Fontaine Maury a *Conferência Internacional de Observações Meteorológicas Marítimas* em Bruxelas, em setembro de 1853, e desde então o nome de Adolphe Quetelet é conhecido e valorizado no país e no exterior. Os participantes da conferência vieram da Bélgica, Dinamarca, Estados Unidos da América, França, Grã-Bretanha, Noruega, Holanda, Portugal, Rússia e Suécia. Logo após a conferência, apareceram relatórios em francês e inglês, explicando como as observações meteorológicas no mar levam a viagens marítimas mais curtas. A conferência deixara muito claro esse ponto. O que é bom para viagens marítimas também pode sê-lo para a agricultura, argumentam os meteorologistas. Eles sugerem observações climatológicas diárias a serem feitas pelas turmas das escolas agrícolas de Verviers, não muito longe de Kelmis, de Torhout perto de Oostende e de Tienen. Mas a promissora prática é logo descontinuada. A justificação oficial fala do tempo de trabalho para a recolha, pesando demais no horário. Johanna vê outro motivo. Não deve ser desejável os futuros agricultores

fazer muito trabalho científico. O fecho de algumas das escolas dois anos mais tarde e a reorganização de outras reforça-a na sua opinião.

Um colega de Johanna traz-lhe um artigo publicado em revista pedagógica sobre um método de leitura sonora desenvolvido para a língua portuguesa por Antônio Castilho e por isso batizado com o nome *Método Castilho*. O método baseia-se num livro de leitura com figuras de apoio e aparentemente é desprezado pelos professores. Johanna lê as críticas feitas, inclusivamente pelo *Conselho Superior de Instrução Pública*. O método não é logo posto de parte, mas diz-se que '*as primeiras informações coletadas não são muito favoráveis para esse método*'. Ele é de resto pouco utilizado e deve ser mais testado advoga o *Conselho Supremo*. O texto continua dizendo: '*O Conselho apreciará muito que, se as vantagens de facilidade, brevidade e perfeição que o método promete forem realizadas, a imensa fama que ele merecerá será reservada ao eminente filólogo A.F. Castilho*'. Entretanto o *Conselho Supremo* não deixa de criticar o Comissário Castilho por alegadamente tencionar impor a utilização do seu método em detrimento de outros. Mesmo se os resultados sejam bons, afirma o *Conselho Supremo*, o método não deve ser recomendado. Isso foi em 1853. Passaram-se dois ano, diz o artigo, e o *Conselho Supremo* é mais claro nas suas críticas, em primeira instância incorretamente designada de método rápido. Os resultados vindo de diferentes partes do país assim se diz inclinam pela condenação do método. Contudo, '*o Conselho Supremo não se atreve a formar um julgamento*

completo e certo, e não nega que seja necessário mais tempo'. Aqui faz-se referência aos hábitos dos mestres-escola preferindo usar métodos antigos de soletração e à sua relutância em relação a qualquer inovação. Mas os sinais de querer impor esse método em detrimento de todos os outros métodos de ensino da leitura provoca a maior aversão.

O próprio artigo contudo conclui com um pequeno relatório demonstrando claramente o valor do método. A história vem de um município do interior de Portugal, Viana de Alentejo: *'A 24 de julho de 1853, foi inaugurada em edifício próprio nesta vila a Escola Primária equipada com o material necessário para pôr em prática o método de Castilho de leitura de velocidade. Uma grande reunião de senhoras e senhores desta aldeia e das aldeias vizinhas encheu o edifício. A banda de música '*Os Curiosos*' tocava à porta. As crianças ocuparam os bancos da escola. Elas cantaram, acompanhadas por alguns instrumentos musicais, a invocação a Deus e a Castilho, cujo retrato está pendurado numa das paredes da sala de aula. Seguiram-se várias palestras e o educador João Antônio Martim Morom explicou o sistema Castilho e seus benefícios numa palestra que foi tão longa quanto bonita. Esta parte terminou com o hino da indústria cantado pelas crianças e acompanhado da música. Segundo a descrição do administrador, no curto espaço de cinco dias e quatro aulas, crianças de cinco e seis anos que ao princípio não sabiam nada, sabem agora perfeitamente as 22 letras com seus diferentes valores'*. Johanna vê neste relatório argumentos adicionais para substituir os métodos tediosos baseados na leitura soletrada pelo uso de palavras e textos significativos, como pode ser alcançado com livros

ilustrados e livros de leitura. Está na hora, pensa ela, de refrescar a memória acerca das enciclopédias infantis elaboradas por Comenius há duzentos anos.

Para os velhos amigos do tempo da *Association Démocratique*, a taberna favorita de Henri equivale o *Kindergarten* do Celeiro de Johanna como local de encontro para professores e outros interessados na matética e a didática.

Numa conversa no bar, Henri fica a saber como as coisas estão difíceis para a família Marx em Londres. Karl passa a maior parte do tempo a estudar nas bibliotecas de Londres e Jenny queixa-se frequentemente não haver dinheiro suficiente para alimentar e vestir a família. Além disso, o filósofo é olhado com desconfiança. Afinal, ele é conhecido pelas suas ideias e segundo a classe alta estas aproximam demais do socialismo radical para serem aceitáveis. No Reino Unido da Rainha Vitória, o preconceito da classe média contra o caráter e o comportamento da classe operária até está incorporado no direto civil. Por instigação do parlamento e do tribunal não é raro ver leis e práticas da administração pública relacionadas com as atividades económicas e financeiras da classe trabalhadora a criar deliberadamente preconceitos. O olhar cheio de suspeitos para uma iniciativa como a *Leeds Mutual Improvement Society* é um bom exemplo. A classe abastada parece querer controlar a classe trabalhadora a todo custo e assim tornar impossível a sua mobilidade social, a sua influência no governo, na lei e na sociedade.

Os jornais e relatórios disponíveis nessa taberna de Moresnet

permitem acompanhar os eventos nas margens do Mar Negro em 1853. Quando o czar Nicolau I da Rússia declara guerra ao Império Otomano em outubro, os amigos da taberna prevêem novas alterações ao mapa político europeu. Discutem o teor dessa guerra: ela é religiosa ou económica? Os jornais defendem claramente a tese religiosa com a qual o czar Nicolau quer proteger a Igreja Ortodoxa procurando portanto colocar sob a sua autoridade a cidade de Constantinopla, considerada o berço dessa igreja. Mas a cidade é como por acaso também a porta de entrada para todo o transporte marítimo no Mar Negro …

Alguns meses depois, o Parisien[1] fala da aliança entre o Imperador e a Coroa Inglesa levando a declararem a guerra contra a Rússia: "Trata-se claramente de interesses económicos. Tanto Napoleão III, favorecendo os planos de Ferdinand de Lesseps para escavar um canal no istmo de Suez, quanto a realeza britânica querendo proteger suas rotas marítimas para suas colónias, preferem o imperador otomano como aliado"."Essa guerra não vai durar muito", pensa o taberneiro. "Se bem me lembro, o czar está mais ou menos sozinho agora."

No entanto, vão passar mais dois anos até haver um acordo de paz, firmado em Paris com o filho do já falecido czar Nicolau. Aos poucos, as histórias sobre as más condições sanitárias dos vários exércitos no comando vêm ao de cima.

"Ao longo dos últimos três anos, essa guerra de três anos pode muito bem ter morto mais soldados por doença do que por balas", observa um dos amigos de Henri.

"Seja como for, o cerco de Sebastopol deve ter sido o massacre

---

[1] Ver volume 05 - os escravos do poder, *'Viver nas margens'*

com o qual as doenças venceram os soldados", diz Henri. "Nos jornais ingleses li depoimentos de duas enfermeiras, Mary Seacole e Florence Nightingale, falando das terríveis condições pelas quais passaram os soldados feridos como os ilesos."
"Isso mesmo", diz o taberneiro. "De acordo com um repórter de guerra do *The Times,* não tão romântico como o Roger Fenton, quatro em cada cinco soldados teriam morrido de doença ou infecção e não de uma bala."
"Pois, mas lembrem-se", observa outro frequentador da taberna, "Fenton foi nomeado pelo governo britânico especialmente por causa de suas habilidades fotográficas. Ele foi instruído para mostrar uma imagem menos terrível da guerra."
"Se isso for verdade, é apenas mais um exemplo da hipocrisia dos governantes poderosos", diz o taberneiro.
"Seja como for, para a história, será graças aos heróicos soldados do exército francês invadindo o Forte Malachov, o fim dessa guerra", diz Henri. "e ninguém vai falar mais das milhares de pessoas assassinadas à manda de chefes de estado pensando unicamente nos seus interesses políticos e financeiros."

Passam alguns meses e Johanna e Henri estão de visita em casa da Carine e marido. Henri lembra a conversa de taberna sobre a historiografia dos heróis e diz: "Durante a minha visita a Liège na semana passada, encontrei uma coleção de edições do jornal de domingo *Vaderland,* de Ghent. Nalguns números de 1849 referem Hendrik Conscience."
Carine e Johanna olham para ele. Carine pergunta: "Conscience o soldado, Conscience o professor ou Conscience o escritor?"

Henri responde não saber que Hendrik Conscience tinha sido professora e continua: "Os artigos referiam-se ao escritor. A cidade de Ghent manifestou querer agradecê-lo pelo seu livro *Jacob Van Artevelde, burgo de Ghent*, considerado uma homenagem. É engraçado, porque é principalmente uma homenagem ao uso da língua flamenga. Copiei parte do artigo para o partilhar convosco: '*A comissão de educação e artes plásticas da Câmara Municipal desta cidade propôs uma carta a escrever ao Sr. Conscience exprimindo o seu agrado para a homenagem à cidade sob forma de trabalho* Jacob van Artevelde. *À carta deve ser anexado um documento em pergaminho, expressando o profundo reconhecimento do Conselho por essa homenagem, assegurando à comissão que este documento, assinado por todos os Conselheiros, será mais agradável ao Sr. Consciência do que todas as recompensas monetárias ou medalhas comemorativas a lhe ser concedidas. Esta proposta foi bem-vinda. Agora resta o nosso desejo para ver este agradecimento escrito na linguagem de Artevelde e não na dos seus arqui-inimigos.*' O arqui-inimigo, é, claro, qualquer pessoa a falar francês."

"Não li *Jacob Van Artevelde*", diz o marido de Carine, "mas li *o Leão de Flandres*. E tenho uma opinião bem definida acerca do livro. Claro, foi escrito pouco depois das potências europeias ter feito nascer a Bélgica, isto eu sei, e parece-me o típico livro para dar História a uma Nação que até então não o era. Os autores franceses glorificando Napoleão fizeram o mesmo. Os portugueses e os espanhóis têm a sua própria historiografia da Nação, mais antiga, porque as suas fronteiras actuais foram fixadas há mais tempo, se nos esquecermos por um momento

dos territórios em outras partes do mundo, ocupados em nome das suas casas reais. E hoje está a ser construída uma espécie de história belga, mas os heróis às vezes falam francês e às vezes falam neerlandês, ou pelo menos, falam os dialectos flamengos. Estes recentes acordos fronteiriços continuam a ser resultado de brigas de reis e chefes de estado entre si devido às suas próprias necessidades. Uma história sobre os Belgas estava para ser estabelecida. É bom lembrarmos a origem das dificuldades linguísticas. Elas têm sobretudo a ver com as diferenças entre as classes sociais e um pouco com a composição geográfica do país-tampão desejado pelo os líderes europeus depois de 1815."

"Então estás a dizer que na verdade Conscience ficou com uma espécie de tarefa impossível para simultaneamente valorizar o neerlandês e contribuir para o cânone da Nação Belga?", pergunta Johanna. "Hmmm. E ele fé-lo consciente ou inconscientemente? Ele pode muito bem ter sido um oponente da Casa de Orange, pois alistou-se no exército belga em 1830, quando tinha apenas dezoito anos. Foi professor aí, Henri, na escola do regimento. Quando deixou o serviço seis anos depois e começou a escrever, apercebeu-se depressa como ser de filiação flamenga era pouco valorizado no seio do novo aparelho administrativo. Mas foi também escolhido para ser professor honorário de neerlandês dos príncipes reais a pedido do próprio rei."

"E mesmo assim ele hoje parece estar mais ou menos desempregado", intervém Carine. Ela ri. "É uma pena o nosso amigo taberneiro não dominar o neerlandês. Caso contrário,

poderíamos oferecer-lhe uma cópia de *Baas Gansendonck*[1].
Henri também ri e responde: "Não é muito simpático da tua parte, Carine. Além disso, o nosso taberneiro não é nenhum Gansendonck. Eu por mim estou a pensar num escriturário no expediente de *Vieille Montagne,* a este sim poderias oferecer o livro,… Mas ele certamente não lê neerlandês …"

"Henri já ouviste falar do cientista inglês Charles Darwin?" pergunta o Parisien.
"Sim, ele estudou rochas e pedras em quase todo o mundo e contribuiu muito para a geologia. Recentemente falei dele com um dos diretores da mina que se interessa por geologia. Ele contou-me que essa ciência torna mais fácil encontrar novos achados de mineração do espato de zinco. E falou-me dalgumas das publicações de Darwin relacionadas à pesquisa de rochas."
"Sabias, durante a primeira parte da sua volta ao mundo há vinte anos, ele passou muito tempo com três habitantes da Terra do Fogo. O capitão do barco em que viajava tinha os raptado durante uma viagem anterior. Eles auto-nomeiam-se *Yaghan*, embora os ingleses falem de *Fuegolanders*. Diz-se que depois do longo tempo passados juntos a bordo, Charles Darwin conheceu outros *Yaghan* na terra deles e estes nunca tinham estado na Inglaterra. O cientista disse ter observado como os diferentes grupos de pessoas mostram as mesmas emoções e as mesmas faculdades mentais para aprender. Avançou com a hipótese de existir apenas uma espécie humana. Antes da viagem, ele

[1] No livro *Baas Gansendonck* a figura principal com este nome é um taberneiro fanfarrão e arrivista.

considerava primitivos os locais que nunca haviam estado na Inglaterra. Mas ele estudou a língua e a cultura *Yaghan* durante vários anos, em parte com a ajuda de uma espécie de léxico *Yaghan*. Aumentou o seu conhecimento acerca do povo *Yaghan* e hoje aprecia-o melhor. Recentemente ele escreveu acerca da colonização europeia. Esta leva certamente à extinção outras populações, constata Darwin. Talvez é a evolução natural da história humana e assim, observou, como a evolução natural na história das rochas. Utiliza o estudo de esqueletos ou pegadas de animais ainda existentes e também extintos, em lugares completamente distintos, para discutir esta evolução natural."

"Os ingleses estabeleceram *Escolas Lancaster* na Terra do Fogo?" pergunta Henry.

"Não que eu saiba", responde o Parisien. "Por que perguntas?"

"Porque Johanna acabou de me contar ter lido um artigo numa revista pedagógica neerlandesa no qual os autores defendem esse método Lancaster para ensinar primitivos não tendo o nível de civilização dos neerlandeses", ri Henri. "Dizia-se literalmente: '*O ensino de Bell e Lancaster é, e sempre será, um filho da necessidade. Uma sombra negra deve cair sobre a terra onde as escolas de Lancaster são necessárias.*' Os autores partem do princípio que o método não serve para ensinar crianças neerlandeses mas que serve nações bastante primitivas, como a russa."

"Talvez os russos não ficam muito felizes com tais comentários", diz le Parisien com um sorriso. "A opinião dos Yaghan da *Terra do Fogo,* isso eu não sei, claro."

Quando Henri relata a conversa para Johanna, ele ri e afirma

não se aventurar para definir se a nação belga é primitiva ou não. Ela sabe do muito trabalho a ser feito na formação geral de mestres-escola. Isso deverá beneficiar as escolas. Em troca do financiamento estatal para a formação, o estado exige de todos os graduados, incluindo de instituições episcopais, cinco anos de serviço de ensino em escolas estatais ou municipais. Isso não é do agrado da Igreja que organiza as suas próprias escolas primárias. Nação primitiva? Johanna sabe da história durante o congresso *Bienfaisance*. Entretanto, a presença da delegação da *Maatschappij tot 't Nut van 't Algemeen* nesse encontro internacional representa um grande apoio para desenvolver mais e melhores relações além fronteiras entre regiões de expressão neerlandesa.

Kelmis Moresnet aproxima-se do seu quinquagésimo aniversário. O problema inicial de agrimensor ganhou rapidamente contornos económicos e continua hoje a existir sob forma de uma disputada micro-terra de 330 hectares com o nome Moresnet Neutro. O Código Napoleão assegura lei e ordem, o franco francês é a moeda e o poder factual não reside tanto nas mãos dos comissários ou o burgomestre e mais antes está sediado na *Société de la Vieille Montagne*. A empresa oferece instalações dignas para os serviços do município, um diretor pode ocasionalmente se tornar burgomestre, enquanto não raras vezes um ex-vigilante da mina passa a ser o guarda local.
Perto do quinquagésimo aniversário, o território registra quase 3.000 habitantes. A população multiplicou-se por dez neste tempo. Cerca de metade dela trabalha para *Vieille Montagne*. A

ausência de impostos e a possibilidade de escapar ao serviço militar nos países vizinhos atrai os demais, embora esses dias chegam ao fim. Em breve, a isenção de serviço militar será apenas o caso para rapazes nascidos e registados em Moresnet Neutro.

Vieille Montagne continua a ser o pilar mais importante para o emprego, o entretenimento e a educação da classe trabalhadora. Não se trata bem duma estratégia pre-delineada como a do *Working Men's College* em Camden por exemplo. Essa instituição fundada por socialistas cristãos incorpora muito bem a filosofia liberal de ensino para providenciar a população trabalhadora de mais e melhor conhecimento. John Ruskin[1] está envolvido nessa iniciativa, embora não concorde totalmente com as ideias dos fundadores. O seu contributo deu origem a alguns bons manuais de desenho. O *Working Men's College* oferece também formação para assistentes escolares.

Não, para a *Vieille Montagne* trata-se mais de cuidar do lazer dos trabalhadores e do ensino para os seus filhos. A escolarização oferecida apresenta características encontradas nas escolas oficinais, para aprendizes ou operários especializados nas fábricas. As crianças recebem uma instrução apenas elementar, aprendem a ler, escrever e contar. Segue-se as orientações no país vizinho Bélgica, onde as aulas de religião costumam fazer parte do currículo. Segundo as informações da Johanna, cerca de 45.000 crianças no país vizinho distribuem-se este ano em pouco mais de 950 escolas. Um programa escolar tão limitado não é excepcional. Nos Países Baixos, a proposta curricular está

[1] Ver A batalha pela escola, página 144.

na lei de 1806 e na Bélgica na lei de 1842: religião e moral, leitura, escrita, sistema legal de pesos e medidas, aritmética e língua materna. Pouca coisa mudou desde a época dos seus avós, antes da Revolução Francesa, pensa Johanna. A educação moral é mais importante do que a educação para o conhecimento. As revistas pedagógicas conservadoras afirmam-no claramente. A religião continua a ser diretriz e os filhos do povo não devem aprender demais. Liberal ou católica, a classe dominante concorda.

Johanna lê com interesse a notícia da homenagem ao mestre-escola Van Nerum neste verão de 1857 com um banquete para festejar os seus 25 anos como diretor da Escola Municipal n.º 1 de Ghent. Ainda mais interessante é um encontro de 100 ex-alunos no mês de outubro do mesmo ano, dando origem a uma associação com o objetivo de '*fornecer livros didáticos a alunos merecedores das escolas municipais para que continuem seus estudos em instituições de ensino superior*'. Noventa participantes associam-se imediatamente.

Johanna ouve de colegas locais como os professores de países vizinhos se organizam aos poucos. Nos Países Baixos, a classe promove a vinda de uma nova lei educacional e aumenta significativamente os salários. Mesmo se ainda necessitam de dar aulas particulares para garantir o tão necessário complemento salarial, a maioria dos professores já não vê a necessidade de ser sacristão ou coveiro como ocupação secundária.

Vai ao encontro da preocupação por um ensino melhor a exigência de várias associações de educadores para garantir aos

seus membros uma ou duas noites livres por mês para assistir a uma palestra ou ouvir a resenha de livro. Johanna costuma ler a transcrição dessas resenhas em revistas pedagógicas. Ela fica entusiasmada ao ver quantos livros em francês, alemão e inglês são lidos. Regra geral os colegas falam três ou mais idiomas, nada mau! As revistas que mais aprecia costumam citar educadores e estudiosos alemães, além de Rousseau e os seus seguidores. No entanto, Pestalozzi, com as suas ideias idiossincráticas acerca dos pobres felizes, continua muito presente. Da família Fröbel e o seu trabalho muito menos informações estão disponíveis.

"Estou preocupada com a forma como nossos colegas institucionais falam das crianças", começa Johanna.
"Quando dizes colegas institucionais, referes-te a quem?" pergunta Carine.
"Os professores diplomados lecionando numa escola municipal ou do estado", responde Johanna.
"Portanto a maioria dos professores em muitos países europeus," observa Carine. "E o que dizem eles acerca das crianças?"
"À primeira vista, dizem-se coisas sensatas não deixando de ser alarmantes. Por exemplo, li num número velho de cinco anos: *'Observamos os sinais dos nossos tempos e entende-se a nossa preponderante preocupação com os aspectos materiais; um acentuado aumento do pauperismo, uma nítida divisão de classes na vida civil'.* Observamos o mesmo aqui. Apesar do Iluminismo, apesar das revoluções, os pobres parecem mais pobres e os ricos mais ricos", continua Johanna.

Carine diz: “Sim, para já parece-me uma visão saudável de uma situação doentia.”

Joana responde. “Concordo, mas preocupa-me mais o que vem a seguir. Leio por exemplo: *‘As escolas primárias de uma cidade comercial, de uma cidade industrial, de uma pequena comunidade, de uma aldeia, onde a agricultura é a principal subsistência, ou onde a pesca e a navegação têm de satisfazer as necessidades de quase todos, todas mostram necessidades diferentes …’* Isso é óbvio. Mas depois é o mesmo de sempre: façam as adaptações necessárias, mas mais quando se trata de pessoas pobres. É dito: *‘Tu que ensinaste os filhos dos grandes e os filhos dos menores a ler, diz-nos, as circunstâncias não te obrigaram a mudar? Todos os ambientes de criança não eram tão diversos, tão diferentes, que você, involuntariamente, talvez sem perceber, seguiu um curso completamente diferente?’* Parece-me ouvir Pestalozzi, Lasalle e Démia a falar. O Iluminismo dos Ricos continua a ser a base a partir da qual o conhecimento comum é adaptado, minorada, para os pobres.”

Carine responde: “Então, o meu marido e eu estamos certos se queremos simplesmente varrer todos os ricos da face da terra. Só então podemos realmente começar do zero.”

Johanna sorri e diz: “Não deu a busca pelo recomeço total origem aos anos de terror no final do século passado? Pensei mais nas tentativas de meus antepassados para reunir crianças de diferentes origens e de as por a trabalhar juntas, em vez de instruí-las em simultâneo, em turmas nas quais são inseridas de acordo com o nível de conhecimento e posição, como agora aparentemente é o princípio orientador em todo lado.”

Carine pergunta: “Então, trabalhar em simultâneo, ou instruir em simultâneo, como costumas dizer, é perpetuar a aula? Lembrando o nosso velho amigo Karl Marx da então *Association Démocratique*, os trabalhadores de todos os lugares devem se unir em prol dum ensino simultâneo revolucionária?”

Johanna responde: “Unir sim, mas não para exigir ensino simultâneo. A mim não me parece ser evidente que uma aritmética mental adaptada por exemplo, com exercícios diversificados de acordo com as classes, leve mais meninos e meninas ao ensino secundário. Será que irão acumular mais conhecimento dessa forma, incluindo para melhorar o seu ambiente de trabalho? No ano passado, dois mestres-escola de Valburg e Herveld publicaram um livrinho de aritmética no qual todas as somas referem à agricultura. Para mim não é a solução. Para dar às crianças a oportunidade de adquirir os conhecimentos básicos para continuar a estudar, devemos, claro, sermos capazes de interessá-las. Para tal devemos estimulá-las a a conversar entre elas e ajudá-las a aprender a ver o mundo de diferentes ângulos. Isso não é possível ao fazer turmas de apenas crianças camponesas com problemas camponeses, turmas de apenas crianças operárias com questões de salários e turmas de apenas crianças de classe média com documentos abordando a administração financeira.”

“E por isso queres fazê-las trabalhar juntas?"

“Sim, mas eu sei o suficiente sobre os acontecimentos à nossa volta para perceber que a grande maioria de quem tem poder e dinheiro continua a se opor à educação universal para todos, ainda mais em grupos diversificados.”

“Então as crianças da classe trabalhadora devem unir-se não apenas entre si, mas com todas as crianças?”
“Essa é outra formulação para o meu ideal de repúblicas de crianças. Não quero excluir, não quero incluir, mas gosto promover a cooperação. Não falo de colaboração, mas explicitamente de cooperação. Os capitalistas uma vez adultos nunca vão entender lógicas de benefícios não individualistas enquanto continuam a ser formados em criança nas suas próprias escolas. Então, eles vão sempre em primeiro lugar querer defender as suas propriedades e o seu poder.”
“E dizes que eu sou radical, mas agora tu…”, ri Carine.
“Tenho os meus motivos. Manter feliz o pobre, a abordagem de Pestalozzi, continua a ser promovida como modelo, e de Fröbel alguns falam como sendo um pedagogo perigoso. Karl escreveu-me da Escócia, que vários estados alemães, liderados pela Prússia, proíbem ou desaconselham a educação de Fröbel, alegando ser ateísta e demagógica. Ele expressa a sua surpresa. A religião era exatamente um dos itens de discórdia entre ele e o tio. Há quem cita um conhecido da família Fröbel, Karl Varnhagen. Para ele, o ministro Von Raumer, ao banir o jardim de infância, mostrou ser tão estúpido que até confunde Friedrich com Karl. Toda a difamação, diz o amigo de família, tem mais a ver com o desacordo político relativo ao colégio para mulheres em Hamburgo dirigido por Karl e Johanna durante vários anos. Mas esse é um argumento fácil e talvez errado.”
“Então, não há mais jardim de infância?”
“Em vários estados alemães, não há mais, não. Mas os ex-alunos de Friedrich e Karl estão a espalhar-se. Eles partem para a

América com imigrantes alemães, por exemplo. Karl falou-me de Watertown, em Wisconsin, onde existe um jardim de infância em alemão para os filhos desses migrantes há vários anos. Em Boston, Elisabeth Peabody iniciou um jardim de infância em inglês, e Adolph Douai parece estar a administrar um jardim de infância alemão lá também. Entretanto há também as iniciativas na Escócia, graças a Karl Fröbel e Johanna Küstner."

"Leste os artigos falando de Hendrik Jan van Lummel?" pergunta um dos professores da aldeia a Johanna.
"O Hendrik da educação ilustrada?" é a contra-pergunta.
"Sim, o que achas? Ficas a saber que encomendamos as placas de parede educativas para nossa escola. "
"Portanto, a história permanece bíblica na escola da aldeia", brinca Johanna referindo às placas sobre a história bíblica.
O amigo e colega encolha os ombros. "O que queres Johanna, nós não trabalhamos num celeiro na natureza, como tu fazes com as tuas crianças. Temos aulas e ensino simultâneo, e essas placas ajudam muito para manter a atenção das crianças. E tentamos seguir as instruções do autor para não ficarmos só pela narração. Na nossa revista pedagógica o próprio colega Van Lummel fala das figuras como uma ajuda se *'a primeira instrução, que é dada de acordo com a natureza das crianças, visa obter conceitos claros, tão necessários para se tornar um adequado e útil membro da sociedade na idade seguinte e verdadeiro amigo d'Ele que na Terra também recebeu e abençoou os filhos'*. Vê, eu mostro-te algumas das placas que conectam a história humana com a Bíblia, e isso é bem elucidativo. Isso facilita a ida à igreja,

as crianças entendem realmente melhor qual é a sua obrigação relativo ao próximo."

"Então essas placas de história bíblica são coisa boa para ti", continua Johanna a provocar. "Entendo, é a tua obrigação de manter o equilíbrio entre católicos e protestantes aqui em Kelmis. Se o teu objetivo é de ensinar valores cristãos, o conselho de Van Lummel, também li manual, é bastante apropriado: *'Tenha em mente o maior objetivo de toda educação: a formação do coração através do desenvolvimento da mente, e faça bom uso de toda oportunidade que se apresente para trabalhar na mente dos pequenos, fazendo-os perceber o amor e a grandeza do Criador, espalhando assim as sementes da verdadeira piedade nos seus corações. Mas sem moral e sermões, não são do agrado dos pequeninos. Uma curta palavra do coração para as fazer perceber você ser sincero com o que está a dizer, terá mais influência do que vinte e cinco lições de moral por mais bonitas que sejam'*. Mas falando de algo diferente agora: existem também placas para ensinar geografia e outras novidades estão para breve pelo que vi. Os esquemas acerca do comércio e dos negócios interessem-me interessar. Avisas-me quando estiverem disponíveis?"

Caminhando para casa, Johanna pergunta-se o que Jan Hendrik Van Lummel terá dito acerca da personalidade do professor: as placas e todos os recursos em si não são tão importantes como é a personalidade. A formação é importante, mas não suficiente e gradualmente isso torna-se mais claro. Professores tem personalidade muito diversas. As associações de mestres-escola emergentes prestam atenção a isso? Vão elas encorajar a cooperação, fazendo com que o mestre a promova também na

sua turma? Ou irá todo esse ensino simultâneo, ilustrado ou não, limitar as crianças à colaboração com o professor, tal como os operários são obrigados a colaborar segundo as regras do proprietário e dos detentores do capital?

Johanna pensa na mais recente lei acerca do ensino nos Países Baixos, onde colega Van Lummel é diretor de escola há muitos anos. Desde 1857, mais clareza foi dada acerca do ensino primário ordinário e estendido. O ensino primário estendido tem mais disciplinas além da leitura, escrita e aritmética. O ensino ordinário só aborda de leve geografia, história, aulas de ciências e canto. Mas o ensino primário estendido aprofunda conceitos e acrescenta disciplinas práticas, ginástica e outras línguas vivas para além da língua materna.

No entanto, pensa Johanna, o bom da lei é de obrigar a mais disciplinas para todo o ensino primário do que antigamente. Prejudicial é continuar a se propor dois tipos de primeira escola. Isso levará a abusos, teme. Entretanto a educação ilustrada está hoje prevista na mesma lei. E existem indicações acerca das salas de aula, elas não podem ser prejudiciais à saúde das crianças. Todos os professores devem possuir um certificado de competência e bons costumes. As Escolas Normais podem solicitar escolas de excelência a receber formandos para a visualização de aulas modelo. E os municípios devem ter escolas suficientes para receber todas as crianças de qualquer origem ou religião.

Johanna pensa contudo na hipocrisia de quem está no poder. Estas leis são feitas para melhorar a escolaridade, enquanto o dinheiro continua a manter refém quem procura ter acesso à

mesma escolaridade. As condições de vida dos trabalhadores não mudam só com a escolarização dos pobres, mas também pondo limites ao enriquecimento dos ricos. Nesse ponto concorda com a amiga Carine. Ela leu em *Nederlandsch tijdschrift voor onderwijs en opvoeding* um artigo com o título *Reflexões sobre o maior ou menor desenvolvimento físico dos filhos dos pobres e dos não privilegiados versus os dos mais abastados*. De acordo com esse artigo, a escola deve se preocupar não apenas com a educação (educere), mas também com o crescer (educare). Johanna entende ser importante orientar alguns pais para ajudar a fazer crescer os filhos. Afinal, poucas pessoas sabem o quão importante são brincadeiras e atividades dirigidas para as crianças, até mesmo para torná-las mais dóceis e obedientes. Mas o texto não trata bem desses aspectos. As denúncias são mais dirigidas à desumana sociedade industrial e quem nela manda do que aos pais e colegas, assim lhe parece. O texto refere-se por exemplo a '*doenças e todos os tipos de miséria, a entristecer tantas vezes o ouvido infantil fora da escola. As preocupações e necessidades que tantas vezes entrem em casa enquanto convidados melancólicos e indesejados, muitas vezes não existem na escola. Aqui todo o trabalho e o esforço está longe da criança das classes baixas, ficando tantas vezes em casa com as mãos inchadas antes mesmo de atingir os anos de força muscular. Para muitas crianças pobres, passando em casa desde cedo pelas dolorosas experiências das pragas da vida, a escola é um verdadeiro refúgio*'.

Trata-se também de esconder do ouvido infantil expressões estridentes de paixão ou ódio. Nem sempre é possível no seio da

família, mas é possível na escola. Finalmente, fala-se do ambiente limpo e arrumado da escola em comparação com a aparência suja da casa pobre da classe trabalhadora.
Pode-se romantizar, pensa Johanna, mas ela realmente não entende o sentido das acusações. São dirigidas à escola quando ela silencia por completo a pobreza observada e finge não existirem as difíceis circunstâncias em que vivem as crianças pobres? Ou trata-se de acusar os pais das crianças de serem pobres, de lhes dizer para manter a casa de uma maneira diferente, de usar uma língua diferente? Isso melhorará a situação das crianças? Não se trata de um artigo com uma chamada revolucionária dirigida aos mestres-escola para pegarem nas armas contra os capitalistas pagando salários de fome às pessoas e por isso responsáveis por esse tipo de situação. Como entender a sugestão em como melhora a situação para as crianças '*se a escola não fosse apenas o lugar da educação, mas também de apoio ao crescimento*' censurando-a por se calar acerca das queixas de pobreza e fingir não existirem as condições angustiantes? Johanna acha todo o texto um sermão bastante evasivo.

Henri e Johanna são solicitados pela primeira vez pelo município de Kelmis de pagar imposto sobre rendimentos em 1859, pois estes rendimentos superam os 800 francos por ano. O burgomestre de Lasaulx conseguiu a taxação dos habitantes e muitos acreditam ser isso um passo em direção à independência sustentável do micro-estado. No entanto, no caso do casal, a taxa leva a uma discussão. Por decreto, os professores estão

isentos de imposto sobre rendimento, logo, a Johanna é professora ou não é? Segundo a autarquia, não é, ela não consegue apresentar uma prova de graduação. Enquanto mulher, dificilmente podia estudar na década de 1830, argumenta ela. No entanto, ela consegue fornecer evidências de auto-estudo supervisionado por Friedrich e Karl Fröbel. O argumento é decisivo para considerá-la *froébélienne* e mestra-escola. De qualquer forma, diz-se no município, Johanna não consegue realmente falar de rendimento. Algumas das crianças pagam uma taxa pelas atividades no Celeiro, claro, mas, em última análise, o imposto cobrado reflete os rendimentos de Henri.

O episódio leva Johanna a contactar os amigos de Oostende para ter notícias acerca do aluguer da casa na Kapellestraat. Eles informam-na sobre os termos exatos de uso e aluguer, tranquilizando-a relativamente aos próximos anos. Desde há dez anos, a renda fora sempre depositado numa conta bancária local e o valor aumentou consideravelmente. Frederick tem hoje dezesseis anos e deverá em breve continuar os seus estudos, aquele mealheiro será muito útil. Os amigos de Oostende aproveitam da carta para dar outras notícias. A cidade tem agora quase 17.000 habitantes, escrevem, incluindo cerca de 2.000 ingleses. A casa na Kapellestraat é um dos 1.500 edifícios disponíveis e permanentemente habitados. A cidade está a evoluir bem. Há muito interesse para os prazeres da praia no verão, e comércio e indústria cresceram o suficiente para manter a cidade financeiramente saudável. Entretanto, apenas uma pequena minoria dos 17.000 habitantes consta das listas

eleitorais: são cerca de 500 para a Câmara de Deputados, um pouco mais para o Conselho Municipal. Se ela morasse em Oostende e fosse homem, possivelmente estaria nessa lista enquanto proprietário de casa alugada. Mas sendo mulher as leis eleitorais atuais não lhe dão direito a voto nenhum. De resto, não há um único professor nos cadernos eleitorais, mas há seis talhantes, quatro cervejeiros, cinquenta taberneiros e trinta pasteleiros.

Na viragem do ano, amigos da ex-*Association Démocratique* hoje a viver na Inglaterra tem uma mensagem bastante espetacular. O cientista inglês do qual o Parisien falou há alguns anos está fazer-se ouvir novamente. Aparentemente, ele publicou um livro causando tanto rebuliço no mundo científico que todas as 1.250 cópias da primeira edição já estavam vendidas por assinatura antes de chegar às livrarias em novembro. Motivo? Neste livro intitulado *On the Origin of Species*, Charles Darwin fala da descendência comum de humanos e outros mamíferos, acrescentando evidências de homologias. Esboça como a seleção sexual parece funcionar e geral, ele sugere explicar assim as diferenças entre as variedades humanas chamadas raças. Naturalmente, muitas observações detalhadas e inferências já formam a defesa contra as muitas objeções esperadas. Ele permanece vago quanto à questão-chave da origem humana, mas escreve: '*Light will be thrown on the origin of man and his history*'. Ele apresenta a sua teoria com as frases: '*As many more individuals of each species are born than can possibly survive; and as, consequently, there is a frequently*

recurring struggle for existence, it follows that any being, if it vary however slightly in any manner profitable to itself, under the complex and sometimes varying conditions of life, will have a better chance of surviving, and thus be naturally selected. From the strong principle of inheritance, any selected variety will tend to propagate its new and modified form'. Nas suas conclusões, aponta o longo tempo decorrido desde que o planeta girou em torno do sol, e como nesse tempo as formas de vida mais maravilhosas evoluíram surgindo de formas de vida simples. Henri e seus colegas não são os únicos a prever a muita controvérsia causada pelo livro.

Os amigos na Inglaterra falam também das escolas dominicais de caridade, muito populares nalgumas partes do país e frequentemente tidas em casa por senhoras mais velhas. Claro, trata-se apenas duma educação muito rudimentar em moral e boas maneiras. Frequentemente, as senhoras usam cartões de recompensa com imagens coloridas representando cenas familiares e bíblicas, às vezes com um versículo na parte inferior. As cartas têm inscrições como '*Be Ye Kind One To Another*' ou '*Those That Seek Me Early Shall Find Me*' . Ainda de acordo com os amigos, o uso desses cartões para recompensar um bom comportamento tornou-se bastante popular em outras escolas. Nalgumas *Local Authorities' Education Committees* of *County Councils* pode-se mesmo considerar o início de uma espécie de produção em massa desse tipo de cartões especulando na tendência inata de fazer coleções. O nome do destinatário aparece nos cartões, dando a cada coleção um caráter pessoal. As crianças são então encorajadas a se comportar bem e daí

resulta uma coleção própria de cartões de recompensa, com desenhos, ditados ou versos devotos do tipo:

While many a child in heathen lands
Of Jesus never heard
We in this Christian country learn
To read God's holy word.

Lord, may we love the truth we learn.
The Saviours' law obey,
And as we sit in Wisdom's school,
Delight in Wisdom's way.

Um dos visitantes regulares da taberna é de origem neerlandesa . Quando ouve as conversas entre Henri e seus amigos, ele diz imaginar como cartões deste tipo poderiam ser usados nas Escolas Especiais. Quando questionado sobre essas escolas especiais, ele explica ter havido uma espécie de batalha escolar nos Países Baixos por causa do caráter não religioso das escolas do estado. Foi consequência da lei de 1857. Sob pressão das comunidades eclesiásticas fora criada a *Associação para a Educação Escolar Nacional Cristã*. A associação agrupa parte do das escolas que se convencionou chamar de escolas especiais. Aqueles cartões ingleses certamente seriam apropriadas nessas escolas, segundo o informante. De resto, diz, as escolas neerlandeses em geral estão a retomar algumas adaptações belgas. É o caso dos cadernos de Callewaert. Para ajudar as crianças a aprender a escrever, incluem-se exemplos de escrita no próprio caderno. Fazendo assim, crianças já não são obrigadas de copiar exemplos do quadro para um livro de exercícios em branco. Não é apenas útil, mas representa a ajuda

suficiente para desenvolver as habilidades de escrita mais depressa. Também evita passar papéis soltos com exemplos de carteira em carteira, causando distúrbios na sala de aula sempre que se perdem.

Quando Henri chega em casa, ele fala desses cadernos com Johanna. Ela mostra-lhe alguns exemplares. Por vezes deixa-os à disposição das crianças que lhe são confiadas. Mas, diz ela, existem maneiras mais agradáveis para adquirir habilidades de escrita. E ela convida Henri para dar uma olhadela na *Republica de Crianças* no Celeiro. Em pequenos grupos, as crianças trabalham juntas e ajudam-se umas às outras nas suas atividades. Johanna aponta para uma mesa onde Frederick trabalha com Annie Dehaan, agora com dez anos. Depois do jardim de infância no Celeiro, ela foi para a escola da aldeia, onde adquiriu habilidades limitadas de leitura, escrita e aritmética após três anos. Johanna conta a Henri ter sido Carine a convencer o pai de Annie de a levar para o grupo do Celeiro. Frederick gosta de ajudar a sua mãe e travou uma amizade instantânea com Annie. Ele fica feliz em ajudá-la nas atividades de leitura e escrita. Do canto de trabalha emerge de vez em quando uma gargalhada confirmando a observação de Johanna. Existem maneiras agradáveis de adquirir habilidades.

Novamente entre a escravização e a libertação

1862 começa mal para quem vive na margem dos grandes rios. Todo o Vale do Meuse está inundado de Dinant até a fronteira neerlandesa e todos os outros rios atravessando o sul da Bélgica e a Renânia ficaram provocaram cheios. Em Kelmis, os rios não causam grande problema, mas a chuva abundante transformou a pedreira da *Vieille Montagne* em enormes poços de argila lamacenta. O perigo de ficar preso ou mesmo sufocado e considerável.

Frederick Teacher está a morar com o tio em Nivelles pelo segundo ano já. Leopold encontrou o rastro de Johanna por acaso, uns anos após a morte de Hanne, graças a velhos conhecidos relacionados com *Vieille Montagne* e ele contactou a irmã. Ele dirige hoje uma próspera oficina como relojoeiro. Ele escrevera de gostar apenas ter notícias dela de vez em quando. Pelo seu conhecimento, ela e os filhos passaram a ser a sua única família viva. Ele próprio permaneceu solteiro. Aos poucos a correspondência fora se tornando mais frequente e há dois anos Johanna perguntara Leopold se ele poderia receber o seu sobrinho enquanto estudava na Escola Normal de Nivelles. Para arcar com os custos, ela disponibilizou parte do capital do aluguer da casa de Oostende. Frederick está quase a terminar o seu segundo ano e escreve uma longa carta para a sua mãe. Ele adiciona uma imagem de luz em que posa com Leopold. Leopold estava ansioso para enviar uma dessas imagens chamadas fotografia para a irmã. São o novo grito. O retrato

custou 10 francos, o salário semanal de um trabalhador. Mas o relojoeiro Leopold ganha bem ...

Minha querida mãe ,
Continua a estar tudo bem em Nivelles. O tio Leopold continua a contar histórias fascinantes acerca da sua paixão pelos comboios e as ferrovias razão pela qual se tornou relojoeiro e reparador. Hoje em dia ele faz a manutenção dos relógios de igrejas e de muitas estações ferroviárias da região, sabias? Mas a sua grande paixão vai mesmo para os relógios de bolso e de pulso. São muito apreciados aqui e representam uma nota pessoal para quem os usa.
Ele parece realmente encantado quando falo da tua República de Crianças no Celeiro. Às vezes falamos sobre as relações entre ricos e pobres. Tio Leopold irrita-se facilmente com a caridade católica. Artesão de sucesso com muitos negócios em Bruxelas, ele faz parte do rol eleitoral e ele sente-se bem representado por pessoas como Charles de Brouckère e André Napoleon Fontainas, atual burgomestre de Bruxelas, já percebi. Sabias que de Brouckère foi diretor da Société Vieille Montagne durante algum tempo? E sabias que desde a independência da Bélgica, Bruxelas sempre teve um burgomestre liberal? A propósito, conheci o burgomestre há algumas semanas, quando almocei com o tio Leopold num restaurante perto da Grand'Place. Acabou por ser uma conversa interessante. Falamos a certo momento do congresso próximo de liberais e republicanos relacionado com os aspectos sociais da educação. Vai que se realizar em Bruxelas

e será presidido pelo Burgomestre Fontainas. Apesar das minhas muitas saudades de ti e da minha aluna e amiga Annie, pretendo ficar um pouco mais em Bruxelas para acompanhar este congresso. Mas depois apanho logo o comboio para Herbesthal! Mas, mãe, o motivo do almoço no restaurante tem a ver contigo. Conheci uma mulher curiosa cuja mãe Zoé Gamond me falaste uma vez. O tio Leopold convidou-a para uma conversa sobre ela. Ele queria saber mais acerca do phalenstère que ela tentou criar recorrendo ao modelo hoje com o nome de Menage Societaire, na altura conhecido como Colonie Societaire, baseado nas ideias de Charles Fournier envolvendo Victor Considérant, lembras-te? Zoé veio para Bruxelas alguns anos depois e o resto sabes tu. Com a ajuda de Charles Rogier, ela tornou-se inspectora de jardins de infância, escolas primárias e normais sempre defendendo uma educação decente para meninas e mulheres. Bom, e depois do tio Leopold ter ouvido a história toda da Zoé pela boca de Isabelle Gatti, esse é o nome da filha dela, conversamos muito acerca da educação de acesso geral para todos. Falei do teu trabalho em Moresnet e ouvi falar da revista L'éducation de la femme *acabada de lançar pela Isabelle na qual defende uma educação ainda mais elaborada para as mulheres. Fiquei realmente impressionado com a sua motivação e concordamos em nos corresponder. Tomei a liberdade de lhe dizer que terias certamente interesse em trocar cartas com ela.*

Mudando de assunto agora: graças a um dos meus professores, recebi leituras interessantes da mão do filósofo

russo Lev Tolstoi. Ele fundou uma escola para os filhos dos trabalhadores rurais que acabaram de ser libertados de sua condição de servos na sua propriedade em Yasnaya Polyana, sabias? Existem outros lugares no mundo onde muito precisa ser feito para tornar a educação universal. Ele descreve os seus princípios de ensino num ensaio publicado no ano passado, intitulado A Escola de Yasnaya Polyana. *Aí ele critica a didática e propõe a espontaneidade no processo de aprendizagem. Vai te fazer bem de lê-lo. Ele é muito crítico da abordagem utilitarista, como ele diz, onde inclui Aristóteles e Rousseau. Desses últimos, e também de Locke, ele diz claramente que eles só estavam interessados na educação dos ricos. Ao lê-lo penso em todo o teu trabalho e o do teu avô de quem sempre me falas. Tolstoi parece-me estar realmente comprometido com a educação popular, e se os meus professores aqui estão certos, ninguém lhe agradece por isso. Ele seria até vigiado pelos agentes secretos do czar, ou pelo menos diz-se isso aqui. Falando da sua própria escola, ele explica desenvolve-la em função das orientações apresentadas por professores e alunos em conjunto. Apesar da intervenção dos adultos, afirma Tolstoi, os alunos têm o direito de não vir à escola e, uma vez na escola, têm o direito de não ouvir o professor. Por outro lado, o professor tem o direito de não admitir um aluno. Mas deve usar toda a influência ao seu alcance para conquistar a comunidade, onde as crianças formam sempre a maioria. Parece estranho, mas certamente não se pode chamar a isso de ensino simultâneo ou mútuo, isso é claro. Lembra-me vagamente a tua República das*

Crianças.

Deves ter ouvido falar da reformulação da formação nas Escolas Normais. Segundo os meus professores, não por enquanto não vai mudar grande coisa na Escola Normal Estatal de Nivelles. Quem se faz ouvir são principalmente os bispos encarregados da educação católica. Esses encrenqueiros conservadores não querem formação intelectual extensivo para os professores, porque isso os tornaria pedantes, dizem eles. Acho que eles não querem intelectuais nas escolas primárias da aldeia seja como for. Eles continuam a resistir à disseminação do conhecimento. Do que têm medo, podemos bem dizer, por amor de Deus? Em todo o caso, as regras mudaram para a formação de professores no ensino secundário inferior. Depois de terminar os meus estudos de mestre-escola, estou a pensar em fazer o curso de mais um ano e de me inscrever no exame estadual para me tornar professor de línguas e história no ensino secundário inferior. Mas isso ainda é futuro.

Como ficarei feliz de vos ver todos novamente.

Abraço todos

Passaram-se algumas semanas. Frederick está em casa. Ele passa o tempo a visitar amigos e ajudar a mãe introduzindo melhorias no Celeiro. Durante uma pausa, Johanna pergunta sobre o congresso no qual participou. Foi uma espécie de congresso de instalação da Associação Internacional de Ciências Sociais, *International Social Sciences Association* ou *ISSA* em

inglês, explica Frederick. Estava presente uma delegação da Sociedade Neerlandesa *'t Nut van 't Algemeen*. Joana mostra surpresa. Ela explica recordar-se da sociedade. Cuidou das Escolas Primárias Nacionais sob a gestão do *Reino Unido dos Países Baixos*. Ela lembra-se ter frequentado uma tal escola primária em Oostende por insistência do avô Jean-Jacques. A delegação presente, sabe Frederick, estava a procura de possíveis parceiros em outros países. O Burgomestre Fontainas deixou claro ser necessário de acelerar o lento desenvolvimento dos grupos locais envolvidos nas questões de progresso social. Ele disse antever o papel a desempenhar pela *ISSA*. Planeou-se um novo congresso em Ghent e os participantes ficaram com a tarefa de entusiasmar organizações locais públicas e privadas, academias, associações profissionais, literárias, médicas e científicas e todos os outros tipos de grupos interessados em trabalho conjunto para estarem presente.
Mãe e filho comprometem-se de cooperar modestamente, onde e quando puderem.

Em 1863 o médico Wilhelm Molly vem morar em Moresnet Neutro. Ele é contratado pela *Vieille Montagne* e inicia a sua prática de médico da empresa. Rapidamente torna-se o clínico geral da maioria dos residentes de Kelmis. Conhece Johanna Bender com quem se ira casar mais tarde. O doutor Molly consegue controlar uma ameaçadora epidemia de cólera sobretudo por cuidar da parte mais pobre da população através de visitas domiciliares. Na taberna e na rua ganha rapidamente a alcunha de ‘amigo do povo’.

Frederick está entretanto de volta a Nivelles e prepara-se para o exame estatal autorizando-o de trabalhar como professor de línguas e história numa escola secundária inferior, de preferência em Liège. Durante uma visita a uma gráfica, Frederick conhece um revisor um pouco mais velho que ele. Certo momento Frederick fala da mãe e de Oostende onde ela viveu antes de mudar para Kelmis. O jovem admira-se diz ele ter nascido na cidade costeira. Apresenta-se como César Depaepe. Frederick e César calculam ele ter nascido mais ou menos na altura em que Johanna deixou a cidade. Falam brevemente de Oostende e da sua característica cada vez mais afirmada de estância balnear para os cidadãos abastados da Bélgica e dos países vizinhos, depois de Leopold I mandar construir um palácio de verão de madeira na área das dunas entre Oostende e Mariakerke, enquanto aguardava a construção do palácio de verão nas proximidades da *Langestraat*. Por fim, César pergunta se Frederick tem tempo para beber um copo no sábado seguinte e falar de assuntos mais sérios.

Naquele sábado, os dois jovens falam do congresso da *ISSA* pelo qual César manifesta interesse. Ele refere-se ao movimento *Vlamingen Vooruit!*[1] em que esteve envolvido há alguns anos. Hoje quer-se envolver no progresso social numa escala mais ampla. Ele também sinaliza Frederick duas associações de livres pensadores criadas por Désiré Brismée, *les Solidaires* e *l'Afranchissement*. Ambas as associações agrupam pessoas a defender o funeral civil, mas elas também perseguem todos os tipos de causas sociais, daí seu interesse

[1] Flamengos à frente!

para a ISSA mencionada por Frederick. Ele próprio está afiliado na associação *Les Solidaires*. Ele sugere a leitura de Proudhon a Frederick, especialmente o trabalho sobre a natureza da propriedade. Frederick sabe esse homem versátil ter dito certa vez: "*Ou la propriété emportera la République, ou la République emportera la propriété*" em resposta aos protestos contra as suas propostas de tributar a propriedade e usar o capital assim adquirido para investimentos sociais. Mes ele lembra-se algumas observações dos pais. Pelo seu entendimento eles não gostavam muito de Proudhon quando eram ativos na *Association Démocratique*. César pergunta se isso pode ter a ver com a linha de pensamento de Karl Marx, na altura homem de proa da associação. Embora aceitando o estatuto de correspondente da associação Proudhon sempre teve as suas reservas, pois não estava interessado em novos dogmas com apóstolos próprios, mas sim na busca de soluções práticas contemplando diferentes ângulos. Marx inicialmente elogiava Proudhon como um verdadeiro socialista proletário, mas algum tempo depois considerava-o um pequeno burguês. Frederick ri-se. Marx, justamente ele, a acusar outro de ser um pequeno burguês. Talvez tinha a ver com as afirmações de Proudhon referente ao caráter revolucionário de uma luta, considera César. Proudhon, em discussão com Marx, terá argumentado não poder aconselhar a ação revolucionária como um meio de reforma social, porque esse pretenso conselho seria simplesmente um apelo à violência, ao arbítrio, em suma, uma contradição quando considerar a reforma social. Os proletários franceses, acreditava ele, tinham tanta

sede de conhecimento e seria muito indesejável oferecer-lhes apenas sangue para beber. Ele considerava errado abordá-los unicamente como exterminadores.
Frederick promete conversar acerca de Proudhon com os seus pais, até porque eles também não veem muito benefício em soluções radicais e gostam de manter uma atitude de diálogo. No entanto, alguns meses depois, ele é criticado pela mãe. Ela lembra a afirmação de Proudhon vendo como alternativa à mulher na fábrica a mulher dona de casa dependente do marido. Ele sempre manifestou-se contra o direito de voto para as mulheres. E tinha, e não sabe a Johanna se ainda tem, uma visão muito paternalista em relação à libertação de escravos negros. Às vezes, Proudhon confunde judaísmo com capital, dando a impressão de ser anti-semita, diz ainda Johanna
As observações da mãe faz oscilar Frederick por um longo tempo entre reforçar as organizações mutualistas, como por exemplo César as vê, e optar por mudanças mais profundas, inclusive por meio de partidos políticos, como parte da posterior *Associação Internacional dos Trabalhadores* irá defender.

Johanna e Frederick estudam o desenvolvimento da escola para rapazes em Hitchin, Hertfordshire. Lá, o chamado método Lancaster terá sido posto de parte depois do *Código de Educação Revisado* no ano passado ter descrito o método como muito pobre, porque muito é deixado nas mãos de alunos mais velhos não qualificados, havendo poucos professores presentes. Aliás, como mãe e filho puderam observar, a escola já tinha enriquecido o seu currículo por iniciativa própria graças à

intervenção de personalidades locais.
Entretanto, várias revistas pedagógicas falam da política educativa de Braancamp Freire, ministro do rei Luís de Portugal. Em Lisboa, foi fundada há um ano uma Escola Normal no distrito de Marvila. No discurso de abertura, o ministro comparou a carreira de professor à de padre. Assim, a missão do mestre envolveria um verdadeiro sacerdócio. Desejava ver a Escola Normal de Lisboa como um exemplo para o resto do país, porque a escola não se limitava a ensinar um novo método. O projeto desta escola era muito mais amplo e ambicioso e manteria o lema '*Les enseignants ne se trouvent pas, ils se forment*'.
E agora, um ano depois, teve início o primeiro curso noturno gratuito para adultos na escola prática anexa dessa Escola Normal. A intenção é ensinar adultos a ler e escrever com o método Castilho português e também a calcular. Para esse curso, um professor da escola anexa é assistido por dois formandos.
Na mesma publicação sobre educação e assuntos sociais, Frederick encontra outra notícia. O mundo operário local de Lisboa tem um novo sindicato com a fundação da *Associação União Fraternal dos Operários da Fabricação de Tabacos*.

Uma noite, Henri conta à esposa, filhos e convidados o desenvolvimento da vida e morte de Hong Xiuquan[1], de quem disse uma vez querer saber o que significava para os pobres na China ele ter anunciado ser o filho do Deus cristão e, portanto, o irmão mais novo de Jesus.

[1] Ver também volume 05 - Os escravos do poder

“A seita de Hong adquiriu logo vários apóstolos como líderes. Mas foi especificamente o próprio Hong a acreditar na sua ressurreição celestial e na sua missão divina. Era preciso livrar a China do confucionismo, disse, se necessário com espada e fogo”, começa Henri.
“A história de sempre então”, retorque Frederick. “A violência e o sofrimento devem levar as pessoas a um mundo melhor. O que têm esses profetas abraâmicos? Eles conhecem tão mal a figura do Cristo? Ou era o Cristo algum tipo de general espartano acerca do qual eles têm mais informações do que nós?”
“Arrogância devido ao cultivar da própria ignorância, talvez?” sugere Johanna.
“Ou outra prova que a mudança vem com sangue”, pensa Carine.
“Eu não sei,” continua Henri. “Mas fiquei a saber que Hong começou por queimar e destruir todas as referências à Confúcio na sua própria casa. Os seus primeiros seguidores eram parentes também eles reprovados no exame estadual para funcionários públicos e todos pertenciam à minoria Hakka. Talvez Confúcio fosse o responsável pelo fracasso, nunca se sabe… Então Hong ajudou-os a destruir santuários nas aldeias vizinhas, para grande consternação dos habitantes locais. Se esse acto de fé iria convencer o Deus cristão para os deixar passar no exame, não está claro, receio.”
“Mas como fazia Hong então para ganhar novos membros para o culto?” pergunta o marido de Carine.
“Hong e seguidores foram expulsos de sua própria província e iniciaram um novo rumo. Começaram a pregar, caminhando até

a 400 km de distância. O próprio Hong passou vários meses em Guangxi, onde escreveu a sua obra *Exortações para Adorar o Único Deus Verdadeiro* antes de regressar para a sua região natal e tornar-se professor de aldeia.

Mais tarde, ele conhece um pregador protestante, segue-o e quer converter-se ao protestantismo. Mas isso não acontece e quando volta pela segunda vez, Hong descobre a *Associação dos Adoradores de Deus* fundada por Feng, um de seus outros parentes pregadores. Quando Feng é banido, Hong junta-se a ele e dois outros membros do culto assumem a liderança da associação. Alegam entrar em transe frequentemente e falar enquanto manifestação da Santíssima Trindade."

"Na verdade, tudo isso tem pouco a ver com revolução ou com desenvolvimento popular", observa Frederick. "Proudhon facilmente podia zangar-se e falar de novos dogmas, como fez com Marx."

"Ainda não superaste o teu amor por Proudhon?" comenta Johanna com tom de provocação. "Mas concordo contigo, eu por mim receio ver nada aqui para iluminar outros mas só para os cegar."

"É provável," continua Henri. "Contudo, após o seu regresso, Hong e Feng dizem ter investigado as alegações dos outros e descobrir serem verdadeiras. Mas começam a ter problemas com invejosos pregadores ocidentais. Estes não aceitam Hong e observam com consternação ele ser mais bem-sucedido do que eles. Espalham então um boato. Hong nem sequer teria sido realmente batizado. Na altura Hong trabalhava numa tradução adaptada da Bíblia, a *Bíblia Taiping*. Ele explicava

como o Livro trata da fé real e ancestral na China, uma fé suprimida por Confúcio e pelo poder imperial. O deus do Antigo Testamento puniria as nações perversas, disse, e recompensaria as seguidoras. Mas Hong acrescentou alguma moral própria: os israelitas não bebem vinho e, em Génesis 38:16-26, ele apaga o relacionamento sexual entre o pai e a viúva do filho. No seu conjunto Hong providenciou uma mistura de utopismo comunitário, evangelismo e sincretismo oriental. Ele proclamou a igualdade sexual e na seita separou homens de mulheres. Todos os seguidores depositavam os seus pertences em tesouro comum."

"E conseguiu entretanto alguma coisa das autoridades locais?" pergunta Carolina.

"Indiretamente sim. Feng tinha sobretudo apoiantes numa área controlada por bandidos, e o facto de serem minoria Hakka fez com que esses bandidos se voltassem contra eles mais do que contra as autoridades. Mas quando a situação extremou, os bandidos acabaram por escolher Hong perante o perigo de serem presos pelas autoridades, fugindo com os membros da seita quando o perigo aumentava. Hong via-se por isso cada vez mais como um rebelde. Quinze anos atrás a seita teria cerca de trinta mil seguidores segundo informações que nos chegam hoje. Em 1851 os tumultos irromperam a sério provocando uma verdadeira carnificina com os seguidores de Hong a emergir vitoriosos. Hong declarou estar próximo o '*reino celestial de paz transcendente*'."

Frederico suspira. "Nada de novo debaixo do sol!"

"Na verdade não," concorda Henri. "Depois de tomar Yangon, o

exército da seita também tomou a cidade de Nanjing. Hong fez dela a capital de seu movimento. Aí vislumbrava-se uma certa preocupação social. Hong iniciou uma burocracia civil bem estruturada, mudou o calendário, proibiu o uso do ópio (deves te lembrar, Johanna, foi o que esteve na origem de todo o empobrecimento devido à importação inglesa do produto), e as mulheres receberam gradualmente um estatuto de maior igualdade social com os homens. As regras morais e religiosas emanavam do Palácio Celestial onde residia Hong. E então, já adivinharam, a diferença entre as classes reaparece. A poligamia fora proibida, mas no palácio, Hong e os seus associados mantêm o direito às concubinas. A arrogância do poder mostrava a sua cara, ou não era Hong um filho de Deus, segundo as suas próprias palavras? As coisas pioraram quando um ex-funcionário e a sua família foram assassinados em 1856, quando Hong suspeitava das suas ambições. Uma revolução palaciana estava em andamento, por assim dizer."

"E houve uma reedição do Terror?", pergunta Joana.

"Na verdade não", responde Henri. "Depois do assassinato do tal funcionário, as coisas só pioraram para Hong. Falhara a conquista de Xangai e a dinastia Qing recebera ajuda ocidental para destruir a seita. No início do ano, a cidade de Nanjing ficou em estado de sítio por muito tempo e não havia mais comida disponível. Hong ordenara os seus seguidores de se alimentar com o maná celestial. Traduzido para o chinês correspondia a orvalho doce e plantas medicinais. Hong alimentou-se provavelmente das mesmas plantas e sucumbiu. O seu cadáver terá sido exumado dois meses após a morte por ordem do

imperador. Ele queria ter certeza da morte de Hong. O corpo foi então decapitado e queimado."

"Triste fim para uma bastante triste figura", diz Johanna. "Agora, se ainda têm vontade para ouvir uma história mais reconfortante sobre como levar a sério a educação das pessoas apesar da oposição dos governantes conservadores, também vos posso contar algo." Ela pisca o olho ao Frederick e continua: "Isabelle Gatti escreveu-me recentemente. Começou em outubro o *Cours d'éducation pour Jeunes Filles* na rue du Marais em Bruxelas. Ela quer proporcionar às jovens mulheres uma sólida educação científica, sem interferência clerical. Mais uma vez o interesse vem sobretudo da parte da parte burguesia liberal, diz Isabelle."

Frederick diz: "Então ela conseguiu iniciar o seu projeto. Espero que ela tenha sucesso. Vou tentar visitá-la assim que estiver em Bruxelas. "

"Espera, a Isabelle deu mais notícias, acerca dos contactos com Charles (ou Karel) Buls", continua Johanna. "Ele esteve em Amsterdão no congresso da *ISSA*, onde, com outros defensores do ensino neutra, demonstrou grande interesse pelo modelo organizacional da associação *Tot 't Nut*. Segundo Isabelle, Karel interessa-se principalmente pela educação do povo. Ele é diretor de escola e acaba de fundar a *Ligue de l'enseignement* com mais alguns congressistas. A Liga pretende reformar a educação, fazendo uso das bibliotecas públicas, principalmente para facilitar a educação de adultos. Outras tentativas houve para fazer algo do género por iniciativa das associações anticlericais *Libre-Pensée* mas sem sucesso. Segundo Karel Buls, aquelas

primeiras tentativas de organização da educação do povo fracassaram por ter como único objetivo principal proporcionar meio de emancipação pessoal e política para quebrar a '*piada católica romana papista*', são palavras suas. Mas os liberais aos quais se associou têm planos mais abrangentes. Para que todos possam participar da democracia de forma emancipada, a população trabalhadora deve estar preparada e ter conhecimento suficiente. São três os objetivos da *Ligue*, dizem os seus dirigentes."

"Deixe-me adivinhar", diz Henri, "a educação é um deles."

"Certo", responde Johanna, "mas o nosso Frederick ficará feliz em saber da importância dada às ideias de Fourier, Saint-Simon e do seu querido Proudhon, por assim dizer." Ela ri e continua: "Veja só: sugerem-se associações mutualistas, de auto-ajuda e poupança cooperativa, reforços educativos por meio de bibliotecas locais e públicas e a adesão a cooperativas de produção e de consumo."

Carine observa: "Portanto, cooperação, poupança, ensino e educação são a resposta contra os abusos sociais. Isso aplica-se apenas aos pobres por alguns referidos como o povo, ou aplica-se a todos?"

Henri responde: "Aqueles liberais radicais pensam em primeiro lugar na emancipação do povo, isso é verdade. Não está claro para mim como lidam com os ricos. Eles parecem querer enriquecer todos. Achas que simplificam demasiado o assunto?"

Carine responde: "Acho sobretudo que julgam mal a arrogância de aristocratas, conservadores e ricos proprietários. É bom, claro, trabalhar ***para*** alguma coisa, mas talvez é também

necessário trabalhar ***contra*** o capital e o voo que está a tomar."
"Talvez tenhas razão", observa Frederick. "A mãe disse há pouco '*educação das pessoas apesar da oposição conservadora*'. A nossa conversa em como lidar com essa oposição está longe de ficar terminada. Mas Carine, não concordas que ser *contra* algo sem esclarecer o pano de fundo conceptual se pode revelar perigoso? Pensa nos anos de terror após a Revolução Francesa."
Henri continua: "Então, não é possível abordar também os ricos e fazê-los perceber como levar uma boa vida com menos? Devemos mandá-los todos para um falanstério? Documentei-me um pouco acerca dessas tentativas para construir comunidades imaginadas por Fourier, quando vi a tua carta à mãe na qual falas disso, filho." Henri olha para Frederick e continua: "Chama à atenção haver pessoas ricas, até grandes proprietários de terras, a fazer doações para tais iniciativas, mas não participar ativamente nelas."
"Talvez devêssemos pensar em progressões mais lentas", sugere Johanna. Fiz uma assinatura para o *Magasin d'éducation et de récréation* acabado de ser lançado por Jean Macé e Jules Verne com a ajuda de Pierre-Jules Hetzel, porque vi o nome *Jean Macé*. Sabes," Johanna olha para Carine, "é aquele pedagogo que tem posto em prática as suas ideias relativo ao ensino de ciências há cerca de dez anos numa escola para meninas na Alsácia." Ela vira novamente os olhos para Frederick e diz: "Enquanto professor, teve a ideia de escrever livros de popularização científica para crianças. Lembras-te de *l'Histoire d'une bouchée de pain, lettres à une petite fille sur nos organes et nos fonctions?* Temos uma cópia aqui em nossa biblioteca do

Celeiro. E como disse, Júlio Verne é um dos redactores da nova revista. Assinei-a por parte por causa dos fascículos do livro *Les Anglais au Pôle Nord*. Quem idealizou a revista disse ter a intenção de ver a educação como um ideal coletivo e fazer dela um remédio contra a injustiça social. A revista afirma contribuir para uma vida melhor para todos porque ajuda a levar o conhecimento para todos."
Henri comenta: "É um ato nobre, claro, e provavelmente tens razão. Precisamos de tempo. Nem todo o público visado irá ler esta revista. Para quem ganha cerca de 200 francos por ano, uma assinatura de 12 francos é um valor inacessível, visto os custos de alimentação e do aluguer da casa. Ou seja muitos potenciais leitores precisam mesmo de bibliotecas ou de escolas como a tua. E precisam ter tempo para ler, é claro. Não sei se os trabalhadores da *Vieille Montagne*, por exemplo, têm esse tempo."

Nos anos seguintes, Frederick tem muito trabalho e visita Moresnet com menos frequência. Ele mantém naturalmente uma correspondência frequente com os pais. E depois de fazer quinze anos Annie começou a escrever regularmente para Frederick, agora com vinte e um. As cartas dela deixam-no às vezes um pouco nervoso. Ele lembra-se dela enquanto criança quando ela lhe pedia ajuda na escola do Celeiro. Frederick tinha então a idade que ela tem agora. Ele sempre se sentiu muito confortável na companhia dela e eles são bons amigos. Qaundo está em Moresnet, eles visitam-se. Ele gosta de ouvi-la relatar as suas aventuras como empregada doméstica e ama permanente

dos filhos de um dos engenheiros da *Vieille Montagne*. Começou este serviço há dois anos, para se sustentar a si própria depois da saúde do pai ter piorado. As cartas da Annie fazem-no perceber como ela também se sente muito confortável na sua companhia. O constrangimento tem a ver mais algo. Por duas vezes não conseguiu um avanço maior, primeiro com uma professora de jardim de infância e agora com uma amiga com quem ele tem saído frequentemente, desde que se mudou para Liège. Por duas vezes, naquele momento específico, o rosto de Annie apareceu na sua cabeça, começando ele logo a gaguejar se mudar de assunto. Ele suspeita ter-se apaixonou por Annie, mas guarda ansiosamente esses sentimentos para si. Entretanto procura entretê-la com histórias sobre as suas primeiras experiências como professor de línguas e de história no *Athenée Royal* em Liège.

Frederick já entrou algumas vezes em contato com Octavie Masson, por ela estar a experimentar com a educação Fröbel. Falam do crescente interesse por este modelo educativo não só entre educadores de infância e professoras, mas também entre pais mais informados. Trata-se de uma grande mudança segundo Octavie explica ao Frederick, como a mãe dele certamente já lhe contou. Em vez de simplesmente 'guardar' as crianças menores e protegê-las de acidentes e perigos, o objetivo é educá-las e ensina-las. Como Octavie e muitos outros educadores, Frederick sabe ser possível de ensinar muito às crianças desde tenra idade, quando o ambiente é transformado em espaço de brincadeira e observação.

Em 1865, o governo belga decide retirar a Oostende o estatuto de assento militar. Estão criadas as condições para levar a cidade ao seu apogeu com o município a desenvolver-se sem mais entraves como estância balnear. As muralhas são removidas e moderniza-se o acesso às docas para os navios a vapor levando os passageiros vindo de Londres possam a entrar diretamente na estação ferroviária de Oostende. Daí quase todas as principais capitais do continente podem ser alcançadas.

Neste mesmo ano, morre o primeiro rei dos belgas. Fica para o filho, intitulado Rei Leopoldo II não só acompanhar o desenvolvimento da cidade costeira, como lhe deixar o seu cunho pessoal em muitos aspectos.

As aspirações da população aristocrática e de classe média belga coincidem com as da elite francesa sem rei complacente mas com um imperador decepcionado. Mesmo se as notícias acerca de governantes anunciando defender os trabalhadores sejam sempre vistas com alguma desconfiança na taberna favorita de Henri, fala se muito de Napoleão III. Ele auto-proclamou-se por assim dizer imperador da França. Os católicos franceses não estão satisfeitos com as políticas italianas do imperador. E quem detém o grande capital e quem é proprietário industrial está zangado por causa do acordo de livre comércio assinado pelo imperador com o governo britânico há cinco anos. Então, vejam bem, diz-se ao balcão da taberna, o próprio imperador parece hoje procurar apoio do resto da população, dos trabalhadores agrícolas e fabris. Em 1862 ele criou a *Société du Prince Impérial*, com o objetivo de constituir um fundo para prestar ajuda temporária a famílias pobres da classe trabalhadora. Agora quer

aprovar uma nova lei dando força à inspeção do trabalho para efetivamente fiscalizar o trabalho infantil, já legalmente restrito. A nova lei encontra-se bloqueada pelo *Conselho de Estado*. De seguida o imperador financia a viagem de uma delegação de trabalhadores liderada por Henri Tolain à Feira Mundial de Londres. O socialista Albert Thomas teme estar a assistir ao nascimento de alguma espécie de socialismo imperial e considera este desenvolvimento perigoso para a saúde da república. Contudo, a delegação regressa entretanto de Londres e exige imediatamente uma lei autorizando os trabalhadores a se organizar segundo o modelo britânico.

Durante as reuniões de taberna, Henri e seus amigos discutem Tolain. Logo em 1864 *o Manifeste des Soixante* é assunto de conversa.

"Tolain está certamente a favor de regulamentações para tornar os trabalhadores menos dependentes da benevolência voluntária dos burgueses e dos ricos", começa o taberneiro. "A exigência de expandir e generalizar ainda mais o sistema de seguro mútuo parece-me uma jogada inteligente."

"Aparentemente o manifesto defende uma melhor educação dos trabalhadores, e quem o assina quer alterações no ensino primário e profissional", observa Henri. "Além disso, os signatários exigem uma nova lei, mais flexível, para regular a vida associativa."

"Mas resta saber se esse ensino primário servirá aos trabalhadores ou aos governantes da nova república imperial", alguém observa. "É melhor falar sobre isso lá em casa", acrescenta olhando para o marido de Carine.

“Carine vê com maus olhos o namoro repentino entre o imperador e certas partes da população trabalhadora”, responde o destinatário.
Henri continua: “Johanna tem dúvidas, sobretudo em relação ao tipo de ensino pretendido. Ela pensa conseguir deduzir dos artigos nas revistas pedagógicas as pretensões das associações de trabalhadores ou as sociedades mutualistas também encarregues da educação das crianças. Muitas vezes não têm outro desejo senão proporcionar aos filhos dos trabalhadores ainda não escolarizados o tipo de ensino organizado pelo próprio Estado ou pelos estados vizinhos através de uma rede pública. E, diz ela, muitas vezes isso significa *apenas* instrução básica. Não se fala de filosofia por exemplo, nem de levar a refletir acerca da desigualdade de classe e entre ricos e pobres. Eu por mim é como entendo a seguinte passagem do Manifesto:
‘*Examinons la situation actuelle sans amertume et sans prévention. Que veut la bourgeoisie démocratique, que nous ne voulions comme elle avec la même ardeur? Le suffrage universel dégagé de toute entrave? Nous le voulons. La liberté de presse, de réunion régies par le droit commun? Nous les voulons. La séparation complète de l’Eglise et de l’Etat, l’équilibre du budget, les franchises municipales? Nous voulons tout cela. Eh bien! sans notre concours, la bourgeoisie obtiendra ou conservera, difficilement, ces droits, ces libertés, qui sont l’essence d’une société démocratique. Que voulons-nous plus spécialement qu’elle, ou du moins plus énergiquement, parce que nous y sommes plus intéressés? L’instruction primaire, gratuite et obligatoire, et la liberté du travail*.’
Igualdade significa apenas generalizar o que antes eram direi-

tos e privilégios de poucos? Até aí parece-me uma jogada viável. Mas depois? Vamos todos viver em palácios? Ou devemos pensar em casas mais simples e mais uniformes, tanto para aristocratas, burgueses e trabalhadores? Todo o mundo deve ter uma casa com um celeiro? Igualdade implica aumentar os bens disponíveis ou redistribuir os existentes? Acho por isso as dúvidas de Johanna são justificadas."

O Parisien observa: "Não se pode, claro, esperar de quem não foi educado para aprender a pensar que sem mais imagine espontaneamente uma forma de ensino dando destaque central ao pensamento e ao diálogo. Como muito bem sabes, o Celeiro da *Société des Enfants Républicains* é uma invenção de tua esposa. Ela teve a oportunidade de aprender com a sua família e com pensadores pedagógicos que foram e vão além do ensinado nas escolas normais emergentes para formação de futuros mestres-escola. Citaste recentemente o português Braancamp Freire: os professores não são encontrados, mas são formados. Mesmo assim, ele pode estar a pensar num ensino diferente daquele imaginado pela tua esposa. O desenvolvimento popular em sentido amplo e a consciência humanitária de ricos e pobres não são adquiridos de modo espontâneos. E vai depender muito da empatia de quem inicia o processo, acho eu. Caso contrário, rapidamente passa-se de desenvolvimento para a doutrinação no sentido atual da palavra."

"O sentido atual?" pergunta o taberneiro.

O Parisien responde: "Sim, hoje não se trata de atribuir valores morais com uma doutrina tornando possível a convivência, mas de impor um modo de pensar, uma instrução mais rígida para

definir como cada um se deva portar, digamos assim."
"Voltando ao *Manifeste des Soixante*", diz outro: "Fala da supressão no Código Civil do artigo 1.781 '*Conta a palavra do Mestre para o apuramento dos dados relativos aos salários, ao pagamento dos vencimentos anuais e para os prazos para a sua execução para o ano em curso*'. Dever tornar os trabalhadores menos dependentes de informações ocasionalmente ou intencionalmente erradas. Muda a escrituração nos locais de trabalho. Mas se passará a haver acordos claros com todos os trabalhadores, quanto mais acordos escritos? Ainda não é claro."
"A exigência de criação de estruturas sindicais pode ter algo a ver com isso", diz o marido de Carine. "Mas o caminho é longo. Os pedidos incluídos no Manifesto podem soar bem, mas as razões invocadas para definir o lugar das mulheres, por exemplo, essas são bastante conservadoras. O manifesto diz: '*Nous dont les enfants passent souvent leurs plus jeunes ans dans le milieu démoralisant et malsain des fabriques, ou dans l'apprentissage, qui n'est guère encore aujourd'hui qu'un état voisin de la domesticité; nous dont les femmes désertent forcément le foyer pour un travail excessif, contraire à leur nature, et détruisant la famille; nous qui n'avons pas le droit de nous entendre pour défendre pacifiquement notre salaire, pour nous assurer contre le chômage, nous affirmons que l'égalité écrite dans la loi n'est pas dans les mœurs, et qu'elle est encore à réaliser dans les faits. Ceux qui, dépourvus d'instruction et de capital ne peuvent résister par la liberté et la solidarité à des exigences égoïstes et oppressives, ceux-là subissent fatalement la domination du capital: leurs intérêts restent subordonnés à d'autres intérêts*.' Eu pergunto-me por que

deveria haver uma abordagem diferente ao excesso de trabalho das mulheres e dos homens. Pergunto-me até que ponto o trabalho exigido a muitos homens não é também contra-natural. A destruição da família resulta apenas das condições de trabalho das mulheres, ou é fruto da atitude de quem só considera a valorização do capital e vê trabalhadores homens e mulheres como meros objetos? E por que infiltra-se a ideia ser menos importante a presença dos homens do que das mulheres para criar e educar os filhos?"

Cerca de um ano depois, Tolain volta a ser assunto de conversa. O taberneiro sabe como '*o vosso velho amigo Marx*', piscando o olho para Henri e seus próximos, ficou satisfeito com o Manifesto, quando chegou a ser discutido nos escritórios da *International Workingmen's Association* em Londres. Não é portanto surpresa para ninguém quando Tolain assume o comando da *Association Internationale des Travailleurs* na França.

Henri aproveita para relembrar os avisos de Proudhon relativamente a ilusão do parlamentarismo operário: "Afinal Proudhon defende a abstenção nas eleições," diz ele. "Apesar das reservas de Johanna acerca de algumas das ideias de Proudhon, pessoalmente, continuo a ver mais benefícios numa rede de fundos mutualistas que dialogam entre si e se afastam da ilusão de igualdade na propriedade, seja na posse de dinheiro, da terra, de trabalhadores ou do poder."

O Parisien sorri-lhe e diz: "Admiro-te pela tua fé inabalável na tua utopia, Henri. Eu serei o primeiro a ajudar-vos a tu e a tua esposa para estabelecer uma rede de *Sociétés d'Enfants Républicains*."

O continente americano só fica longe de Moresnet geograficamente. A proximidade da Prússia e do Reino da Saxônia, de onde, atraídos por uma vida melhor, muitos se aventuram para atravessar o oceano faz com que a guerra entre a União dos Estados do Norte e a Confederação dos Estados do Sul seja outro assunto de conversas. Entretanto o conflito parece ter chegado ao fim. E segundo os jornais, tem sido um uma guerra muito sangrento. Na opinião de Henri ela irá criar desconfiança entre os habitantes dos diferentes estados ao longo gerações, apesar de estarem novamente unidos sob um só presidente. Claro, também a escravatura é discutida. Segundo o marido de Carine, o recurso a escravos desapareceu gradualmente nos estados do norte mais industrializados, não tanto por se considerar repreensível de manter escravos, mas simplesmente porque um operário fabril mal pago é mais produtivo do que um escravo não pago. Contudo, nos estados agrícolas com grandes plantações, o trabalho feito por de escravos continua rentável. Além disso, diz o taberneiro, os proprietários de escravos retomaram outra prática, sendo ela até uma nova fonte de proveitos desde a proibição da importação de novos escravos vindo de África. A criação de escravos para venda prospera tal como a venda do gado facilitando a ocupação de novas terras. Henri quer fazer alguma nuance. Nem tudo é bom no Norte, nem tudo é mau no Sul. Também leu *A cabana do tio Tomás ou A vida entre os humildes* de Harriet Beecher Stowe, claro. Johanna tem uma cópia do livro na *biblioteca popular*. E tem a edição holandesa adaptada para crianças *Een kijkje in de hut van oom Tom door Tante Marie, voor*

hare neefjes en nichtjes; met eene toespraak van de schrijfster, H. Beecher-Stowe, aan de jeugd[1]. Uma cópia francesa e alemã também estão disponíveis. Segundo o Parisien, o livro pretende apresentar a luta entre a União e a Confederação como uma entre quem está em favor ou e quem está contra a abolição da escravatura. Esse teria sido o argumento para a União conseguir assegurar a presença ao seu lado das casas reais e dos governos europeus. Aparentemente muitos já aboliram ou condenaram no papel a escravatura. Henri a análise muito simplista. Ele concorda que o livro é mais um panfleto do que um romance. É cedo saber se o livro constitui um bom ou mau contributo na luta contra a escravatura. Aparentemente, deu origem a vários outros livros defendendo a escravatura. Estes pintam uma espécie de sociedade idílica na qual bons patriarcas brancos pastoreiam os seus 'filhos' negros. Esses por sua vez colaboram para fornecer riqueza à propriedade controlada por pelos patriarcas. Uma nova versão do bom fazendeiro ou senhor rural zelando pelos seus servos. Obviamente esses grandes latifundiários relacionam-se mal com os donos do capital industrial que cuidam do seu capital e, ao fazê-lo, descobriram que a contratação de trabalhadores por baixos salários nas fábricas e oficinas beneficia esse capital.

Em finais de junho de 1866 Johanna trabalha com cerca de cinquenta crianças na *Société des Enfants Républicains* já não com Frederick mas conta com a presença a tempo inteiro de

[1] Uma olhada na cabana do tio Tom por tia Marie, para seus sobrinhos e sobrinhas; com um discurso dirigido à juventude pela autora H. Beecher-Stowe.

Carine. Ela prepara todas atividades ao ar livre junto com Carine e as crianças. As atividades incluem a manutenção da horta, claro, mas também várias idas a Kelmis. Há alguns meses, as crianças até conversaram com um dos administradores da *Vieille Montagne*. Ele ficou bastante impressionado com as habilidades linguísticas das crianças e com o conteúdo das perguntas. A informação chega à Joana mais tarde pela boca do seu colega da escola da aldeia a quem se observou na mesma altura talvez não ser muito prudente tornar as crianças tão eloquentes. Johanna limita-se a encolher os ombros.

Pouco depois, os educadores de Moresnet aprendem a morte de Adolph Diesterweg. Johanna aproveita para discutir com os seus colegas *Der Unterricht in der Kleinkinderschule oder die Anfänge der Unterweisung und Bildung in der Volksschule*[1] da mão do pedagogo. Diesterweg defende claramente uma pedagogia social. Johanna já o tinha percebido quando leu em tempos a *Pädogische Revue* então publicada por Karl Mager. Aí, o termo '*pedagogia social*' foi usado para se distanciar da pedagogia coletiva ela própria em oposição à pedagogia individual. A pedagogia coletiva corresponde sem dúvidas ao ensino mútuo ou ensino simultâneo. Segundo Johanna, o termo *pedagogia social* enfatiza mais o conteúdo do trabalho com as crianças e menos a forma. Na *Société des Enfants Républicains* ela procura exactamente dar este foco. Ela tem optado conscientemente por um modelo de trabalho com o qual as crianças não são submetidas ao ensino simultâneo, mas aprendem juntas, sob a

[1] Aulas na escola para crianças pequenas ou os primórdios do ensino e da educação na escola popular.

orientação de dois adultos.

A co-educação de rapazes e raparigas continua quase inexistente na Europa católica. Ainda por cima, as escolas femininas vezes continuam muitas a permanecer fora da esfera da escola pública. Na Câmara dos Deputados de Portugal, o Ministro do Reino declara haver poucas escolas para raparigas devido à falta de mestras-escola, enquanto as escolas normais ainda não as formaram. Os municípios não têm de resto dinheiro para instalar novas escolas. Mas isso é só parte do problema. Há apenas três anos a *Comissão de Instrução Pública* deste país católico do sul da Europa, voltou a definir a educação feminina: '*A mulher por ela, bem que com muitas excepções, é apenas mulher, e urge conformar-lhe o espírito pela instrução para companheira e conselheira do marido, para educadora de seus filhos, na primeira infância, e para harmonia e alumiamento do lar doméstico*'.

No entanto, existem escolas de rapazes e raparigas na província, dando às raparigas pelo menos a oportunidade de aprender a ler e escrever. Mostram, talvez involuntariamente, que raparigas e rapazes têm as mesmas capacidades de aprendizagem.

Entretanto mais mestres-escolas parecem experimentar os métodos sonoros para acelerar a aprendizagem da leitura conseguindo introduzir boas melhorias. Na Holanda, um método com palavras de referencia, o *normal woord methode de Bouman* está em ascensão, dando seguimento ao anterior método de Prinsen. Nas placas de parede e nos pequenos livros contendo as ilustrações para as palavras básicas, como *roos, peer, hoed,* as palavras são apresentadas em letras impressas e manuscritas.

Leva-se as crianças a tentar pronunciar as consoantes sem som adicional, mostrando melhor a função das vogais. As letras são ensinadas com versos e histórias. Johanna fica feliz ao ver surgir um método baseado em palavras significativas para as crianças. Johanna vê como principal diferença com a sua própria abordagem as palavras utilizadas. Ela costuma adotar palavras sugeridas pelas próprias crianças. A antiga Casa Escola do Keizerskaai, continua a ser a sua referência.

No final do ano, Johanna fica a saber da correspondência entre Karel Buls e Jean Macé. Frederick conta que Jean Macé participou na assembleia geral da *Ligue Belge de l'Enseignement* em setembro em Liège. Karel Buls referira-se ao artigo de Jean Macé em *l'Opinion Nationale* clamando por uma *Ligue* francesa como minucioso. E quando Jean Macé decidira ele próprio por a mão na massa solicitara Karel Buls de encontrar alguns interessados para ingressar esta Liga Francesa, dizendo: '*C'est un atout dans mon jeu si je puis montrer qu'on prends déjà la chose au sérieux à l'étranger*.' Frederick juntara-se à *Ligue Belge*. Johanna junta-se agora à *Ligue Française*, não só porque agrada-lhe pertencer a uma associação promovendo o ensino gratuito, obrigatório e liberal, mas também porque continua a apreciar o *Magasin d'éducation et de récréation* sobre a qual tem hoje uma assinatura permanente.

Enquanto Johanna e Frederick conversam com Carine sobre o futuro das várias Ligas Nacionais de Educação emergentes, a conversa na taberna centra a curta guerra entre a Áustria e a

Prússia. Muito resulta das histórias contadas por Wilhelm Molly. Ele serviu várias semanas como médico de exército no lado prussiano do conflito. De acordo com Henri, trata-se realmente de uma luta fraterna. Ele ouve Molly dizer como nalguns casos só olhando para o uniforme, ele sabia se lidava com um soldado do exército prussiano ou do austríaco. Mas os ouvintes estão especialmente sensíveis às histórias sobre o sofrimento dos feridos. Pouco mudou no campo de batalha, apesar dos relatos de Florence Nightingale, faz agora mais de uma década, após a Batalha de Sebastopol. Wilhelm refere dois colegas seus e o empresário Henry Dunant. Eles estão na origem de uma convenção assinada pela Prússia em 1864. Com essa convenção, dita de Genebra, os Reinos e Estados signatários acordam garantir imunidade em caso de captura, além de proteger a população civil. Além disso, deve ser evitado a destruição de instituições que tratam soldados feridos e doentes. Essas instituições são incumbidas a receber e tratar com imparcialidade todos os combatentes. Uma Cruz Vermelha é utilizado como símbolo identificador para todas pessoas e todos os equipamentos abrangidos pelo acordo. A Áustria não tinha assinado a convenção na altura da guerra, mas agora pretende fazê-lo. As pessoas falam da dificuldade de colocar em prática uma convenção tão empática. Henri aponta novamente para o problema da luta fraterna. Como decidir enquanto médico ou enfermeiro sobre a prioridade a dar? Conta apenas a lesão ou conta também a origem da pessoa lesada? Uma convenção pode conduzir emoções?

Em abril do ano de 1867, outro assunto surge na taberna favorita.Tem a ver com uma notícia trazida pelo Parisien. No *Le Timbrophile* Pierre Mahé anuncia a emoção de selos postais próprios no condomínio de Moresnet. Todos estão surpreendidos, porque o burgomestre Joseph Kohl nunca referiu esta iniciativa e, quando questionado, mostra a mesma surpresa. Alguns dias depois, o taberneiro tem a explicação: foi uma piada no Dia da Mentira. O filatelista belga e editor de *Le Timbre-Poste* Jean-Baptiste Moens cansou-se de ver Mahé frequentemente plagiá-lo. Inventou toda a história, para depois achincalhar Mahé. As pistas estavam lá. A mensagem foi publicada em 1º de abril e se refere à gráfica Visch (peixe), portanto, um '*poisson d'avril*'. Todos riem-se da partida, mas Wilhelm Molly, sentado no seu canto, põe um ar pensativo.

A conversa muda para os planos de Louis St Paul de Sinçay, o diretor mais influente de *Vieille Montagne* desde há dez anos quando Charles de Brouckère deixou o conselho de administração. A sua ideia consiste em atrair mais matéria-prima de outras minas para não pôr em risco a produção de zinco em Kelmis. A mina local começa a mostrar evidencias de ficar esgotada. Claro, ninguém sabe ainda o que acontecerá aos com os mineiros. Ma o entusiasmo é grande porque o projeto inclui levar uma ferrovia até La Calamine. Isso poderá já ser o caso no espaço de cinco anos. Os locais estão com grande esperança.

Napoleão III não cuida apenas da sua relação com a população trabalhadora, mas também da imagem do seu

império no exterior. Em 1864, quando financiou a viagem de Tolain à Feira Mundial de Londres, já decidira para uma exposição semelhante no Champ-de-Mars, superando em magnitude a *Exposition Universelle* de 1855. E agora, desde o 1º abril de 1867 a exposição está aberta ao público e assim permanecerá até novembro. A agricultura e a indústria são os temas centrais. Não faltam as muitas invenções com eletricidade. Júlio Verne inspira-se para um novo livro, posteriormente publicado com o título *Vinte Mil Léguas Submarinas*. Neste mesmo *ano eléctrico*, Micheal Faraday falece. Em Moresnet é relembrado aquele cientista tendo recusado por razões éticas atender ao pedido do governo britânico para desenvolver armas químicas durante a Guerra da Crimeia.

Voltando a Feira Mundial, o Parisien comenta com desdém a necessidade de Napoleão não só para impressionar com a "localização", mas também com a "habilidade francesa". Afirma ser isso a única razão pela qual Alphonse Beau de Rochas recebeu um grande financiamento para a construção de um eficiente motor de combustão interna de quatro tempos. Questionado porquê fala com tanto escárnio, o Parisien esclarece não estar em causa a invenção, mas o modo como se sobrepõe a nacionalidade ao feito: as invenções são francesas, inglesas, alemãs, belgas, etc. Em vez de assumir, como fazem os investigadores sérios, as invenções como sendo feitas por pessoas para quem a criatividade não depende da sua nacionalidade, mas da oportunidade que tiveram para a desenvolver.

Quando Henri reproduz a conversa em casa, Johanna comenta

que desenvolver a criatividade hoje depende também da nacionalidade. Henri mostra-se surpreendido pela afirmação de Johanna e ela esclarece: "Com o aumento da demanda de proporcionar educação e ensino para todos, vemos claramente como diferentes Estados, republicas e reinos, a abordam de maneiras diferentes. Governos mais conservadores limitam as oportunidades de ensino para grandes segmentos da população, enquanto governos mais liberais generalizam a escolarização e o ensino. Mas fazem-no de maneiras diferentes e até mesmo entre proponentes do ensino neutro e generalizado há quem introduz aspectos de subjugação no ensino. As ligas nacionais de educação podem desempenhar um papel a favor ou contra este fenómeno."

"Em todo lado?" pergunta Henri.

"Ainda não existe tal liga na Inglaterra, mas a *Birmingham Education League*, liderada por George Dixon, trabalha localmente.

A Liga Belga espelha-se no *Tot 't nut van 't Algemeen* neerlandês. Esta confederação dos nossos vizinhos do norte reúne grupos e associações locais sob um chapéu ajudando novas filiais locais. Entre os nossos vizinhos ocidentais, Karel Buls promove cursos e palestras para as comunidades locais, como por exemplo em Bruxelas, St Joost ten Node, Brugge e Liège. Mas vejo diferenças entre associações locais como a *Brusselse Vlijtige Buitenlieden* ou as *Soirées Populaires du Cercle d'ouvriers* da Baronesa van Crombrugghe e as associações do sul da Bélgica mais distantes da *Tot 't nut* dos Países Baixos. Aqui, são jovens liberais de origem humilde a procurar mais igualdade social. Frederick

disse-me que a Ligue se limita quase sempre em persuadir as classes altas de reconhecer ser legítimo a subida na escala social por algumas crianças das classes mais baixas e '*offrir aux intelligences d'élite le moyen de sortir de l'obscurité a laquelle elles échappent difficilement aujourd'hui*'. Não se trata evoluir no sentido de trabalhar para o conhecimento de todos, mas muitas vezes apenas de alguma vontade de oferecer oportunidades aos mais talentosos das classes sociais mais baixas. Diz-me Frederick Ligue declarar '*mème maintenant, un ouvrier actif, intelligent, travailleur, peut arriver à une très haute situation..*'." Entenda-se a situação como financeira."

Henri pergunta a Johanna: "Então para ti, todo o movimento de democratização da escolarização e do ensino acarreta, em última análise, o perigo de uma mudança e mesmo de uma ampliação do fosso entre uma pequena minoria e uma grande maioria, não apenas devido ao dinheiro, mas também ao conhecimento?"

"Sim", responde Johanna, "com certeza existe este risco. A meu ver, a atitude do atual Ministro da Instrução Pública do Império Francês é ligeiramente diferente. Enfatiza a escolaridade geral e lembra as mulheres que desde 1861 não precisam mais entregar um pedido especial para entrar no bacharelado. Ele garante a todas as meninas a possibilidade de se matricular na escola secundária. A rede das primeiras escolas ou escolas primárias é expandida, colocando mais uma vez o Estado em conflito com a Igreja Católica. Esta vê diminuir a sua influência no ensino. Mais uma vez o Imperador mostra-se mais célere do que o *Corps Législatif.* Ele concorda com a obrigação de todos municípios

com mais de 500 habitantes dispor de uma escola para meninas e emitir certificados de ensino primária como prova de conclusão da educação primária gratuita. Quer uma biblioteca em todas as escolas, torna obrigatória a geografia e a história no ensino primário. A filosofia é reintroduzida no ensino secundário a par da história contemporânea, das línguas vivas, do desenho, da ginástica e da música. Não sei se o Ministro Duruy é membro da *Ligue de l'Enseignement* francesa, hoje já com mais de 4000 membros. Os maçons parecem interessados, está claro, pelo que é noticiado inclusive em *le Monde Maçonnique*."

Henri pensa por um momento e então diz: "Então vês uma abordagem diferente por parte do governo francês em comparação com a do governo belga? Há menos ênfase na seleção de crianças superdotadas da classe trabalhadora e mais no ensino para um conhecimento geral de toda a população, pobres e ricos, é isso? Não é um pouco utópico?"

Johanna sorri: "Talvez. Mas, entretanto, *Éducation et Récréation* acaba de receber o prémio Montyon da Académie Française como recompensa pelo seu compromisso com a difusão do conhecimento e da ciência, é um sinal interessante."

Alguns dias depois, Johanna recebe uma curta mensagem de Frederick. Bruxelas distancia-se agora quase completamente das escolas Lancaster com ensino mútuo, há dez anos ainda apresentadas como escolas modelo. É por haver mais dinheiro e mais professores para empregar? pergunta-se Joana. Quais são as implicações da substituição do ensino mútuo pelo ensino simultâneo para a tese de mobilidade social pela formação? A

mudança favorece todos? Ou aparece aqui o individualismo? Certamente não se vislumbre a pedagogia social de Diesterweg.

A primavera está no ar. Frederico sente-o. Ou sente apenas a primavera na sua própria cabeça? Ele tem agora vinte e três anos e hoje, 14 de março, está no comboio de Liège para Herbestal. Um dos seus amigos irá apanhá-lo e levá-lo para Kelmis. Falta quase um mês até a Páscoa, mas Frederick teve um bom motivo para pedir uma licença excepcional ao diretor do *athenaeum* de Liège. Annie Dehaan faz dezoito anos amanhã. Há mais de um ano ficou bem claro ela sentir por ele o mesmo amor que ele sente por ela. Amanhã vai pedi-la oficialmente em casamento e depois de solicitar a bênção do pai dela. Ele preparou tudo cuidadosamente com a mãe. Vão festejar o aniversário de Annie na quinta. O pai dela e alguns bons amigos foram convidados. Annie dirá sim sabe Frederick e mesmo assim está bastante nervoso. Será capaz de controlar os nervos? Vai começar a gaguejar? Comprara um simples anel em Liège para acompanhar o pedido de noivado. Revisou também esse aspecto com Johanna. O anel não era absolutamente necessário. Annie gosta de manter tudo simples, tal como ele. Mas ele quer principalmente agradar o pai dela e deixar claro estar a falar a sério. Ele tem mais seis anos e é professor de ensino secundário. Ele não vê Annie como uma futura dona de casa obediente e quer ter deixar isso claro para o velho mineiro. Annie está comprometida com a causa dos trabalhadores, assim como ele está, e ele quer apoiá-la no seu trabalho para e com as trabalhadoras nas fábricas. Falaram com Isabelle Gatti. Liège é o

local certo para Annie se formar mais e apropriar-se das propostas socialistas relacionadas com os modelos para organizações mutualistas de trabalhadores nos domínios da saúde e do ensino dos filhos. Há muito trabalho a fazer, não apenas levar as famílias da classe trabalhadora a compreender a importância da educação e do ensino, mas também da sua própria organização. Frederick sabe dos problemas de absenteísmo escolar na Bélgica e nos Países Baixos vizinhos. Especialmente nas escolas das aldeias nas zonas agrícolas, as crianças pobres simplesmente desaparecem assim que a família se vê obrigada a recorrer a elas para aumentar o rendimento familiar. No anuário do ensino primário dos vizinhos nortenhos, existe mesmo uma proposta para adaptar a organização escolar à realidade económico e ajustar os tempos de aula aos períodos do ano nos quais as crianças estão livres de trabalho no campo. Horários e calendários podem ser revistos.

Mas primeiro há o aniversário de Annie ... Por volta do meio-dia ela e o pai chegam à quinta. Annie pede Frederick para visitarem o Celeiro junto com o pai. Eles mostram ao velho mineiro onde costumavam trabalhar, faz oito anos. Depois Annie explica ao pai o que mais aprendeu com Johanna, antes de começar a trabalhar como educadora interna dos filhos do seu atual empregador. Os três caminham tranquilamente de volta para a casa principal da quinta. Como sempre, as histórias do pai de Annie fascinam o Frederick. Hoje ele fala da lâmpada do mineiro. Subsitituiu as gaiolas com pássaros, com o mesmo fim: avisar os mineiros dos perigosos gases letais. Frederick sabe se tratar da lâmpada de Davy, uma invenção do investigador

com quem Faraday em tempos trabalhou. Entretanto os amigos juntaram-se na espaçosa sala de estar. Frederick pede um pouco de silêncio e posiciona-se entre Annie e o pai dela. Então diz: "Hoje é o aniversário de Annie. Estou feliz em ver-vos para o festejar connosco. Alguns de vocês sabem como Annie é uma pessoa muito especial para mim. Com ela — e aqui Frederick olha para o pai de Annie — aprendi muito acerca da vida dos mineiros e dos operários. Por causa da Annie, tive a certeza de qual seria o meu trabalho: ela mostrou-me por meio de perguntas e comentários como são importantes as escolas do estado para todas as meninas e todos os meninos de qualquer origem. Graças às minhas conversas com ela, sei o quanto é importante orientar todas as crianças e todos os jovens para adquirirem mais e mais conhecimento. Começamos a corresponder quando mudei para Liège. Cada carta de Annie, cada conversa com ela, impulsiona para mais diálogo, para mais conversas com os meus alunos, com os pais dos meus alunos, com todas as pessoas que querem fazer de cada biblioteca escolar uma biblioteca do povo. Annie estimula-me o tempo todo. Estar na companhia da Annie tornou-se uma necessidade para mim. Ao longo das nossas longas conversas e por meio das suas cartas, ficou claro para mim como também estimulo Annie no seu pensamento, no seu trabalho, no seu ser. Então — e agora Frederick olha novamente para o pai da Annie — não escondo o facto. Comecei a sondar ambas as nossas famílias para saber se ousaria fazer a pergunta a Annie se ela concorda em revelar o passo que estamos prestes a dar. E agora, queridos amigos, queridos pais também, posso vos anunciar como Annie

e eu estamos felizes em vos anunciar o nosso noivado." Frederick pega Annie pelas mãos e continua: "Tentei o melhor que pude ir ao encontro das tuas sugestões de algumas semanas atrás. Tornamos o nosso noivado público hoje, no teu décimo oitavo aniversário, e firmamo-lo com este simples anel." Frederick dá-lhe o anel que gravou em Liège e Annie coloca-a no seu dedo. Eles se abraçam. O pai de Annie também abraça os pais de Frederick. O resto do dia é de festa, à mesa e no quintal.

Mais um ano passou. No Massachussets nasceu Henrietta Swan Lewitt. Ela será mais tarde de grande importância para a comunidade de surdos e para a de astrónomos.

Júlio Verne continua a contribuir no *Magasin d'Éducation et de Récréation*, onde publica *Vinte Mil Léguas Submarinas*. Ele faz falar as personagem professor Anorax do livro *Les Serviteurs de l'Estomac*, de Jean Macé. De forma bastante subtil chama mais uma vez a atenção para apesar de todos os anúncios, o ensino oficial pouco contribuir para a difusão do conhecimento científico. Não por acaso, a interlocutora de Jean Macé no referido livro é uma menina a quem ele explica o funcionamento de vários sistemas do corpo humano, mas com quem também discorre sobre outros assuntos incluíndo as leis de Newton.

Frederick viaja agora mais vezes entre Liège e Kelmis e Annie já fora algumas vezes a Liège com Johanna. Frederick trocou recentemente o seu apartamento de duas divisões para um mais espaçoso. O casamento está marcado para o início de 1870.

Mãe e filho continuam a seguir o trabalho das Ligas Nacionais

de Educação e envolvem Annie em suas discussões. Afinal, falar do alargamento do ensino, da escolarização e dos conteúdos escolares é debater como os governos facilitam ou dificultam o acesso geral ao conhecimento e à ciência. Enquanto Frederick e Johanna discutem muitas vezes o assunto olhando através de lentes educacionais, Annie geralmente olha para as relações sociais nele refletidas. Por isso ela acha interessante o trabalho de Macé e Verne.

"Recentemente li mais acerca de Portugal," diz Johanna, "o interesse pela educação popular foi de pouca dura, parece-me. A escola normal de Marvila fecha portas, depois de apenas ter formado 91 mestres-escola. Mesmo assim sendo, segundo o relato oficial, a escola é apreciada e '*é inegável que nela se habilitaram alunos-mestres de reconhecido mérito muitos dos quais exercem já o magistério com louvável aproveitamento*'. Segundo as minhas informações, essa formação passa agora a ser reduzida tal como as aulas práticas diminuem em número. Diz-se simplesmente '*pour former des professeurs d'instruction primaire, le nouveau système est plus que suffisant*'. O governo quer formar mais professores em menos tempo, assim penso, e adequar o sistema de ensino simultâneo ainda mais à instrução. Além disso, o método de leitura de Castilho era uma pedra no sapato não apenas de quem está no poder, mas também dos próprios professores."

"Aqui na Bélgica", começa Frederick, "o número de professores qualificados está a aumentar. Há cinco anos, pouco mais de um terço tinha um diploma, agora quase a metade tem."

"E isso tem algum significado real?" pergunta Annie. "Já entendi

que Johanna não é realmente graduada, no entanto, ela foi a melhor professora que alguma vez tive." Ela ri: "De ti não vou dizer nada, além de seres graduado, não te quero fazer corar frente a tua mãe." Ao que Frederick imediatamente cora.
"Tens razão, não tenho diploma", diz Johanna, fingindo não notar o constrangimento de Frederick. "Ouvi na *Ligue* que, de momento, mais trabalho está a ser feito nas escolas para adultos, onde requerem mestres-escola com diploma. Até recentemente a iniciativa era deixada a voluntários. Paróquias, grupos de professores, mas também empregadores criaram tais escolas como entenderam. Mas há três anos o Estado interveio, muitas vezes recorrendo a escolas municipais gratuitas. Pensando na classe trabalhadora, parece-me ser uma boa iniciativa. Há três anos, havia pouco mais de 1.200 escolas privadas para adultos, principalmente na Flandres Ocidental e Oriental. Hoje o número de escolas quase duplicou e a maioria delas são escolas municipais."
Annie acena com a cabeça: "Só temos que nos perguntar se quem gostaria de frequentar uma escola do género têm realmente tempo para o fazer. Não sei muito acerca da vida dos pescadores e agricultores, mas sei muito acerca dos operários e mineiros. Eles ainda têm tempo e vontade para frequentar essa escola depois do dia de trabalho ou mesmo no domingo?"
"Certo", concorda Frederick. "Facilmente dizem-nos que consegue ir à escola quem quiser. Depois haverá razões para voltar a fechar escolas explicando que trabalhadores não agarrem a oportunidade para estudar e não se querem matricular numa escola para adultos, sem questionar os

empregadores que de certa forma os mantêm reféns os trabalhadores." Ele continua: "Mudando de assunto. Karel Buls noticiou-me da constituição da *National Education League* na Inglaterra e no País de Gales. Birmingham servira de modelo de certa forma. George Dixon, Jesse Collins e o dissidente Joseph Chamberlain são os fundadores. A *League* tem como objectivo de promover um sistema nacional oferecendo uma educação decente para todas as crianças do país. As autoridades locais serão envolvidas. Eles receberão subsídios do governo quando necessário. Recebendo financiamento, essas escolas estão sujeitas à inspeção do governo. Regra base, as escolas não podem ser sectárias e devem ser gratuitas. Assim que uma escola deste tipo arranca, a autoridade local podem obrigar as crianças que não frequentam a escola em outro lugar a frequentá-la."
"Ainda não disseste nada sobre o que aí será ensinado", observa Annie.
Frederick responde: "É verdade, e de momento não consegui saber mais nada."

Durante outra visita a Liège de Annie e Johanna, Frederick repete-lhes as palavras de um mestre-escola: *'Tenha grande interesse no trabalho das crianças e em todas as circunstâncias ... especialmente no que diz respeito às crianças pobres...sentem-se facilmente inferiores em relação aos mais ricos... são sobretudo essas que se afastam. O professor deve ficar especialmente de olho naqueles que ficam atrasadas e ajudá-los duas vezes*'. Para Annie, isso corresponde ao trabalho de Johanna e Carine no Celeiro.

Ela pergunta se existe uma ligação direta entre ser pobre e ficar atrasada na aprendizagem. Johanna acredita tratar de uma correlação indireta. Abandonando algum tempo a escola, é mais provável, claro, as crianças terem dificuldades no momento de regresso, mas isso deve-se principalmente ao ensino simultâneo, em quase todo lado preferido por razões económicas. "Observe," acrescenta Johanna, "o ensino mútuo também seguia um ritmo específico, mas passar de um nível para o seguinte não precisava de ocorrer em simultâneo."

Annie diz: "Então, a palavra '*atrasado*' é mesmo enganosa. Se um ritmo é imposto de fora e todos são obrigados a seguir este ritmo para aprender a mesma coisa em determinado momento, é natural que quem não estiver presente em determinado momento tiver dificuldade em aprender o assunto tratado naquele momento."

Frederick acena com a cabeça: "Tire o caráter simultâneo do ensino e não terás atrasados, com certeza."

Johanna observa: "Isso leva-nos à essência do papel dos mestres-escola como facilitadores. Nesse sentido, concordo com o que o teu colega disse, Frederick. Eu apenas formularia de modo diferente."

"Entretanto, todo a pressão para o ensino simultâneo vai mas é criar dificuldades para muitas crianças, assim me parece. Se mesmo uma observação bem-intencionada inclui a expressão *atrasado*, já podemos prever o número de tipos de aluno com quem nos vão querer confrontar. O atraso e a desvantagem passará a ser apresentado como um fenómeno natural entre os pobres temo, assim como se dizia e ainda se diz que os escravos

negros são menos dotados por serem de raça diferente."
Johanna dá sinal de concordância com a cabeça e muda de assunto. Annie e ela própria ouvirem durante a viagem de comboio da pressão exercida sobre o Estado belga para projetar uma linha férrea de Montzen até Herbesthal ou Welkenraedt. Parece finalmente ter dado resultado. Prometeu-se a nova linha antes do final do ano. É principalmente um sucesso para o diretor da mina de Plombières, mas reforça também a posição da *Vieille Montagne* e agora é realmente uma questão de tempo para Kelmis ter a sua própria estação.
"E será uma ligação internacional ou nacional?" brinca Frederico.
"Ri-te", diz Johanna. "O teu pai falou recentemente com os trabalhadores encarregados dos marcos fronteiriços. Os de Moresnet Neutro, até hoje de madeira estão a ser substituídos por marcos de basalto. O estado independente não está longe acredita!"
Outra novidade tem a ver com os preços praticados nas linhas ferrovias belgas. Colocaram-se em serviço comboios com tarifas baratas para trabalhadores de fábrica e de áreas de mineração. Argumenta-se facilitar a viagem de casa para o trabalho para que vive mais longe. Annie observa: "Os empregadores e o governo encontraram uma solução para resolver o problema de escassez de trabalhadores em certas áreas sem investir na construção de novos bairros para a classe trabalhadora. Esses bairros, principalmente o '*coron*', não são obviamente os lugares mais agradáveis para se viver. Entretanto esta nova modalidade parece bonita mas não o é sempre: 'Fique a morar onde já

morava e ande de comboio para ir ao trabalho e voltar para casa'. Mas as pessoas estão assim ainda mais tempo fora de casa, às vezes por duas horas ou mais."

Apesar de novos tempos de guerra possivelmente se anunciarem, Frederick e Annie decidem não adiar mais o casamento. Estabelecem-se em Liège. Esperam que a deterioração da situação entre a França e a Prússia não resulta na requisição para serviço militar dos jovens nascidos em Moresnet. Frederick continua a não ter uma nacionalidade reconhecida e a Prússia pressiona a Bélgica para dividir o Moresnet Livre entre os dois estados de uma vez por todas já faz alguns anos.

Em meados de julho o conflito torna-se agudo. Mais uma vez, imperadores e reis levaram as disputas até ao ponto de legitimar uma guerra. Desta vez, foi Bismarck. Enfureceu Napoleão III e o Parlamento francês, levando-os a declarar guerra à Prússia em nome da França. Ironicamente o acto terá consequências desastrosas para o próprio Napoleão III. Contudo, mais uma vez, a violência bélica infligirá enorme sofrimento aos pobres que já lutam pela sobrevivência. Entretanto Frederick e os outros jovens nascidos em Kelmis não escondem a sua alegria quando percebem a relutância do governo belga em cumprir os acordos preparatórios de 1866. Bruxelas vê os prussianos muito ocupados com os franceses, logo o governo belga faz-se esquecido em relação a Kelmis.

Outros assuntos têm a atenção de Frederick e Annie. Eles acompanham com alguma preocupação o desenvolvimento de

uma espécie de nova cruzada de quem está a frente da Igreja Católica na Bélgica. Os Congressos de Mechelen, organizados pelas autoridades eclesiásticas, mostram rapidamente a divergência entre os católicos. Tal como entre liberais, há opiniões muito diferentes acerca do equilíbrio de poderes no Estado belga. Um pequeno mas ativo grupo de ultramontanos mantém a sua visão teocrática e faz pressão para alterar a constituição nesse sentido. Um outro grupo de ultramontanos, moderados digamos, aceitam a constituição mas só se interpretada de acordo com a estrita tradição católica. Os católicos liberais por fim concordam com a constituição, com a condição de dar espaço suficiente à igreja. Mas esse terceiro grupo, mesmo se mais aberto ao diálogo, tem poucas possibilidades de expressar as suas ideias. Os ultramontanos têm mais poder e controlamos instrumentos de educação popular, incluindo a imprensa e as escolas de catequese. A encíclica *Quanta Cura* de 1864 dirigira-se principalmente contra a França advertindo contra os 'erros' da sociedade, incluindo o liberalismo e o socialismo. No entanto, o comunicado fora também acolhido na Bélgica e a confirmação da Infalibilidade Papal este ano tornara-se uma alavanca para lutar contra o liberalismo. Frederick questiona essa infalibilidade, pois aparentemente ela dá rédea solta àquela fracção do clero faminta de poder a apontar como suspeito qualquer pessoa querendo melhorar o destino dos trabalhadores. Os aristocratas agitam-se e, como o seu antepassado Dieudonné ouvira ontem, Frederick ouve hoje como eles se regem pelo adagio *Deus quis os estados*. Entretanto todo o ensino não dirigida pela Igreja

Católica continua a ser visado. Os ministros, por norma com a pasta dos Assuntos Internos e tendo a tutela sobre o ensino, são levados a travar a expansão do ensino simultâneo, hoje mais frequente: é mais caro, não é realmente necessária e pode facilmente ser combinado com o ensino mútuo. É a solução, argumentam os interessados, quando a administração local não tem dinheiro para investir na contratação de um professor auxiliar. Além disso, é benéfico para os alunos mais velhos quando são encarregados de certas tarefas e isso não tem nada a ver com o modelo de Lancaster, continuam. Frederick e Annie vêem tudo como uma grande manifestação de hipocrisia. Só a primeira vista, a proposta parece ter semelhanças com as ideias da família de Frederick e dos seus interlocutores ao longo do último século. Mas como Annie pude verificar, não é o caso. Ela visitou uma designada *escola mista* anunciando essa combinação. No concreto, ela observou gradeamentos para separar as meninas dos meninos e um espaço próprio, no fundo da sala, para cerca de doze alunos. Lá sentem-se os ditos menos dotados sob supervisão de um aluno mais velho, ao lado dos alunos punidos. Os alunos mais avançados ficam na zona de frente, mais perto do mestre-escola. Esse arranjo de sala de aula recebe oficialmente o termo *divisão tripartida* e é muito usado nas pequenas escolas primárias.

Ensino geral, gratuito, pois, mas as aparências enganam bem portanto... também na Grã-Bretanha onde as propostas implementadas pelos liberais não surtem o desejado efeito imediato. No início do ano entrou em vigor a Lei da Educação Elementar sob pressão da Liga Nacional de Educação. Deveria

assegurar o ensino primário para todas as crianças de 5 a 12 anos na Inglaterra e no País de Gales, mas é já é evidente que irá levar muitos anos para cumprir essa obrigação legal.Frederick e Annie não têm a noção de quantas pessoas a nascer ao longo do ano irão desempenhar no próximo quarto de século um papel importante na implementação sistemática da educação obrigatória. Entre eles vai surgir um grupo a desenvolver uma forma mais estruturada da co-aprendizagem existindo desde tempos imemoriais da escola.
Primeiro é a Maria Montessori a nascer. Mais tarde irá ter muito peso na educação de crianças pequenas.
No mês de julho Ovide Decroly nasce em Ronse.
Em outubro do mesmo ano vai ser a vez de Paul Geheeb a nascer num dos estados da confederação alemã liderada pela Prússia. Mais tarde dirá-se dele ter sido o educador que mais trabalhou em prol dum novo humanismo numa sociedade dilacerada pela violência.

As preocupações dos franceses são muitas mas não têm nada a ver com educação geral e ensino obrigatório. O imperador Napoleão III perdeu a batalha de Sedan e é capturado pelos prussianos. Paris está inquieto. A Imperatriz foge para a Grã-Bretanha com a ajuda do seu dentista. O regime imperial não sabe como reagir à prisão de Napoleão e alguns representantes do povo, entre eles Leon Gambetta, proclamam a República a partir da varanda do edifício da Câmara Municipal de Paris. Um Governo Provisório de Defesa Nacional é rapidamente posto a funcionar para continuar a dirigir a guerra contra a Prússia.

A guerra passa ao lado da Bélgica desta vez. Em 12 de março de 1871, é inaugurada a ferrovia entre La Calamine e Moresnet belga. Passa a ser possível de comboio de Liège para La Calamine. O rei Leopoldo II manteve habilmente a Bélgica fora da guerra franco-prussiana. Assim, o governo belga conseguiu continuar os seus esforços de modernização, atendendo aos pedidos da indústria de mineração e até equipar um condomínio disputado com uma linha ferroviária! A *Companhia Vieille Montagne* disponibiliza e faz a manutenção do prédio da estação de Kelmis. Mas o rei tem mais projetos grandiosos para o próprio país. Ele sonha de Oostende transformado em estância balnear internacional e quer fazer de Bruxelas o ponto de encontro para intelectuais. De resto tem um desejo muito egocêntrico para finalmente se tornar efetivamente rei dum território seu. Com não é possível com a Bélgica, então algures em África …

Frederick e Annie experimentam a nova conexão de comboio logo que possível, naturalmente. Eles querem ficar em Kelmis naquele verão e no início de julho estão de férias na casa dos pais de Frederick, onde hoje o pai de Annie reside em permanência.

Em Kelmis, Henri e Johanna reunem um grupo de amigos e conhecidos na sua casa. Wilhelm Molly está entre os convidados. Ele regressou recentemente para casa depois de servir mais uma vez como médico do exército prussiano. Muito impressionado com todo o sofrimento pelo qual passou, sonha em unir as pessoas além fronteiras. Esta noite ele descreve de novo a origem e o significado da Convenção de Genebra para a

proteção dos feridos de guerra. Mas, ao mesmo tempo, ele acha ter finalmente chegado a hora para Moresnet Neutro ou Livre ganhar total autonomia em relação à Bélgica e ao Reich alemão.
A conversa muda de rumo quando o marido de Carine fala dos acontecimentos da primavera em Paris: "Paris teve mais um mau momento. Devem ter lido da prisão de Napoleão à seguir a Sedan, e da nova proclamação da República. A burguesia assumiu rapidamente o comando e o velho Adolphe Thiers tornou-se chefe do governo provisório. As condições de vida da população trabalhadora em Paris sempre foram e continuam a ser muito ruins. Os seguidores de Auguste Blanqui quiseram então fazer dos bancos propriedade pública, bem como as linhas de comboio e os seguros. Quando o governo republicano de Thiers se posicionou em defesa dos proprietários burgueses, os partidários de Blanqui, os socialistas de Proudhon, os anarquistas e os velhos jacobinos, criaram juntos um conselho municipal representando mais da metade da sobretudo pobre população parisiense. Ao longo do mês de abril, a organização política de Paris tornou-se o prenúncio da nova república. Os líderes declararam: *'la Révolution communale, commencée par l'initiative populaire du 18 mars, inaugure une ère nouvelle de politique expérimentale, positive, scientifique. C'est la fin du vieux monde gouvernemental et clérical, du militarisme, du fonctionnarisme, de l'exploitation, de l'agiotage, des monopoles, des privilèges, auxquels le prolétariat doit son servage, la Patrie ses malheurs et ses désastres.'* Governa-se em Paris como se fosse toda a França a estar sob a alçada desse novo governo."
Carine acrescenta: "O ensino foi também abordado porque

muitos professores tinham fugido de Paris para Versalhes, onde o governo de Thiers assumiu residência. E vejam, mais uma vez a reforma educacional esteve em mãos dum socialista vindo de boas famílias. Refiro-me a Éduard Vaillant, alguns de vocês sabem quem é. Intimamente relacionado com a *Associação Internacional dos Trabalhadores* ele elaborou uma proposta de ensino laico para todas as raparigas e todos os rapazes, proibindo o ensino religioso. Pouco antes do fim da revolta da comunidade de Paris, foi criado um comité de mulheres para fazer a revisão do conteúdo da educação das raparigas. Mas o governo de Thiers pôs fim à revolta durante o que ficou conhecida como *a semana sangrenta* e o nosso amigo Vaillant desapareceu para a Inglaterra.

"O nosso amigo," pergunta Johanna com uma risada. "Se estou certa, a proposta de Vaillant não vai muito além das propostas dos socialistas burgueses. Fröbel é alemão logo inimigo alemão, e provavelmente nunca ouviu o nome de Diesterweg."

"Não te sei dizer nada acerca disso", responde o marido de Carine.

Então Frederico observa: "Nenhuma das propostas veio concretizar-se, claro, e a estrutura escolar do Segundo Império permaneceu praticamente inalterada. Ouvi recentemente na *Ligue* estar-se a preparar uma petição envolvendo a imprensa."

Dois meses mais tarde, a petição referida por Frederick faz muito sucesso sob o título *Mouvement national du sou contre l'ignorance*. Defende o ensino laico gratuito, público e obrigatório. Rapidamente leva a uma nova campanha exigindo manter a escola pública francesa livre de religião de uma vez

por todas.
"Contudo, é demasiado fácil de continuar a considerar que todo o mal vem da religião", observa Annie. "Devido à ignorância generalizada, a igreja, a religião, os padres e os altos líderes da igreja são todos retratados da mesma forma. Parece-me injusto para muitos padres realmente empenhados em melhorar a situação dos trabalhadores. Eles são marginalizados até mesmo pelos seus próprios líderes."
"Aqui, entre nós, penso sabermos fazer essa diferença", responde Johanna. "O problema é geral. Sempre que um líder dum Estado declara a separação do Estado e da Igreja, os nostálgicos líderes da igreja fazem tudo e mais alguma coisa para recuperar o controle do poder. Porque tem tudo a ver com poder, nada com religião. Confunda-se o ensino geral para a difusão do conhecimento científico com a evangelização. O primeiro é uma tentativa tardia para levar uma população ignorante ao conhecimento cada vez maior sobre a natureza e o homem, e as suas consequências para a nossa sociedade. A segunda é a atribuição da tarefa de fazer cingir a experiência religiosa individual de quem dela precisa ao credo normalizado por quem se atribui o direito de o fazer."
"Quero comentar isso, Johanna", intervém um jovem que veio a pedido de Henri e do taberneiro. "Deixei Londres recentemente e quero dizê-lo: a escola deveria já contemplar as recentes publicações de Darwin. Muitos rumores falsos são espalhados são espalhados sobre elas, inclusive por líderes conservadores da igreja que supervisionam escolas gratuitas. Vejam bem, há dez anos, em *Fertilisation of Orchids*, Darwin explicou a relação entre

as espécies de orquídeas e certas mariposas responsáveis pela polinização das flores. Após algumas gerações, as flores mais facilmente polinizadas pelas mariposas ganham presença em prejuízo das outras. Darwin explica assim como na natureza a seleção é sexualmente determinada num contexto específico. Flores mais facilmente acessíveis são mais facilmente polinizadas e, portanto, as plantas portando essa característica ficam beneficiadas em relação as outras para fazer surgir uma nova geração de plantas. Tudo isso não tem nada a ver com espiritismo ou criação, mas com evolução. Surgira um debate acalorado a partir das ideias de Darwin, liderado por Lyell e Huxley. O primeiro já recuou a origem do homem para tempos muito remotos e o segundo propõe classificar o Homem entre os símios, a partir de um ponto de vista estritamente anatómica. Darwin publicou entretanto em fevereiro *The Descent of Man, and Selection in Relation to Sex*, demonstrando continuidade e alteração de propriedades físicas e mentais através das gerações. Ele explica mais uma vez o caracter sexual da evolução, como a reprodução transmite características e como essas características se relacionam localmente com as características ambientais. Enfatiza assim a unicidade da espécie humana."

"No entanto", observa Henri, "mesmo esse cientista fazendo essa pesquisa não fica imune às frequentes argumentações no nosso mundo branco. Segundo li, mesmo ele reconhece existir uma hierarquia de raças, ficando os brancos no topo, logo depois de afirmar só existir uma espécie de ser humano."

As viagens tornam-se cada vez mais fáceis graças aos caminhos-de-ferro. Perto de Kelmis, concluem-se as obras ao Gemmenischer túnel. Existem agora duas linhas para conectar Aachen com o sudeste belga, facilitando o transporte de cargas e de passageiros para a região de Moresnet Neutro. Graças à linha ferroviária, o administrador da *Vieille Montagne* consegue a conexão com a rede telegráfica. Desde 1850 a comunicação telegráfica expande-se ao longo das linhas ferroviárias. Já então era fácil fácil enviar mensagens de Oostende para Verviers, passando pelas estações de retransmissão de Mechelen, Gent, Brugge, Bruxelas e Liège. Um ano depois, as mensagens por fio chegam a Paris passando por Bruxelas e Quiévrain e a Aachen e o resto da Prússia passando por Verviers. Middelkerke e Dover tornando possível a comunicação instantânea com Londres. No início enviar uma mensagem por fios era ainda um assunto caro para o grande público, mas hoje, vinte anos depois, com praticamente toda a Europa Ocidental conectada e o preço das mensagens telegráficas baixou muito.

As companhias de caminho de ferro introduzem os comboios com vagões-cama. Pode-se viajar de Oostende a Berlim por exemplo passando tranquilamente a noite no comboio em movimento. A próxima geração vai considerar banais viagens para fora do país, diz Frederick, e — quem sabe -— o Grand Tour passa a estar ao alcance de mais gente e não ser apenas um privilégio dos mais ricos. Johanna e Annie por seu lado acham que de modo geral o comboio aproxima as pessoas entre si.

Uma noite, Johanna observa: “Com conexões ferroviárias fáceis e com uma crescente apropriação de conhecimento, quem sabe,

talvez podemos sonhar ver o humanismo e o Saber prevalecer sobre ódio nacionalista e ignorância."

Henri não é tão otimista: "Vimos nas últimas décadas as dificuldades tanto da *Associação Internacional dos Trabalhadores* como da rede das Ligas de educação para contrariar ou mudar as tendências autoritárias de quem detém o poder. É muito difícil de neutralizar o cultivar de sentimentos nacionais tão facilmente transformados em sentimentos belicosos. Podemos chegar à tal convivência sonhada pela tua mãe, Frederick, mas temo não serem os teus netos, se algum dia os tiveres, que irão usufruir dela...[1]"

Frederico acena a cabeça. "Sim, é lento e é difícil. Há poucos anos vimos como em Portugal os liberais queriam intervir na escola pública só para promover um método de leitura mais eficiente. Pois bem, segundo a crónica '*As Farpas*' de Queiroz e Ortigão, dois escritores portugueses, quase não há escolas decentes, muito menos existe algum ensino digno da palavra. Ainda no ano passado, eles escreveram: *'A escola por si, é outra desorganização. Os edifícios, a não ser os legados pelo conde Ferreira, mas que quase não funcionam - são na maior parte uma variante escura entre o celeiro e o curral. Nem espaço, nem asseio, nem arranjo, nem luz, nem ar. Nada torna o estudo tão custoso como a fealdade da escola.'* A infra-estrutura viária está em melhor estado do que a para o ensino. Aqui também, o capital tem as suas prioridades, acho."

---

[1] Como veremos no Livro 07 - Tempos de Chumbo, os netos de Frederick e Annie viveram por duas vezes extensas situações de guerra.

No ano de nascimento de Eduard Claparède, Frederick redige uma resenha da revista Calvinista neerlandesa *Contribuições Pedagógicas* e envia-o para ser publicada num periódico recomendado pela *Ligue de l'enseignement*. Discute o texto com Johanna e Annie, ficando assim:

Contribuições pedagógicas ou orientações pedagógicas?

Com o pequeno texto que segue procuro fazer uma resenha do 1º volume da publicação Peadagogische Bijdragen de J.P. Schaberg, J. Smelik, W.F. Golterman, F. Ruimischeid e H. Eerdbeek. A revista inicia com uma introdução à teoria educacional de Rousseau. Segundo os autores, divide-se depois em contribuições sobre a história do ensino e da educação, a formação de professores, o trabalho prático do ensino e algumas resenhas de livros. As contribuições não seguem uma ordem específica, mas alternam-se. Nem sempre fica claro em que categoria cai um artigo específico. Mas isso não é tão complicado, até porque os autores descrevem o tipo de escritos para cada um dos principais grupos. Por exemplo, eles dizem: 'No primeiro grupo principal, fala-se dos Países Baixos e as suas colónias, — do exterior, — dos regulamentos escolares, de documentos inéditos ou menos conhecidos relacionados à educação, métodos de ensino, recursos de aprendizagem, biografia de estudiosos, etc.'. *O segundo grupo destina-se a textos sobre Escolas Normais e questões bíblicas, o terceiro conjunto agrupa textos sobre o trabalho na escola. As resenhas de livros não são análises críticos, mas sim uma visão geral dos recursos disponíveis.*

A inclusão de questões bíblicas no corpo de contribuições sobre o ensino indica-nos claramente não estarmos a ler quem defende a separação entre ensino público e igreja. Aliás, o texto introdutório sobre Rousseau reforça a impressão não se tratar de uma revista de teor analítica, mas antes indicativa.
*A segunda frase da introdução dá logo o tom: '*Os mais elevados e nobres são preteridos: o superficial e o criminoso coroam o mundo'. *É a reflexão sobre o facto de na '*Cidade de Genebra de Calvino' *ser uma estátua de Jean Jacques Rousseau e não de Calvino a ficar em lugar central. Para o corpo editorial da revista, Rousseau levou uma vida desprezível. O seu método é a ausência de método e, continua o texto, as poucas boas ideias que Rousseau apresenta são em grande parte aquelas herdadas de Comenius e de Ratke. O texto tenta situar Rousseau no seu próprio tempo para entender por que ele apresenta as crianças como incorruptas e puras, posteriormente corrompidas pela sociedade. Há dúvidas desde então até hoje por parte de muitos educadores acerca da proposta deixada por Rousseau quando determina deixar toda a iniciativa à criança. Abordando a terceira etapa da educação, nos olhos deste pedagogo, a criança não deve ser ensinada, ela deve ser dada a oportunidade de ganhar experiência. A revista tem coloca ressalvas, claro, e ainda mais quanto à observação de que uma criança com menos de dezoito anos não deve ouvir nada sobre religião. Uma das conclusões considera as condições sociais miseráveis e imorais da época em que vivia o autor e escreve-se ser bom ele apontar para a natureza, no entanto, '*quão errada pode ser

sua concepção da natureza'. *O texto termina com* 'Mas, de resto, Rousseau, com os muitos e mais perigosos erros que ele abriga, permanece uma prova impressionante da verdade do ditado: 'Aqueles que rejeitaram a Palavra de Deus, que sabedoria eles teriam então?'. No caso dele é seguro dizer que tudo teria sido melhor, se ele tivesse acolhido em si o Cristo de Deus de modo sincero'. *Parece-me ser um contra-argumento teológico e não uma consideração ou contribuição pedagógica.*

É interessante de seguida ler as contribuições sobre Pestalozzi. O tom é dado com 'Não tão resplandecente quanto a figura de Rousseau, com cujos ensinamentos educacionais o 1º número da nossa revista abriu, a aparência de Pestalozzi pode não ter sido tão brilhante, mas ele era infinitamente mais nobre e maior do que o seu compatriota e contemporâneo'. *Apresenta-se Pestalozzi como aquele querendo ser o protetor dos pobres oprimidos. O seu principal objetivo seria de parar as fontes de miséria nas quais via se afundar os pobres. Não encontrei nenhuma objeção em relação à ideia de Pestalozzi para ensinar os pobres para lidar com sua pobreza tornando-se assim pobres felizes. Recordamos as suas contribuições quando discorre sobre as dificuldades dos órfãos pobres que não puderam aprender desde cedo as duras realidades da sua existência no ambiente doméstico. Adverte para, na escola para pobres, equivalendo no tempo dele a escola para órfãos, não levar os alunos a criar ilusões. A horta não existe para filosofar o regresso para a natureza, mas para ensinar os pobres a se sustentarem.*

Pestalozzi pode ter cuidado de crianças pobres, mas certamente não fez uma análise do género feito pelo autor do contrato social. As suas ideias encaixam-se melhor nessa revista com contribuições pedagógicas por parte de quem anuncia um ponto de vista calvinista.

A contribuição sobre criar e educar é interessante. O autor observa com razão existir uma conexão entre os dois conceitos. Eu também vejo como complementar o educar e criar (educare) com o ensinar e educar (educere). Segundo o autor, essas atividades complementares devem ocorrer num único e mesmo local: a escola de natureza cristã. Eu pelo contrário, enquanto humanista, imagino aqueles conexões a se estabelecer quando oferecemos às crianças a vivência em diferentes círculos: o círculo educacional doméstico, o círculo científico escolar, o círculo humano sustentando a estrutura moral vindo da família, dentro ou fora de uma qualquer religião reconhecida pelo Estado. As nossas opiniões parecem divergir aqui. Eu proponho a escola pública que introduz todas as crianças no círculo científico através do ensino. Proponho bibliotecas populares e palestras populares, para apoiar o círculo doméstico acolhedor no rumo que deseja tomar para a orientação moral dos membros mais jovens da família. Proponho instituições religiosas ou outras instituições filosóficas de natureza educacional reconhecidas pelo Estado para contribuir para a educação moral de crianças e jovens sem condenar ou maltratar quem segue outra via.

Uma contribuição é um convite para fazer parte de um todo, um dogma é uma orientação levando a só aceitar a própria

verdade como a verdade universal e correta. A condenação da tolerância para com quem pensa diferente é dificilmente uma boa base para qualquer vivência abrangente do mundo. Ser neutro em relação a todas as religiões e filosofias não é ser indiferente à religião. Cabe à estrutura judicial e civil para criar um lugar e um tempo em que todas as escolas filosóficas possam sentir não sofrer a perseguição por qualquer outra convicção religiosa ou filosófica. A condenação de dissidentes e de outras religiões tende a dispersar os membros da espécie humana, não a reuni-las em sociedade harmoniosa. Por isso tenho as minhas dúvidas sobre a passagem na qual a separação entre Igreja e Estado é interpretada como uma separação entre duas esferas da vida, entre criação e educação, quando se diz: 'Por isso o Estado Moderno também leva o nome de Estado Constitucional. Garante a liberdade e a segurança das pessoas e dos bens. Considera apenas as ações e também o enunciado dos primeiros, na medida em que esses enunciados possam infringir a liberdade nesta matéria de outros, sejam eles compatriotas ou estrangeiros. A Igreja há muito pronunciou a sua condenação de tal tolerância e indulgência para com os dissidentes e pessoas vivas e trabalhadoras na Encíclica Papal de 1832 e no último *Syllabus*. Exige a unidade em tudo, em todos os âmbitos da vida, a unidade que se realiza pela mesma fé, a fé da Igreja, que deve permear e animar tanto quanto possível cada ser humano.' *Segundo este autor nenhuma outra educação moral é possível senão a proveniente da igreja cristã. A homogeneização subjacente do pensamento é clara,*

acho eu. Um Estado moderno que se afasta de uma religião em particular não é, ao meu ver, indiferente ao bem-estar religioso, filosófico ou moral de todas as pessoas compondo a sua nação. Pelo contrário, abarca a multiplicidade de instituições que podem fornecer um quadro moral.

O autor retoma de seguida os ideais outrora da Revolução Francesa, ideais responsáveis pelas constituições de vários Estados modernos da Europa. É muito simplista pensar que dançar e beber a volta da árvore da liberdade é o suficiente para construir um estado de direito, concordo. No entanto, os excessos por parte de manifestantes incitando pessoas pouco formadas ou ensinadas a assassinar padres não são um fenómeno novo. Durante a luta fraternal entre os cristãos no tempo de Comenius, pude-se observar o mesmo tipo de agitadores e pessoas mal-formados a matar dissidentes. Esse tipo de fenómeno será justamente possível de contextualizar historicamente numa escola neutra, sem apontar o dedo para um ou outro, mas aprendendo a entender como o maldizer, os palavrões, a violência e a falta de comunicação só originam mais violência.

De facto, como diz o autor, a educação é a grande palavra de ordem de quem defende o progresso. Educere, a arte de apoiar os outros e a si próprio para se tornar sábio. Uma postura neutra da escola do estado é um convite à comunicação de todos quem por ela passam. Esta comunicação torna-se ainda mais rica se for possível abordar o ensino para a compreensão apoiando-se em diferentes atitudes perante a vida. Não para um convencer um outro, mas para ouvir as concepções morais

de cada um, para entender as semelhanças e as diferenças e procurar como conviver sem ferir o outro. Não é isso a essência da moralidade e da ética?

Para muitas pessoas é talvez difícil conceber a relação entre criar, educar e ensinar crianças se isso não for feito tudo no mesmo lugar físico. Explica provavelmente a insistência para a Educação Especial por parte de católicos e protestantes no pais vizinho do norte, dos católicos entre nós. Separar a Igreja e o Estado não é separar o ensino e educação. Educar e ensinar foram sempre dois aspectos diferentes dos muitos necessários para conseguir criar os filhos. Mas durante muito tempo desde o início dos reinados, impérios e religiões só havia ensino para quem o podia pagar ou para quem nasceu para tal. Nas nossas regiões, desde o tempo de Carlos Magno este ensino era ministrada por aqueles com tempo e meios para estudar, em abadias, mosteiros e retiros. Talvez a razão pela qual parte da população vêem hoje educação e ensino como uno. Pode fazer sentido para alguns. Não é da natureza do nosso tempo obrigar ser assim para todos. Os templos, sejam eles quais forem, mostram sua importância na sociedade, acredito. No entanto, também acredito que no mundo aberto de hoje não é mais possível manter um único templo hegemónico.

Entre as resenhas de livros por fim, encontramos algumas dicas úteis para lidar com a matemática na escola primária. É apresentado um mapa de parede da Terra Santa para acompanhar a história bíblica na escola cristã. A Terra Santa *é também o título de um livro de leitura para escolas e*

famílias cristãs, segundo autor indispensável para aprender a ler judiciosamente as Sagradas Escrituras.
Em guizo de conclusão considero este primeiro volume de Peadagogische Bijdragen *um conjunto sólido de diretrizes pedagógicas para quem se assume calvinista e trabalha na educação especial neerlandesa. O livro guia para uma interpretação em como o ensino deve ser abordado. Espero que esta interpretação não leva os professores e os alunos a optar por atitudes menos tolerantes com os outros pensando de modo diferente. É o dever do Estado Moderno garantir a proteção de todos contra esse tipo de atitudes."*

Frederick fala acerca do seu artigo com Thomas Braun, professor de pedagogia na Escola Normal Nivelles, onde Frederick estudou. Thomas felicita Frederick com cuidado cuidadoso em como lidou com os proponentes de escolas religiosas especiais, e diz entender essa cautela. Ele mal terminou uma investigação acerca do estado da educação primária urbana em Bruxelas e mostrou a mesma cautela no modo como formulou as suas críticas. Ao referir-se à escola n.º 8 para raparigas por exemple, ele refere os edifícios, o mobiliário e as ferramentas como um modelo para qualquer escola, um exemplo difícil de encontrar mesmo no estrangeiro. Depois, já consegue produzir a sua crítica principal, como ele diz. Esta crítica é mais política e contempla a redução de aulas modelo e de supervisão na Escola Normal, mas também muitas outras escolas de Bruxelas, mal conservadas, com turmas superlotadas e com poucas disciplinas ensinadas. Conclui apontando o

principal erro em termos de política escolar: as crianças não são ensinadas na sua própria língua flamenga. Os novos móveis e recursos vindo da América são, em geral, elogiados. A feira mundial de Viena tem uma boa amostra no respectivo pavilhão no qual, tendo terminado a guerra civil, os americanos participam. Recriou-se uma classe modelo. Expõem os bancos escolares americanos já em uso na escola feminina de Bruxelas: são carteiras de dois lugares com mesa de trabalho fixada nas costas para servir quem ocupa a carteira seguinte na fileira. É elogiada a esfera negra que serve de quadro redondo e na qual os alunos podem desenhar os mapas dos continentes e dos oceanos. As opiniões estão divididas quanto à representação do sistema planetário. O sol e a terra não são representados na mesma escala, induzindo em erro os alunos. O modelo parece caro e serve apenas para explicar fenómenos como o dia e a noite. Mas Thomas Braun restringe as suas observações às escolas municipais de Bruxelas.

Quando naquela noite Frederick regressa a Liège após a visita a Thomas Braun, Annie está a sua espera com grande entusiasmo: chegou a hora. Ela tem certeza de estar grávida. Frederick envia imediatamente um telegrama a Kelmis com a grande notícia. Johanna responde por carta. Se todos concordarem, escreve ela, o nascimento do bebé poderá ser na quinta dos pais de Frederick. Ela já avisou Wilhelm Molly …
Durante a gravidez de Annie, o jovem casal costuma passar a maior parte das noites em casa. Annie lê ensaios e panfletos enviados pelos outros membros da *Associação Internacional dos*

Trabalhadores. O livro da mão de César Depaepe *De l'organisation des services publics dans la société future: Réponse aux critiques* faz parte da lista. Ela sabe bem como César não só protagoniza a defesa do ensino neutro generalizado mas também procurou manter viva a *Internacional* tentando promover o diálogo entre os seguidores de Marx e os anarquistas. Depois dos sub-congressos de Londres e Haia não foi mais possível manter as fracções a conversar. Karl Marx parecera definitivamente seguir o seu próprio caminho. Aparentemente é fonte de dificuldades quando se fala de acordos para preservar uma unidade mais ampla. Cada vez mais parece não haver, nem mesmo na *Associação Internacional dos Trabalhadores* uma vontade real de aprender a trabalhar juntos a partir de posições divergentes. Como sempre, pensa Annie, muito tem a ver com a personalidade das figuras liderando os processos e a sua relação com as estruturas de poder. Ela volta a pensar na recente guerra civil na França. Parte da população do município de Paris esteve em conflito com o governo de Thiers. Marx declarou a esse respeito de vislumbrar na organização dessa insurreição todos os elementos de uma etapa do processo revolucionário ao qual se refere como a ditadura do proletariado. Segundo ele, essa fase é necessária e a revolta de Paris ajuda a aprender melhor com a organizar para ela não terminar precocemente, como aí aconteceu Os amigos Blanquistas de Annie apoiam essa ideia. Quando um pequeno grupo provoca um golpe de estado ou um momento revolucionário, argumentam eles, esse mesmo pequeno grupo tem a obrigação de estabelecer uma ditadura para ensinar o

povo a adotar uma nova atitude perante a vida. Mas de acordo com seus amigos anarquistas, tal ideia é absurda. Eles citam Bakunin: mesmo o revolucionário mais radical colocado no trono da Rússia ou recebendo algum poder ditatorial será, dentro de um ano, pior do que o próprio czar. E apesar de na *Internacional* dizer: *'não se deve pensar que queremos atacar o governo democrático em favor da monarquia. Mesmo uma república democrática fraca vale mil vezes a monarquia mais esclarecida. O regime democrático está envolvendo lentamente as massas na vida pública'* os anarquistas não conseguem aceitar que a associação comprometa todos os seus ramos à ação política no Estado burguês, como queria o Congresso de Haia. Eles vêem a paz universal apenas possível após a abolição de todos os Estados, substituídos por federações de comunidades autónomas.

Quando Annie aborda esses assuntos com Frederick, ele pensa no '*mestre-escola dos sonhos*' como dizem ele e os seus amigos: essa pessoa ajuda as crianças não apenas dando-lhes acesso ao conhecimento recorrendo aos modelos de ensino que conhece, mas também apoia elas e os seus pais na educação geral da família. Um mestre-escola deve, portanto, ser capaz de se adaptar facilmente ao ambiente onde fica inserido e certamente saber falar o dialeto da região. Ele fornece boa literatura infantil e ajuda a compreender o perigo da má nutrição e do alcoolismo. Ele é ativo nas escolas noturnas e dominicais para adultos, dá palestras, ajuda a organizar atividades de lazer. Naturalmente, ele luta ativamente contra o trabalho infantil, em parte exercendo pressão moral nos industriais e empregadores.

Frederick refere a escola modelo recém-fundada da *Ligue de l'enseignement*, dirigida por Karel Buls e onde trabalha Alexis Sluys. A sua principal apreensão concerne a opção dos defensores da educação neutra e universal. Levados a trabalhar fora do sistema estatal, sua escola modelo é, de facto, uma escola para alunos pagantes. Mas ele tem outras reservas. Fala-se muito de ensino intuitivo. Estão os professores prontos e todas as ocasiões para dialogar com as crianças e usar perguntas orientadoras, evitando deixá-las unicamente com a sua intuição? Preocupa-se também quando vê como o afastamento do económico mas deplorável ensino mútuo de Lancaster leva invariavelmente ao ensino simultâneo, um modelo no qual classes de ano parecem ser a única solução. Ele tem as suas dúvidas acerca dessa disposição homogénea na qual se quer fazer aprender simultaneamente 30, 40 ou mais crianças enfileiradas nas carteiras de modelo americano.

Assim como o modelo de Lancaster não foi a solução, talvez o ensino simultâneo também não o seja, pensa Annie. O absenteísmo escolar na Bélgica passou de um terço para um quarto da população escolar nos últimos trinta anos, ressalta, mas uma em cada duas crianças de onze anos mal consegue ler. Talvez o ensino simultâneo faz com que mais crianças leem rapidamente.

Frederick cita números do exército. Nos últimos vinte e cinco anos o número de recrutas alfabetizados aumentou de cerca de metade para três quartos dos alistados. Por outro lado, pouco mais de um terço dos conscritos têm mais do que a escola primária, em comparação com pouco menos de um terço em

1850. Mais escolas, mesmo com ensino simultâneo, não significa conhecimento geral mais aprofundado. Mas Frederick prontamente admite que isso pode não apenas ter a ver com modelos e métodos, mas também, e talvez especialmente, com o grande fosso existente entre ricos e pobres.

Os ricos fazem crescer Oostende. Todas as fortificações da cidade foram removidas e surgem cada vez mais novos edifícios em direção a Mariakerke, onde o chalé real provisório continua de pé. Aos poucos, grandes hotéis juntam-se no dique, atraindo ainda mais cidadãos abastados para o litoral.
Na Grã-Bretanha as regiões costeiras conhecem a mesma evolução. Mas mesmo as zonas rurais estão a tornar-se cada vez mais os locais de férias para quem vive nas grandes cidades. É o caso do jovem Robert Baden-Powell. Ele passa as férias escolares a remar, fazer canoagem e velejar com os irmãos. Durante o ano letivo, ele aprende a esgueirar-se e improvisar refeições sempre que foge do colégio interno para as 'florestas proibidas' próximas.

Frederick e Annie escolhem também a floresta, embora não proibida. Em meados de junho, Annie parte para Kelmis e Frederick segue duas semanas depois. Annie está no fim da gravidez. Em 5 de julho de 1875 nasce uma filha saudável e recebe o nome de Jeanne. O nascimento é registado em Kelmis de acordo com a tradição familiar.
O primeiro membro da nova geração da dinastia cujo nome evoluiu de Magister para Lesmeister e depois para Teacher passa dias tranquilos entre Kelmis e Liège. Frederick e Annie dedicam

muito tempo à filha. Annie suspendeu temporariamente as suas atividades com trabalhadoras, mesmo acompanhando de perto a organização das *caisses mutuels*, inclusive em Namur, com a esperança de estabelecer uma mutualidade parecida em Liège. Frederico lê como em Portugal o outrora método Castilho foi rebatizado com o nome '*Cartilha Maternal*' por João de Deus. A revista menciona a justificação dada pelo autor em *A Arte da Leitura*: '*Iniciámos no mecanismo da escrita o principiante com grande e justa maravilha sua. Elle percebeu, sentiu mais ou menos lucidamente o engenho do homem, que estudando os sons de que as palavras se compõem, inventou para cada som um sinal, e depois, conforme a palavra consta de taes e taes sons, assim na escrita põe taes e taes signaes! Mas aqui vem a propósito admirar como esta arte fundada numa base tão singela tenha sido o martyrio de tantos innocentes e passe ainda na opinião das multidões por uma sciencia árdua!*'. Após esta introdução, o autor descreve a *Cartilha Maternal*. Logo a partir da segunda aula recorre a listas de palavras significativas em português destacando letras específicas para esclarecer a conexão entre som e ortografia. A primeira lição serve para introduzir as cinco vogais usadas em português.

Noutro artigo a mesma revista aborda o modelo de ensino simultâneo em Delft. O diretor de uma escola local rapidamente viu o óbvio: crianças da mesma idade na mesma classe apresentam diferenças claras no ritmo de aprendizagem. Fazem-se portanto referências a crianças rápidas e medíocres e, nesse modelo adaptado, essas crianças são divididas em classes diferentes. Frederick acha surpreendente como ninguém pensa

na artificialidade do ensino simultâneo. Alguém pode realmente pensar, pergunta ele a Annie, que todas as crianças aprendem a falar, andar, usar a casa de banho no mesmo dia das suas vidas. Annie ri. Muitos modelos de educação escolar irão surgir, responde, não é possível ter um professor por família. Mas Frederick diz existirem poucos motivos para ficar descansado, quando se lê depoimentos, como este de mestre Tassaert falando dos seus próprios tempos de aluno numa escola municipal: '*Que de pleurs, que de cris, que de supplications pour rester à la maison! On eût vraiment dit que nos parents voulaient nous mener en prison! À la vérité, l'école ne valait pas mieux*.'

Frederick consegue algumas informações vindo dos países do Extremo Oriente com a ajuda de Henri. Na Coréia, o defensor do confucionismo tradicional, Yu Insŏk, terá rejeitado as ideias ocidentais de igualdade e liberdade, referindo-se a elas como sendo bárbaras. Henri anotou a argumentação de Yu Insŏk: '*Quanto ao céu e à terra, existem níveis altos e baixos. Quanto a todas as coisas no chão, existem tamanhos grandes e pequenos. Quanto às montanhas, existem altos picos e colinas. Quanto à água, existem fossos e oceanos. Como equacioná-los? Quanto ao Homem, há diferenças entre senhor e servo, pai e filho, homem e mulher, mais velho e mais jovem, superior e inferior, nobre e plebeu. Existem diferenças entre sábio e comum, e sábio e tolo. Como equacioná-los? Quanto às leis ocidentais, na monarquia constitucional há o monarca e o súbdito. Na república há presidentes e vice-presidentes. Há também as câmaras alta e baixa do parlamento. Assim, em última análise, a igualdade humana não será realizada. A igualdade nada mais é do que a desordem, e*

a desordem nada mais é do que o caos. A liberdade nada mais é do que indecência e a indecência nada mais é do que luta. A razão pela qual o mundo de hoje cai na violência e na confusão não é outra senão a igualdade e a liberdade. A defesa da igualdade e da liberdade gera um espírito de violência e conflito¸ e esse espírito de violência e conflito produz tais eventos de violência e conflito. Se isso não parar¸ a humanidade acabará por perecer. O mundo também entraria em colapso. Igualdade e liberdade é a pior coisa já inventada no mundo em todas as épocas. Isso apenas encoraja as pessoas a não medirem palavras e a serem aproveitadoras. Por que adotar isso na China e Chosŏn?'.

Frederick aborda essas afirmações com Annie. Ela pensa um pouco e então diz: "Talvez o conceito de igualdade é confuso. Existem diferenças entre as pessoas, claro, entre homens e mulheres, entre homens, entre mulheres. Mas igualar não significa tornar as pessoas altas mais pequenas e esticar as mais pequenas. Fazer leis iguais para todos, para os pobres não perderem com os ricos, para todos adquirir todo o conhecimento que desejam, para todos dividir o seu tempo entre trabalho e tempo livro, como bem entender, parece-me o caminho. Os próprios presidentes e as câmaras baixa e alta do parlamento mostram talvez uma imagem bastante distorcida para Yu Insŏk. Ele coloca o dedo nas feridas por assim dizer. Pergunta ao teu pai se ele sabe o que Yu sugere: uma outra forma de igualdade e liberdade? Manter a hierarquia como a conhecíamos antes da Revolução Francesa? Isso para mim não está claro depois de te ouvir ler aquelas palavras."

Naquela noite, longe da Coréia, mas não muito longe de Liège, Lodewijk Demeester nasce numa fazenda agrícola perto de Tienen.

A batalha pela escola

No final de 1878, a família está reunida em Kelmis. Entretanto Frederick e Annie tiveram um segundo filho, Jean. Henri gosta do som quando pronuncia os nomes dos netos de um só fôlego: *JeanneEtJean*. Annie ri e observa como o nome da sogra Johanna fique preservado nos descendentes. Nada de *HenrietteEHenri,* remata.

"Ouviram? O rei Leopold inaugurou o novo *Kursaal* em Oostende" começa Annie.
"Sim, agora só falta um cassino real, vais ver. Com os Britânicos por perto, os jogos de azar têm bom futuro. Aliás fala-se também de uma pista de corrida para cavalos", responde Johanna. "Mais ainda, de repente Leopold parece ter descoberto o ensino estatal na Bélgica no discurso do trono no mês passado."
Frederico ri. "Lembras-te, a Bélgica é uma monarquia constitucional. O Discurso do Trono é em primeira instância uma declaração do governo. Depois da vitória dos liberais sobre os católicos, foi pela primeira vez desde a formação da Bélgica instalado um *Ministério do Ensino Público*. O chefe do governo Frère-Orban propôs Pierre Van Humbeeck para ocupar o lugar. É interessante, claro, haver um ministério próprio para lidar com o ensino. Mas talvez tem sobretudo a ver com a organização do sistema escolar e não com modelos de ensino, ouvindo bem os liberais franceses. Será feito trabalho para separar a escola de ensino geral da educação religiosa, suspeito. O novo governo liberal inclui alguns notórios maçons anticlericais. Vão querer

ver a religião fora do ensino geral, mas não defendem necessariamente os ideais dos liberais progressistas."

Johanna diz: "E mesmo assim, achei bonito o discurso do rei: '*La culture intellectuelle d'un peuple est plus que jamais, au temps présent, la source essentielle de sa prospérité*' e '*l'enseignement donné au frais de l'état doit être placé sous la direction et sous la surveillance exclusive de l'autorité civile*'. A autoridade civil, logo significa que bisbilhoteiros da igreja não são bem-vindos".

"Prevejo muita discussão, mãe", alerta Frederick. "Mas é verdade, ouvi na *Ligue* de uma nova lei. Ela vai alterar a de 1842, e referir claramente a separação constitucional entre Estado e Igreja."

Annie diz: "Eu por mim, o problema não reside no ensino estatal em si. Os burgueses fazendo parte dos governos pouco sabem das condições de vida dos trabalhadores. Sabem, no ano letivo em curso, oito em cada dez alunos não pagantes abandonam bem depressa a escola, contra seis em cada dez entre os alunos pagantes. Isso, para mim, não tem nada a ver com a escola. Os alunos não pagantes são filhos de famílias trabalhadoras e a possibilidade de mandá-los para a escola muitas vezes simplesmente não existe. Os pais trabalham de 12 a 15 horas. Têm que ir para a fábrica e voltar para casa. Fica claro. Ninguém da família consegue verificar se os filhos vão ou não vão à escola. E mesmo as famílias pagantes, logo com melhor situação, não controlam os filhos o suficiente. E porque iria uma criança para um lugar onde arrisca punições o tempo todo durante as aulas na sua maioria provocando tédio?"

"E dizem-nos serem os professores mais qualificados a trabalhar

nas escolas municipais, cerca de nove em dez têm formação própria", observa Frederick.

Annie olha para ele: "Não te esqueces! Muitos entre eles dedicam mais horas à escola de adultos quando comparando com a escola primária. Essa escola para adultos substitui a escola diurna para crianças e jovens. Apesar da lei o proibir, muitas crianças da classe trabalhadora com menos de quinze anos frequentam essa escola, em vez do ensino diurno. Lembras-te do nosso amigo professor? Ele disse-nos que muitas classes de escolas para adultos, incluindo a dele, mais da metade dos alunos tem menos de quatorze anos. E a *Ligue* está mais preocupada em deixar a igreja fora da escola… e não tanto de deixar as crianças fora das fábricas…"

Johanna intervém: "Concordo plenamente com Annie. Os defensores do ensino do estado estão hoje em primeiro lugar preocupados com a intromissão da Igreja e não com a qualidade de ensino para as crianças da classe trabalhadora. Até iniciativas com um aspecto humanitário são antes encaradas como formas de proteger o investimento dos ricos. Li-o recentemente. Uma boa biblioteca escolar não serve para incentivar as crianças a ler, mas sobretudo para elas levarem livros para casa para serem lidos aos pais, se eles próprios não souberem ler. Assim os trabalhadores não se entregar tanto à bebida. Mas não buscam os adultos entorpecidos pelo trabalho mais facilmente o esquecimento numa garrafa de *jenever* do que em uma leitura edificante ou imaginativa? Veremos os feitos do Ministério do Ensino Público nos próximos anos."

"Já agora nos Países Baixos a Igreja parece tomar uma posição

mais firme", continua Frederick. "O *Conselho Nacional da Escola Cristã* organizou-se, fazendo chegar uma petição do povo ao Rei. Os pais assinantes declararam preferir uma Escola Especial com Bíblia a uma escola do estado sem Bíblia. Contudo o rei sempre assinou a lei sobre o ensino em agosto."

"Mas qual era a real oposição à lei?" pergunta Annie.

Johanna responde: "Se percebi bem a oposição tem a ver com vários assuntos. Em primeiro lugar o tal Conselho opõe-se ao artigo determinando as dimensões e o mobiliário das salas de aula e o número de crianças nelas admitidas invocando a saúde pública."

"E o *Conselho da Escola Cristã* é contra?" Henri fica surpreso.

Johanna explica: "Tem principalmente a ver com as escolas especiais existentes. Diga-se de passagem, as escolas especiais nos Países Baixos são equivalente às escolas livres na Bélgica. Essas escolas não conseguem atender às condições referidas na lei e o *Conselho* teme o fecho de vários edifícios."

Annie ironiza: "Vamos deixar a saúde das crianças entregue à Bíblia nas mãos de Deus?"

Johanna sorri: "É uma observação malévola, querida, mas sim, as escolas especiais querem preservar o máximo possível de salas para não prejudicar o ensino dogmático. Mas há outras razões de oposição à lei, e têm a ver com a formação profissional. De aqui a dez anos, estipula-se, os professores estagiários só poderão ser ajudante. Não será possível eles continuar com a responsabilidade de uma turma. O governo quer assim melhorar a qualidade do ensino, mas as escolas especiais veem a medida como um fardo financeiro adicional."

Frederick intervém e diz: "Além disso, o número de alunos por mestre-escola está a ser reduzido em geral. É uma melhoria importante. Mas esta norma aplica-se apenas às escolas do estado, as escolas especiais não são obrigadas a seguí-la."
"Então estão contra porquê?" pergunta Henry.
"Annie já vai acusar o *Conselho de Escolas Cristãs* de mais um raciocínio perverso," responde Frederick com um riso, "porque ele é mais ou menos assim: a norma não é obrigatória, mas se as escolas do estado melhoraram em consequência da sua aplicação, então o nosso público poderá acabar por nos abandonar. Contudo, como não temos dinheiro para contratar mais professores, é melhor exigir a exclusão da regra."
Johanna continua: "Outra insatisfação tem a ver com a situação das professoras: segundo a lei eles devem preferencialmente lecionar nas classes mais baixas. Não está bem claro se a oposição visa a restrição das mulheres às primeiras classes ou o facto de admitir professoras."
Frederick retoma: "E depois há o artigo 33. Este regula a disposição penal para quem ensina ou deixa outro ensinar assuntos contrários ao respeito devido a quem pensa de outra forma. Os protestos são muitos. Segundo o *Conselho*, o artigo impõe a neutralidade e impossibilita limitar a educação religiosa a uma determinada religião na escola pública, ou seja, a escola paga por inteiro ou parcialmente com dinheiros públicos."
Annie suspira: "Então, aqui vem ao de cima a ideia subjacente: ensino publico sim, mas unicamente com base na religião mais seguida."
"Talvez podes colocar dessa forma", responde Frederick, "e

quem assume existir apenas uma verdade de enquadramento moral contida na religião da qual é portador pelo menos mostra ser coerente ao protestar."

Henri observa: "Posso resumir o protesto assim? Esta lei representa uma melhoria global para o ensino e impõe maiores exigências aos proponentes do ensino confessional nas escolas especiais, forçando-os a ajustes que custam dinheiro. E isso não é justo porque vai contra parte da população."

Johanna olha incrédula para ele: "Estás mesmo a querer dizer o que disseste? Isso vai contra uma parte da população? Ou isso vai contra aqueles que obstinadamente impedem a população de fazer suas próprias escolhas e, portanto, querem manter na sua mão o ensino e a educação de quem dirigem?"

Henri responde: "Estou apenas a fazer uma observação. Deve um estado democrático fornecer recursos para que líderes de qualquer corrente filosófica ou religiosa estabeleçam escolas, ou devem esses líderes encontrar recursos por conta própria? O protesto do *Conselho Nacional da Escola Cristã* vai no sentido de reformular a lei a favor de todo tipo de escolas, também Escolas Anarquistas, Escolas Islâmicas, Escolas da Associação Internacional de Trabalhadores? Ou apenas se opõe a qualquer ensino financiado regulamentado podendo eventualmente interferir com as decisões da sua própria Igreja e dos seus representantes? Com outras palavras, essa organização represente a uma maioria de hoje, podendo ser múltipla ou outra amanhã, ou quer simplesmente manter a fusão de Estado e Igreja num único quadro filosófico-religioso, o seu?"

Annie ouve atentamente Henri e diz então: "Se entendo bem

aquilo que dizes, com a separação entre Igreja e Estado, o ensino específico de qualquer religião ou ramo filosófico é simplesmente mantido fora da escola organizada com dinheiros públicos e da responsabilidade daqueles que representam uma religião ou corrente filosófica. Isso é realista?"
Henri conclui: "Não sei se isso é realista hoje. Mas para mim, um governo formado por representantes do povo não tem outro modelo de trabalho se desejar continuar a defender um princípio tolerante de igualdade, representando todos os nacionais."

Longe de Kelmis, o enésimo curto governo da monarquia constitucional portuguesa viu-se obrigado a por em campo toda a sua diplomacia para negociar com os governos ingleses e franceses o preciso alcance dos termos *escravo*, *tráfico de escravos*, *abolição da escravatura* e *proibição do tráfico de escravos*. Mais uma vez pontos de vista morais colidem com pontos de vista económicos. Por toda a Europa, não só políticos e líderes de governos, mas também uma parte significativa dos investigadores científicos continuam a classificar hierarquicamente diferentes grupos humanos dando-lhes a designação de raça ou subespécie. Uma classificação desse género abre espaço suficiente para continuar a recorrer ao trabalho de escravo para garantir grandes lucros a empresas, latifúndios e quem neles investe. Toda esta diplomacia do vago joga a favor de Leopoldo II, Rei dos Belgas. O monarca aproveita a oportunidade para juntar ao longo dos anos uma série de argumentos, conduzindo os outros monarcas e líderes europeus a tomar decisões que lhe são favoráveis.

Paulatinamente conduz Bismarck para uma Conferência para o seu proveito individual.
Essas disputas internacionais exigem bastante tempo dos sucessivos governos portugueses. Contudo, não é esquecido a necessidade de reforçar o quadro do ensino público. Uma nova reforma prevê a criação de quatro Escolas Normais de classe 1: duas em Lisboa (uma para cada género) e duas no Porto. Estas escolas vão formar mestres-escola para a escola primária e professores para o ensino médio. Os cursos de formação tem a duração de dois ou três anos, respetivamente. As escolas normais de classe 2 serão dez, prevendo-se uma para cada capital de distrito. Estas escolas são autorizados a atender homens e mulheres para formar mestres-escola e mestras-escola. Entretanto todos reconhecem as grandes falhas na rede de escolas de estado para rapazes enquanto as raparigas só podem recorrer a uma rede de escolas não oficiais para ambos os sexos mas sem co-educação. Registam-se ainda colégios, iniciativas cidadãs privadas para o ensino elementar, bem como escolas caritativas e solidárias criadas por autarquias locais ou por vezes até por membros de associações mutualistas. Além disso, existem escolas noturnas ou dominicais com professores itinerantes. Mas urge intervir, hoje em Portugal 80% da população continua analfabeta.

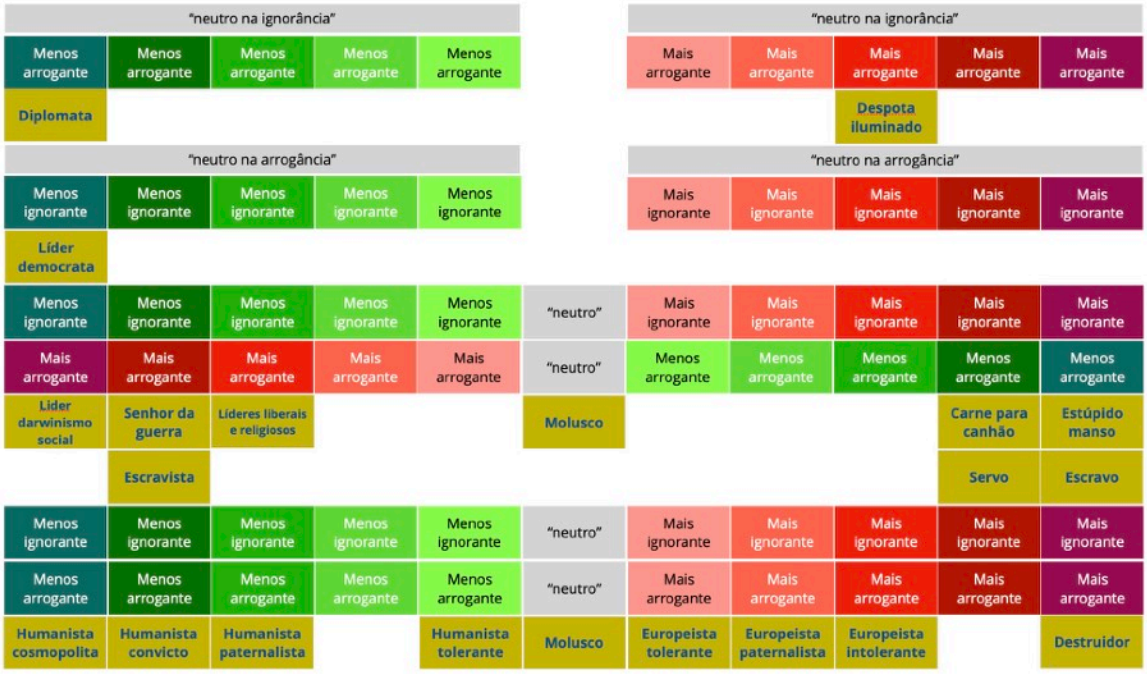
Johanna tem 62 anos quando retoma a reflexão dos seus bisavós debruçando sobre as relações entre as pessoas. Ela explica a parentes e amigos o paralelo que vê entre a classificação dos elementos químicos e a organização das

relações tipo. Johanna sempre guardou os textos versando sobre a ignorância e a arrogância depois de deixar Oostende e passou muito tempo a pensar nos actos e atitudes influenciando a ignorância e comportamentos influenciados por ela.

Ela lembra-se das histórias acerca de Faraday quando morava com o avô. Essas histórias levaram-na a acompanhar com grande interesse o progresso das ciências naturais. Por isso ela conhece as várias tabelas sugeridas pelos químicos ao longo dos últimos cinquenta anos para organizar os elementos. Ela acha as tabelas periódicas de Dmitri Mendeleev e Julius Lothar Meyer muito interessantes porque ambas representam os elementos em colunas de acordo com certas propriedades. A tabela de Mendeleev inspira-a por dois motivos. O cientista deixa lacunas no sistema onde elementos ainda não descobertos serão mais tarde inseridos. E ele ajusta pontualmente o arranjo proposto para melhor agrupar os elementos em famílias químicas.

A final de contas, Johanna dedicou toda a sua vida a modelos de trabalho baseados no diálogo para retirar crianças da ignorância e ensina-las como aprender a lidar umas com as outras, mesmo quando são muito diferentes umas das outras. Essa abordagem contrasta fortemente com o que ela vê localmente e ouve quando fala com familiares e amigos sobre as políticas de ensino dos governos dos Estados. Eles discutem frequentemente a influência da igreja e dos líderes anticlericais e a falta de tolerância entre seguidores de grupos distintos. Ainda este ano iniciou-se uma espécie de guerra escolar na Bélgica. Johanna decide incluir na família de pessoas menos ignorantes e mais arrogantes a categoria '*líderes liberais e religiosos*'. No ano de

nascimento de Albert Einstein e Adolphe Ferrière ela publica a tabela[1] à qual se refere como escala ignaramétrica de categorias humanas:



Frederick e Annie organizam um encontro em Liège para Johanna ter a oportunidade de explicar esta escala ignaramétrica. Aparecem cerca de quarenta pessoas, muitas são professores. Mas Johanna fica sobretudo radiante ao ver Leopold Lemaître entre os presentes. Ela abraça o irmão.

"Hoje em dia é fácil avisar alguém em cima da hora", ri Frederick. "Só é preciso usar o telégrafo."

"Mandaste um telegrama para o meu irmão?" pergunta Joana.

Leopold diz então: "Recebi duas linhas de texto: '*Venha para*

[1] Nota dos autores: Entre papéis antigos encontramos uma versão impressa em preto e branco da qual reproduzimos aqui uma réplica colorida para facilitar a leitura. Grande formato na Internet.

Liège. A sua irmã dá uma palestra'. Claro que fiquei curioso. A propósito, já sabias? Foi dado o passo da tele*grafia* para a tele*fonia* já foi dado? "

"Telefonia?" pergunta Henri "não é uma ideia incluindo um dispositivo para conseguir falar com alguém remotamente?"

"Certo", responde Leopold. "E não é apenas uma ideia. Já existe uma linha telefónica no Parlamento Belga. Podes usá-la para falar de um lugar para outro, dentro do próprio edifício."

"Vão ver. Qualquer dia conseguimos falar de Kelmis para Nivelles por meio de uma linha telegráfica adaptada", brinca Frederick.

Durante a palestra, Johanna desenha uma reprodução da tabela no grande quadro à sua disposição. Mas Frederick conseguiu cópias impressa graças a um impressor local amigo e que frequentemente imprime panfletos e ensaios curtos seus e de outros. Acerca da palestra, Frederick escreve alguns dias depois:

Querida mãe,

Fico muito feliz por ter visto como a tua apresentação fora um sucesso. Houve claramente muito interesse para as tuas ideias. Como disse Leopold, a tua tabela aberta é um convite à reflexão. Podemos olhar os acontecimentos à nossa volta e tentar interpretar com quem estamos a lidar. Com uma figura menos ou mais arrogante, com uma figura mais ou menos ignorante? Podemos encontrar aqueles para quem já abriste um lugar na tabela? Estamos a abrir uma nova categoria? Ajustamos uma outra? Deixa muitas possibilidades em aberto.

Achei muito interessantes os comentários e as conversas a

seguir à tua palestra relativo ao perigo de rotular. Ao meu ver deixaste bem claro o teu objetivo. Não se trata de estabelecer uma hierarquia, mas de tentar esclarecer com quem estamos a relacionar-nos. Annie achou esse ponto interessante. Quando dois líderes arrogantes não ignorantes se enfrentam, as possibilidades de surgir um acordo pacífico são pequenas. Com dois líderes arrogantes ignorantes, essas possibilidades são ainda menores. Foi interessante o comentário de um colega meu quando colocou o acto de ensinar conhecimento e de enfatizar o aprender a dialogar no canto inferior esquerdo da tua tabela. Estava a pensar. Poderíamos usar a tua tabela para 'ler' uma prática de ensino. Isso não leva apenas a descobertas agradáveis, como as do meu colega. Também leva a outra observação. Líderes arrogantes não ignorantes modificam o sistema escolar de modo a 'produzir' ignorantes não arrogantes como resultado. Ignorantes treinados para serem seguidores servis ... já os vimos várias vezes ao longo da história humana.

A segunda parte da conversa desviou sobretudo para o mal-estar no mundo de ensino belga. Foi inevitável ao meu ver, mãe. Este mal-estar não vai acabar tão cedo, daí se ter falado como se falou, penso eu. A reforma educacional de Van Humbeeck é claramente uma arrogante reação anticlerical contra a atitude clerical arrogante dos líderes conservadores da Igreja Católica. Não tenho dúvidas sobre isso. A única preocupação do governo liberal é de mudar o equilíbrio de poder entre igreja e não-igreja (e talvez os maçons?), penso. A luta pela escola do estado, emancipada da igreja, conduzida

por fileiras doutrinárias liberais não me parece ser uma luta em prol da escola geradora da apropriação do saber e do desenvolvimento do conhecimento. Mesmo as Escolas Normais oficiais não são necessariamente amigas de Fröbel. Mas ainda pior, ao meu ver, é a luta pelo poder travada por um clero conservador vendo cada nova lei como uma 'loi malheur', uma lei do infortúnio. As escolas municipais são denegridas de maneira inédita. Os padres locais são pressionados para proibir a entrada na igreja dos professores e dos pais enquanto não largam o sistema público de ensino. O alto clero conservador interpreta a liberdade constitucional de educação unicamente decorrente do sistema de ensino católico. Essa 'liberdade' é para eles a condição necessária para separar a igreja do estado, desde que o ensino lhes pertence: governo do povo para o estado, educação e ensino do povo para a igreja. De qualquer forma, dificilmente podemos falar de uma atitude tolerante. Apetece-me dizê-lo: de repente os bispos parecem estar a favor do terror revolucionário. E francamente não vejo como os anticlericais irão conseguir agir contra essa distorção toda. Parecia uma boa ideia pedir ao Papa para ajudar a acalmar os ânimos, mas aparentemente a emenda ficou pior que o soneto. Ainda assim, os bispos estão errados ao meu ver. Uma escola pública num estado leigo tolerante relativo às diferentes religiões é uma proposta humanista. Uma escola pública na qual a educação moral só pode basear-se nos preceitos da Igreja Católica é uma interpretação local e ultrapassada da educação moral. O mundo não deixa de existir na fronteira

entre a Bélgica e os Países Baixos ou a França, nem na linha a partir da qual não há (ou ainda não há, ou já não há) escolas católicas. Claro, a lei hoje reflete a lógica dos liberais doutrinários que governam. Eles estão convencidos da fraude eleitoral promovida pelo clero, agindo como 'consultores' de voto e querem limitar a influência da Igreja em todo lado. Querem proibir os municípios a subsidiar uma escola de ensino primário livre. Os professores das escolas municipais devem possuir um diploma de uma Escola Normal do estado, o ensino religioso só pode ser ministrado fora do currículo e unicamente mediante solicitação expressa dos pais. O currículo está sujeito a programas e livros escolares controlados pelo estado. Parece mais uma 'contra-ofensiva' contra os antigos governos católicos e não um avanço em direção da gestão pública da escola universal.

Mais útil seria aguçar as habilidades de pensamento de crianças e adultos, mas pode não ser essa a intenção do governo. Pôr as pessoas a pensar resultaria eventualmente no encolhimento da base eleitoral dos partidários do clero, mas também dos anticlericais doutrinários. E penso, mãe, haver hoje só dois grupos de poder da burguesia querendo assegurar o apoio alargado da população votante. Para garantir a adesão da população ignorante, os clérigos têm a igreja. A burguesia anticlerical não tem uma instituição do género. No geral, fazer pensar mais as pessoas pode dar mais poder aos sindicatos de trabalhadores, disse me a Annie recentemente. E a burguesia anticlerical não gosta da ideia. Mas observo com alguma ironia toda essa contra-ofensiva exclusivamente doutrinária. Fazer da

escola uma espécie de viveiro de ideias liberais irá quase certamente beneficiar o poder clerical porque nada é efetivamente feito para a emancipação do povo. Essa luta passa ao lado dos legisladores.

A lei em vigor promove a neutralidade da educação. Ela contraria o ideal de uma sociedade mono-religiosa pela qual a Igreja Católica luta. Mas querer mudar para outra sociedade com apenas posições anticlericais é solução? Toda a discussão a este respeito da qual assiste à parte, depois da tua apresentação ilustra como a tua tabela estimula as pessoas a pensar e a dialogar. Quão útil este diálogo não seria nas Escolas Normais? Especialmente agora. Porque os bispos já se organizam para persuadir os pais católicos em manter as crianças e os jovens longe da educação do estado e tomam medidas para fortalecer a rede de educação católica com a sua própria interpretação da liberdade constitucional de educação. Os bispos nem querem ouvir falar em abolir o internato para os futuros professores. De acordo com o ministro Van Humbeeck, os professores das escolas do estado são funcionários do estado. É necessária uma ampla educação intelectual, diz ele, a educação religiosa não é necessária para o estrito exercício do ofício. Um internato espelhado no seminário para formar padres perde a sua razão de ser. Os líderes católicos desaprovam. Querem manter o internato e o ensino religioso na formação de base assegurando a assim a colaboração entre padre e mestre-escola para manter uno ensino, educação moral e formação.

Entretanto, faremos bem em continuar a promover as

bibliotecas populares e as associações de educação popular. Mesmo aí, a tua tabela pode ser um bom começo de conversa, não achas?
Um doce abraço do teu filho
Frederick

Frederick e a sua família veem grandes benefícios em comunidades que se organizam entre elas para estabelecer sociedades mutualistas, assegurando assim o apoio mútuo para saúde, educação ou mesmo para funerais. Johanna concorda com uma observação do filho em relação à escola no Celeiro. A *República das Crianças* tem traços de *A New View of Society: Or, Essays on the Formation of Human Character Preparatory to the Development of a Plan for Gradually Ameliorating the Condition of Mankind,* escrito por Robert Owen há sessenta anos. Tem também alguma afinidade com o modo de vida de alguns grupos saídos da *Associação Internacional dos Trabalhadores* praticando a organização em falanstério como concebido por Saint-Simon e Fournier.
No mundo dos adultos parecem de momento principalmente ser os trabalhadores de fábrica a encorajarem-se uns aos outros para iniciar sociedades mutualistas no seio de comunidades formais ou menos formais formadas entre si. Às vezes dão origem a novas iniciativas. Aconteceu em Lisboa há pouco. Ali, o operário Custódio Gomes, membro da *União Fraternal dos Operários da Fabricação do Tabaco* viu além das necessidades básicas da mutualidade da fraternidade com preocupações na saúde e relativamente a funerais. Ele próprio é analfabeto e faz-

se ler regularmente os títulos dos jornais. Depois de uma crise industrial atingindo também os trabalhadores do tabaco ele constata a ausência de notícias a esse respeito. Terá exclamado: "*Se eu soubesse ler e escrever, teríamos o nosso jornal há muito tempo*". Custódio Gomes defende a sua ideia de jornal numa noite na reunião da direcção da associação e o presidente Custódio Braz Pacheco apoia-o de imediato. Ser trabalhador não significa ser escravo, é um dos pontos de partida. Naquela mesma noite a direção aprovara a proposta de publicar um jornal com o nome *A Voz do Operário*. O primeiro número sai sai dia 11 de outubro.

A abastada burguesia europeia interessa-se para coisas muito diferentes do que jornais para operários. Fala do comboio-barco-comboio direto entre Bruxelas e Londres em viaturas de luxo, fazendo da estação coberta no porto de Oostende a confortável conexão entre Londres e todas as cobiçadas zonas turísticas e capitais europeias.

A visita da Annie à área de mineração do Borinage não tem nada a ver com turismo. Ela recolha histórias sobre a vida dos trabalhadores, no âmbito das suas atividades para os mobilizar ou auxiliar para a sua própria mobilização formando comunidades e comités de apoio mútuo.

A jornada no Borinage tem um propósito específico. Annie visita Frameries. Sendo ela própria filha de mineiro e tendo perdido a mãe durante um incêndio de mina, ela relaciona-se facilmente com as viúvas das vítimas da explosão de grisu ocorrida nessa mesma primavera. Numa das visitas, ela tem uma breve conversa com Vincent van Gogh, um pregador leigo de 26 anos.

De momento ele acompanha a pequena comunidade protestante local de mineiros. Vincent vive na pobreza porque se identifica com a sua comunidade segundo as suas próprias palavras. Ele é originário dos Países Baixos, mas emigrou para o Reino Unido. Foi professor em Ramsgate e depois pregador assistente em Isleworth. Chegou a *Petit-Wasmes* enquanto missionário após uma formação em Laken. Ele vive na sua pele as dificuldades dos mineiros a tal ponto que a sua comunidade o vê mais como sofredor e não como líder espiritual, constata Annie. Ele diz estar profundamente afectado pela '*aparência febril, cansada e emaciada*' e pelos '*rostos ocos de fadiga e envelhecimento prematuro*' da sua gente. Na época da explosão do grisu desceu pessoalmente o '*poço amaldiçoado*', o nome dado ao famoso poço número 2 pelos mineiros, para depois cuidar dos feridos. A sua atitude resignada e deprimida reflete-se nos desenhos que mostra a Annie e dos quais irradia a pobreza negra. Para muitos mineiros ele continua a ser um estranho. Annie não ouve resignação nos testemunhos das viúvas, mas antes revolta. Aquele fosso já matou mais pessoas e tem má fama. Em 1875, mais de cem mineiros morreram, pouco depois da mina reabrir a seguir a uma série de explosões menores matando alguns e ferindo dezenas de trabalhadores. Quando Annie pergunta por que os homens mesmo assim desceram, a resposta é simples. Desde há alguns anos, é mais frequente não haver trabalho para todos nas outras minas. Então quem já não tinha rendimento sentira-se compelido a descer aquele maldito buraco. Mesmo assim ela regista palavras de agradecimento e de elogio ao rei e à rainha. Os monarcas

patrocinaram uma festa de beneficência durante o verão. Todo o dinheiro arrecadado serviu para apoiar as famílias afetadas. Um festa com banquete... Annie está indignada e não está sozinha. A aristocracia nem sequer mostrou solidariedade sem recorrer a uma festa com farta comida para oferecer trocos. Entretanto, logo após a segunda explosão mortal, os proprietários e operadores de minas da zona foram pressionados de vários setores para fechar aquele poço em particular, pois ele se revelou muito perigoso. A *Chambre du travail* apoiada pelos liberais Léon Defuisseaux e Paul Janson depositou petições no parlamento, mas nada se obteve. Não houve inquérito e o grupo Paris Rothschild, dono da Companhia de Carvão opera a mina e de modo algum pensa em fechar. Annie fala com o ex-trabalhador de uma carreira de mármore Louis Bertrand. Ele quer reunir todas as comunidades de trabalho sob um mesmo tecto dentro da *Chambre du travail.* Publicou acerca dos acidentes de trabalho após uma visita à região dedicando o texto aos mineiros belgas. Em Paris, quando se fala dos mineiros do Borinage, há quem diz: 'se falar de escravos, estes certamente o são …' . Uma amarga medalha comemorativa traz o texto *'la presse catholique a recueilli des millions pour le mendiant du vatican et pour les victimes de l'Agrappe à peine quelques milliers de francs' [a imprensa católica arrecadou milhões para o mendigo do vaticano e para as vítimas do Agrappe apenas alguns milhares de francos]*.

Para Annie e Frederick as discussões intelectuais dentro da *Associação Internacional dos Trabalhadores* nos últimos dez anos

não trouxeram vantagem nenhum aos trabalhadores com a necessidade de se organizar. Eles vêem tendências: há quem opta por trabalhar através das estruturas políticas existentes; outros querem criar os seus próprios partidos social-democratas; ainda outros continuam a rejeitar qualquer ação política recorrendo à criação de partidos. Foi essa a linha de pensamento encontrada por Annie no Borinage. Os trabalhadores põem de pé fundos mutualistas e associações locais de trabalhadores.

A secção belga da *Associação Internacional dos Trabalhadores* está em apuros desde o início da década de 1870. Aqui, as grandes querelas internas entre correntes políticas registam-se por região, por assim dizer. Na Flandres, confia-se no modelo alemão para criar o Partido Social-Democrata e romper com aquela parte da Associação que defende a ação através das estruturas políticas existentes. Em Bruxelas a tendência é a mesma: muitos seguem a corrente do partido social-democrata. Na Valónia — e especialmente em Verviers e no Borinage — as pessoas permanecem leais ao anarquismo e à revolução, e qualquer ação política no seio de partidos existentes ou a criar é rejeitada. Quando Frederick aborda a questão nos círculos de Bruxelas, onde um *Parti Socialiste Brabançon* concordou recentemente em trabalhar junto com o *Partido Socialista Flamengo* fundado em Ghent, a resposta é curta. Verviers e o Borinage simplesmente opõem-se à decisão tomada em congresso de tornar obrigatória a ação política partidária.

O casal vê nas constantes escaramuças entre os vários grupos e tendências socialistas analogias com as históricas escaramuças agressivas entre as várias igrejas de inspiração cristã.

“Parece impossível,” começa Annie. “Basta apenas duas pessoas se encontrar”, começa Annie, “para se desenvolver uma a conversa levando antes para a disputa agressiva do que para fundamentos para a coexistência.”

Frederick pensa por um momento e então diz: “É impressão minha? Há em qualquer disputa sempre indivíduos ou grupos procurando o exercício do poder? Originam por isso de pontos de ruptura insolúveis? Fazem-no inconscientemente?”

Annie franze a testa. “Quem quer tomar o poder quer impor a sua vontade aos outros? Não argumenta para o compromisso mas para a supremacia? E quem argumenta para a distribuição do poder, sem impor a sua própria vontade a todos os outros? Esse fica inevitavelmente refém de quem evita o compromisso.”

“Fica refém?”

“Sim, quem não tiver como objetivo a convivência, mas a vitória, a maioria, a imposição da sua vontade, fará acontecê-lo. Então a democracia reduz-se à aceitação da vontade da maioria, impondo-a agressivamente se for necessário. Vemo-lo por parte de muitas autoridades eclesiásticas, mas também de amigos do teu pai que se dizem seguidores de Marx e Engels. ”

“Mas eles não têm o poder, como os líderes da igreja têm, não é.”

“Oh, meu ingénuo professor, eles não tomaram o poder na *Associação Internacional dos Trabalhadores*? Até agora eles não conseguiram muito a não ser fazer desconfiar de qualquer um que pensa diferente deles. Mas isso é apenas um passo intermediário. Fala com Karel Buls e Isabelle Gatti, se quiseres. Houve muitos debates em Verviers após as tentativas fracassadas de fazer reviver a *Internacional* aproveitando o congresso de

reconciliação em Ghent."
"Verviers… Se queremos continuar o nosso paralelo, Verviers equivale uma espécie de cisma entre Calvino e Lutero. Por um lado os seguidores do recém-falecido Bakunin por outro Cafiero, e James Guillaume procurando uma certa neutralidade."
"Mas não concordas comigo? Apesar das suas diferenças, mesmo assim estabelecem uma base para a convivência entre indivíduos pensantes. Não vejo isso acontecer da mesma forma no discurso de quem procura tomar o poder político no chamado sistema representativo democrático."
"Verviers parece mais promissor na sua essência, sim. Contudo, estou preocupado. Até aqui existe a possibilidade para a defesa se tornar ataque, legitimando todos os meios, até mesmo assassinato e homicídio. "
"No entanto prefiro sentar-me com quem em última análise propõe comunidades de base nas quais a cooperação desempenha um papel importante e a propriedade é evitada. Não me sinto confortável em estar com quem mais uma vez defende um modelo no qual um governante sucede a outro com todas as suas implicações, desde a revolução até a imposição da vontade da maioria sobre uma minoria. Mesmo se estão convictos o bem comum passar pelas suas mãos."
"Concordamos nisso", diz Frederick para depois começar a rir.
" Por que é que ris?"
"Eu estou a fazer um exercício mental fazendo um paralelo com as afirmações de Darwin relativamente à religião. Antes da sua viagem com o Beagle, diz ele, recorria à Bíblia enquanto autoridade. Ele procurava algo como evidências da criação e via

na semelhança de certos insectos da Inglaterra e da Austrália a prova da mão de Deus. Mas com o tempo, ele perguntou-se por que nem todas as religiões seriam igualmente válidas. Todas aceitam aquela mão de Deus, logo.… Mais tarde considerou a teodiceia proposta por Leibniz e justificada por Malthus mas sentiu-a a colidir com a ideia de que males como a fome são simplesmente efeitos colaterais das leis geralmente boas do criador benevolente. Hoje Darwin fala da seleção natural como mostrando o lado bom da adaptação, sem a necessidade de um desenho inteligente subjacente. Além disso, disse, qual é a intenção do deus todo-poderoso originando dor e sofrimento, como quando animais paralisam larvas de outros animais e depois as oferecem como alimento vivo à procriação. Darwin continue a fazer trabalho paroquial, mas não vai à igreja há anos. E recentemente escreveu: *'Nunca fui ateu no sentido de negar a existência de um Deus. Acho que em geral... agnóstico seria a descrição mais precisa do meu estado de espírito'*. Talvez posso pensar ser inútil de negar a evolução rumo à igualdade e à fraternidade. Mas ao mesmo tempo não vejo nenhuma evidência de forma particular de ação fazer acontecer essa evolução. "

Annie ri. "A tua comparação vai longe demais, embora posso acompanhá-la. E quando Darwin usa a palavra *agnóstico* para descrever seu estado de espírito, o que exatamente ele quer dizer?"

"Não sei ao certo. Talvez usa a palavra como Thomas Huxley o faz num artigo na revista bastante recente *Nature*. Em termos gerais ele explica *a-gnose* sobre a existência de Deus. Para ele a

questão de saber se Deus existe ou não é insolúvel, porque, segundo ele, a resposta a essa questão é incognoscível."

Ao longo do ano de 1880, Frederick continua a recolher informações sobre o aparecimento do ensino público geral, que se torna cada vez mais obrigatória. Nesse ano o governo belga termina as suas relações diplomáticas com o Vaticano por motivos políticos. De acordo com Frederick, não passa de uma medida anticlerical um tanto sem sentido. Como resultado, arrisca prejudicar e não beneficiar o ensino público. Mas os liberais anticlericais tornaram-se entretanto muito parecidos com os clericais anti-liberais e qualquer diálogo tornou-se aparentemente impossível.

Nos últimos quatorze anos, o número de pessoas que sabem ler e escrever aumentou de cerca de uma em cada duas para sete em cada dez. Ler e escrever muitas vezes significa apenas que mais pessoas são capazes de assinar ou ler textos parcialmente memorizados da escola primária, é verdade. Annie constata-o nas suas visitas a várias fábricas na região de Liège. Muitos jovens continuam a frequentar apenas a escola para adultos. Os rapazes frequentam a escola à noite e as raparigas nos domingos. É uma situação estranha: os jovens de ambos os sexos trabalham juntos nas fábricas, mas mesmo estando autorizados desde 1866 a possibilidade de frequentar as escolas para adultos, não podem ir juntos para a escola noturna. Mas a lei vai atrás dos factos, sabe Annie. Um novo decreto real autoriza hoje a educação noturna simultânea para rapazes e raparigas em áreas densamente povoadas com iluminação

pública suficiente e em horários específicos. Quem governa quer zelar pelos bons costumes. As escolas de verão noturnas não passam muitas vezes de uma espécie de jardim-de-infância para crescidos, para mantê-los fora das ruas. As escolas noturnas de inverno têm um retorno melhor, mas continuam a contribuir para o absenteísmo nas escolas diurnas: devido aos baixos salários, os pais de crianças e jovens continuam a envia-los para o trabalho e, claro, os empregadores preferem não ver os jovens trabalhadores mais baratos trocarem o local de trabalho pela escola. Annie continua a ser muito cautelosa com todo o discurso da escola geral de ensino neutro. Frederick concorda, especialmente quando Isabelle Gatti lhe fala da nova oposição à expansão da escola dela. A primeira escola para raparigas foi, segundo Frederico, fundada sobretudo para atender a burguesia liberal. Nem deixou de sofrer uma campanha odiosa sobretudo por parte da imprensa conservadora e católica. Mas Isabelle perseverou e a escola tornou-se bem-sucedida e mais bem aceite. Agora a sua equipa de professoras e regentes e ela própria desenvolveram-se no campo pedagógico. Hoje estão muito à frente em comparação com as medidas do governo. Isabelle distancia-se agora claramente dos liberais doutrinários. Ela também acabou de iniciar um curso para regentes com Karel Buls e pensa em abrir um vestibular no próximo ano. Frederick observa que Isabelle irá dar que falar a oponentes e apoiantes mais uma vez. O fim certamente não está à vista, responde ela. De seguida ela fala de César De Paepe a quem deve ser dado mais crédito na sua opinião. Apesar de ter sido formalmente expulso da *Internacional*, persevera com alguns companheiros

de trabalho e ela vê os primórdios dum grande partido dos trabalhadores a ser, em parte devido às posições duvidosas dos liberais. Segundo ela, recorrer a De Paepe e seus colegas será o mais acertado para defender a ideia de mulheres como cidadãs politicamente ativas.

Na Inglaterra e no País de Gales, países de origem da *Associação Internacional dos Trabalhadores*, a escolaridade obrigatória só este ano é introduzida oficialmente para crianças entre cinco e dez anos. Mas aqui também o absenteísmo é grande. Não é raro ser tarefa das crianças mais velhas de cuidar dos irmãos mais novos. Na margem das leis sobre o trabalho infantil outros são precocemente enviadas para o trabalhar devido aos baixos salários.

Em Portugal o interesse pela *Cartilha Maternal* é maior, neste ano de nascimento de António Faria de Vasconcelos em Castelo Branco. Mais tarde ele abrirá uma escola em *Bierges-les-Wavre*, na Bélgica, em semelhança com a escola de Paul Geheeb.

Nos Países Baixos alastra um método de leitura amplamente divulgado nas próximas décadas. Trata-se de um método normal reunindo dois pontos de partida para a leitura. Jacotot foi indirectamente fonte de inspiração com o seu método de ensino universal. Com este método ele facilitava a auto-aprendizagem do idioma francês aos seus estudantes fornecendo-lhes um texto com uma tradução a acompanhar. Conhecendo o primeiro idioma, os estudantes iam descobrindo descobrem o segundo.

O pedagogo De Raaf propõe às crianças o seu método de frases de referência, Bouman fez evoluir o método das palavras

normais. Essencial para os dois é de ligar a análise à síntese. Por um lado, as crianças analisam mesmo à partida palavras ou frases selecionadas. Por outro lado, seguem-se imediatamente exercícios de síntese. Por analogia, as crianças usem logo os sons extraídos das palavras e frases e representados por letras e sílabas em outras palavras. O processo acelera a abordagem sintética pura na qual primeiro todas as letras são identificadas. A relação entre análise e síntese, começando com a análise simples, prova ser uma melhoria que excede em muito todas as melhorias de métodos puramente sintéticos. Esta nova abordagem influencia os métodos de som puro. Os seus autores introduzem gradualmente palavras existentes para ilustrar os sons. Entre as suas leituras acerca dos métodos, Frederick encontra um artigo do mestre-escola Johan Leopold descrevendo o teatro de marionetas na sala de aula. O autor fala acerca da personagem *Jan Klaassen* popular nos teatros de fantoche nas férias e observa: *'E estou convencido de que depois de uma atuação como essa não é necessário muito esforço para iniciar uma conversa sobre o que foi representado, certamente conduzida com muito entusiasmo por parte das crianças. Se as respectivas professoras irão partilhar esse entusiasmo? Se alguma pessoa aqui ou ali disser ter medo de se rebaixar a bufão, devo responder-lhe que ela não me entendeu. Quem se eleva a educadora não se rebaixa a bufão'*.

Frederick discute a ideia com sua mãe. Ele fala da importância do brincar e do simbolismo no desenvolvimento das crianças e por isso acha que o teatro de fantoches não está nada fora do lugar. Contudo pode não ser um meio de instrução mas um

meio de expressão por parte de todos.

Henri lê com muita atenção *Le Droit à la Paresse* no jornal *l'Égalité*. O ensaio foi escrito por Paul Lafargue, genro de Karl Marx. No seu estilo muitas vezes provocante e satírico, Lafargue considera o direito ao trabalho uma armadilha montada pela burguesia para forçar os trabalhadores a trabalhar demasiado manipulando-os para reivindicar o direito ao *trabalho* em vez do direito a *uma vida digna*. Para Henri, o ensaio defende em última análise uma redistribuição de riqueza levando os trabalhadores a trabalhar muito menos. Por um lado, muito do trabalho pesado pode ser entregue às máquinas. Por outro lado, as longas jornadas de trabalho provocam uma superprodução. Nem mesmo a burguesia proprietária e abastada consegue consumir tudo. As vendas são menores, os lucros encolhem, a produção elevada leva portanto a perdas. Perda de capital para os proprietários, perda de salários para os trabalhadores em resultado de desemprego compulsório não remunerado.
Paul Lafargue termina seu ensaio com: '*Se a classe trabalhadora pudesse expulsar o pecado que a domina e degrada a sua natureza, ela usaria o seu enorme poder para se revoltar. Não reivindicava os Direitos do Homem existentes, que são apenas os direitos da exploração capitalista, nem o direito ao trabalho, que é apenas o direito à miséria, mas reivindicava o direito de forjar uma lei de ferro proibindo um homem de trabalhar mais de três horas por dia. Então a terra, a velha terra, estremecendo de alegria, iria sentir um novo universo a desenrolar-se dentro dela ... Mas como pode o proletariado corrompido pela moral capitalista propor uma*

solução viril...

Assim como Cristo, triste personificação da antiga escravidão, os homens, as mulheres e as crianças do proletariado atravessam por um século já a dura encruzilhada da dor; já durante um século o duro trabalho quebrou os seus ossos, machucou a sua carne, atormentou os seus nervos; um século já a fome torceu as suas entranhas e alucinou seus cérebros... Oh NadaFaz, tenha pena da nossa longa miséria! oh NadaFaz, mãe das artes e das nobres virtudes, seja o bálsamo para as angústias humanas!'

Henri ri ao ler essas frases. Ele pensa em como as vai introduzir numa futura reunião familiar, quando Johanna e Frederick discutem a importância da escola generalizada.

Essa escola generalizada instala-se aos poucos, mas resta saber se ela promove a disseminação geral do saber. Em meados de 1881 foi promulgada uma nova lei na Bélgica tratando o ensino secundário com o objetivo principal de transferir fundos das escolas católicas para as escolas neutras do estado. Há logo uma nova onda de protestos. O clero expressa a sua preocupação não em relação ao conhecimento geral, mas com a 'alma da criança'. Os confrontos diretos entre escolas católicas e escolas neutras tornam-se mais frequentes com o crescimento da rede estatal de escolas secundárias e de athenea para rapazes. As almas das raparigas de pais com dinheiro não estão em risco, ironiza Frederick. Delas o governo não cuida. Elas continuam dependentes de escolas privadas e católicas para raparigas com mensalidades muitas vezes equivalentes a um terço do salário anual do trabalhador. Segundo Frederick, essas escolas administradas por comunidades de irmãs católicas ocupam-se

frequentemente sobretudo da educação moral e pouco do conhecimento geral. Não é de estranhar, portanto, o Crescent número de alunas na escola de Isabelle Gatti. As leis dos governos católicos e mesmo dos governos liberais de Frère-Orban limitam o número de escolas do estado para meninas. A última emenda liberal fala de 30 escolas secundárias para raparigas, uma pequena melhoria.

Johanna vê na escola progressista para raparigas de Miss Bell, *Winnington Hall*, Cheshire, Inglaterra, um exemplo para as escolas femininas a serem projetadas no continente. Ela lembra-se de John Ruskin. Ele trabalhou com Miss Bell por algum tempo e escreveu *The Ethics of the Dust* para turmas de raparigas. Esta obra recorre ao diálogo socrático e discute metaforicamente ideais sociais e políticos. Alias John Ruskin nunca escondeu o seu interesse pela educação das raparigas. Como antes costumava fazer para as escolas masculinas em Oxford, ele sempre doou livros e materiais tanto para o *Whitelands College* em Londres, como para outras instituições de ensino femininas, conta Johanna a Annie e Frederick.

Annie olha para a oferta de escolas no continente. O ensino para mulheres e trabalhadores em geral é um pouco melhor no norte da Europa, menos frequente em parte dos países do sul, de acordo com as informações que chega por meio dos coletivos de trabalhadores ou responsáveis para fundos mutualistas. A Escola Normal para mulheres no bairro do Calvário em Lisboa por exemplo, iniciou em 1866 e já foi encerrada em 1881. Pergunta porquê. A escolha desleixada tanto de alunas como do corpo docente, aparentemente muito incompetente, teria contribuído

para esse encerramento, é a resposta. Durante os 15 anos da existência da escola só 141 de 250 candidatas obtiveram o título de professora primária. Outros falam da negligência geral de sucessivos governos como causa para o fechamento. Casimiro Freire escreve no jornal *O Século* que contra esta negligência e para combater o analfabetismo generalizado deveriam ser enviadas missões para o território quase inteiro de Portugal. Essas missões deveriam ser constituídas por mestres-escola qualificados para ensinar as pessoas a ler e escrever segundo o método de João de Deus.
Annie nunca soube como pouco tempo depois Casimiro Freire toma a iniciativa ele próprio e cria a *Associação das Escolas Móveis segundo o método João de Deus*.

Jeanne Teacher fez sete anos e está matriculada numa escola primária municipal em Liège. Muitos colegas de Frederick tecem comentários acerca da escolha dos pais. Na escola secundária onde Frederick leciona, a influência da igreja e da paróquia é aparentemente bastante forte, e Frederick é censurado de ser facilmente influenciado pela sua esposa seis anos mais nova e com a alcunha de *Annie Vermelha* não apenas por causa do cabelo ruivo. Quando Frederick desabafa com a mãe, Johanna observa que é como se o tempo tivesse ficado parado. Os pais da sua neta sofrem da mesma pressão social como o avô dela há tantos anos em Oostende, quando a matriculou numa escola primária do estado do então *Reino Unido dos Países Baixos*.
Na escola, Jeanne aprende a ler e escrever em francês. Johanna e Frederick a ajudam-na em casa com o neerlandês, usando os

livros do método de leitura de Herman Bouman.
A publicação da *Cartilha Maternal*, com o subtítulo *A Arte de Ler*, ganha cada vez mais aceitação após os esforços de Casimiro Freire. O analfabetismo continua a ser a tragédia nacional de Portugal em parte porque o ensino mútuo ou modelo Lancaster ainda é a norma, principalmente devido à escassez de escolas e mestres-escola. Embora alguns dirigentes políticos repetiram *ad nauseam* que o ensino escolar era o meio de regeneração da sociedade portuguesa, nem eles nem os professores em geral conseguiram alguma vez se conciliaram em tempos com à mudança metodológica de António Feliciano Castilho. Apesar da veemência e teimosia com que Castilho se opusera até morrer à escola mútua e aos métodos sintéticos de leitura baseados na repetição e no soletrar ritmado, o corpo docente mostrara enorme resistência à aceitação e um novo método incorporando uma tímida tentativa de análise. Mesmo com a Escola Normal de Lisboa o método não ganhara força suficiente. Contudo, apesar do fracasso anterior hoje parecer estar o caminho aberto para os seus manuais. Quando João de Deus apresentara a Cartilha Maternal logo após a morte de Castilho, sábios e docentes já estavam mais abertos para uma mudança metodológica. Desde o corrente ano, por decisão parlamentar a utilização da Cartilha é obrigatória nas escolas portuguesas. Frederick e Johanna recebem um exemplar dos manuais e apreciam as listas de palavras ou pseudo-palavras que indicam cada um dos sons. Contudo, as palavras normais de Bouman com as ilustrações e os placas de parede que as acompanham parecem-lhes mais atraentes para as crianças. Além disso,

Johanna pensa ser mais fácil para um professor neerlandês de substituir certas palavras normais por palavras sugeridas pelas crianças da turma, mas ela não domina o português o suficiente para uma opinião mais profunda. Entretanto, em novembro de 1882, inicia-se em Castanheira de Pêra o primeiro curso com o método organizado pela *Associação das Escolas Móveis* fundada por Casimiro Freire, tanto no turno diurno como noturno.

Henri está na taberna com velhos amigos e comenta os eventos na Bélgica e outros países vizinhos.
Naturalmente, fala-se muito sobre do esforço para voltar a unir internacionalmente os trabalhadores após a morte de Karl Marx. Vão os socialistas das diferentes tendências conseguir reunir-se sob um mesmo guarda-chuva ou acabarão as tensões entre anarquistas e social-democratas por aumentar o fosso? Alguns companheiros na taberna tem dúvidas. O governo liberal belga até parece votar mais rápido em favor de algumas leis sociais do que a Prússia: a caderneta do trabalhador passa a ser opcional; cria-se a *Caisse de Crédit Foncier*, uma instituição de crédito para agricultores, beneficiando os pequenos agricultores, não tanto os trabalhadores em geral; as escolas do estado podem agora ensinar os falantes de flamengo a sua língua materna em neerlandês, mais outras duas disciplinas da sua escolha. Na taberna de Kelmis, às vezes basta saber como uma lei vai irritar os conservadores na oposição para ela ser considerada boa. E o clero revolta-se contra a instituição de crédito. Revolta-se também contra as novas regras para os cemitérios. A burguesia local da parte neerlandesa da Bélgica prefere falar francês. Ela

está nervosa e zangada devido ao neerlandês parcial nas escolas. Contam-se nos dedos de uma mão quem na taberna favorita de Henri fala neerlandês ou flamengo e todos continuam à espera da independência. Mas num ápice todos passaram a ser defensores fervorosos tanto da provisão legal para empréstimos como para a introdução do neerlandês na escola na parte flamenga do país vizinho. Frederick está de visita e expressa-se um pouco mais criticamente. Ele cita os últimos números das estatísticas do exército belga. Oito em cada dez recrutas agora sabem ler hoje, claramente uma melhoria. Por outro lado, o número de conscritos com escolaridade superior ao nível do ensino primário diminuiu nos últimos seis anos de governo liberal. Isso coloca algumas dúvidas acerca do tipo de escolaridade que os governantes pretendem.
Qualquer notícia sobre a maior democratização da educação geral na Grã-Bretanha deve ser vista com cautela pela mesma razão. Amigos com ligações com as associações mutualistas no sul da Europa contam como, depois de criarem um jornal chamado *A Voz do Operário*, os trabalhadores do tabaco de Lisboa transformaram a sua associação mutualista e de seguros numa mais alargada *Associação Cooperativa* com o nome do jornal. Já estão a pensar em criar uma escola para os filhos dos sócios.

"Existem muitas maneiras diferentes de entender a escola e isso depende das circunstâncias locais", diz Frederick.
Johanna e Annie olham para ele e a primeira pergunta: "Queres dizer o quê, exatamente?"

“Pensei nas disputas entre clérigos doutrinários e liberais doutrinários na Bélgica, e das notícias vindas da Prússia e de Birmingham”, continua Frederick.
“Explique um pouco mais”, pede Annie.
“Mãe, lembras-te do casamento de Friedrich Fröbel com Luise Levin em 1851, um ano antes de ele falecer? Bem, alguns anos após a sua morte, Luise começou o seu próprio jardim de infância particular em Hamburgo, depois daquela fase de difamação do Fröbel e e do seu sobrinho. Desde então, ela tem formado muitas jovens para aplicar o modelo pedagógico de Fröbel. Existe hoje a Associação Fröbel da qual ela é sócia. E acabei de ler que ela está envolvida na proposta de iniciar um jardim de infância para os mais pobres dos pobres este ano no distrito de Sint Georg em Hamburgo.”
“Então as autoridades prussianas foram de repente conquistadas pela pedagogia de Fröbel?” pergunta Joana.
“Não sei. Mas pelo menos trata-se de uma escola para pobres e não um depósito caritativo de crianças. Aparentemente Luise Levin Fröbel e a associação seguem com alguma atenção a educação Fröbel em outros países, desde os Estados americanos até a Rússia. ”
“Não ouvimos falar muito do país vizinho a Bélgica”, provoca Johanna. “Os católicos voltaram ao poder, e li um artigo irónico apresentando a Bélgica como o único estado do mundo cujo governo conspira contra o seu próprio ensino estatal.”
Annie ri e pergunta de seguido: “E o que se passa em Birmingham, Frederick?”
“Há algum tempo, falando de Karel Buls, referimos George Dixon

e a Liga Nacional de Educação na Inglaterra e o País de Gales, lembrem-se? Bem, o seu novo projeto chama-se *Escola Técnica*. Com este tipo de escolas ele espera ensinar ciência e tecnologia aos rapazes com vontade e capacidade para tal e aumentar a duração da escolarização com pelo menos dois anos."

"Portanto enquanto a principal noticia vindo da Bélgica são as disputas relativas ao ensino da religião na escola, ouvimos novidades interessantes tanto da Prússia quanto da Grã-Bretanha acerca do antes e do depois da escola primária", continua a provocar Johanna.

Annie sorri e diz: "Mas são situações circunscritas localmente, sobre as quais lemos nas revistas pedagógicas. Na Bélgica existem também iniciativas locais interessantes. Pense por exemplo em Isabelle Gatti."

Frederico acena com a cabeça. "Sim eu sei, não posso equiparar uma iniciativa local a uma política de Estado. Mas expressei a minha preocupação com a tomada do poder pelos católicos no nosso país. Voltaremos para os tempos anteriores à lei antes de Van Humbeeck, ouvem as minhas palavras. E se já os liberais doutrinários não concretizaram muitos dos nossos desejos, creio não estar enganado quando digo esperar menos ainda de Joseph Thonissen. As escolas municipais deixaram de ser prioridade e podem ser substituídas por escolas livres. Essas escolas ficam na possibilidade de continuar neutras em relação à religião. Mas isso só será o caso na minoria de municípios com burgomestres liberais, está claro."

"Mas o primeiro-ministro Joseph Malou não renunciou após os tumultos deste verão? Até o rei estava preocupado."

“Não foi apenas por questões do ensino. Havia mais. E os motins aproximaram liberais radicais, socialistas e até republicanos. O rei temia um clima geral anti-monárquico.”
“E agora passaram a ter um governo liderado por August Beernaert no qual Joseph Thonissen é o ministro do ensino?” pergunta Johanna.
“Na verdade, ele é Ministro do Interior. Beernaert tem uma política educativa um tanto oculta. A religião na educação torna-se novamente uma espécie de assunto doméstico. Mas ela é novamente contemplada na formação dos professores, mesmo nas Escolas Normais do Estado. Muito se fala da importância da formação social dos futuros professores, porque acabam por influenciar a formação dos futuros cidadãos.”
Novamente sob a tutela do ministro do interior, o ensino volta a não ter um ministério próprio na Belgica. Nem Johanna nem Annie alguma vez imaginam que a ocultação do ensino, como diz Frederick, durará até 1932. Para muitos defensores do ensino do estado, tudo tem a ver com o desejo da Igreja Católica de reforçar a sua presença. Entre eles está Karel Buls. Ele toma a iniciativa para um *Pacto de Juramento dos Municípios*, através do qual os municípios liberais se comprometem a não fechar as escolas neutras e gratuitas, mesmo havendo concorrência e falta de financiamento por parte do Estado. Para ele, a escolaridade obrigatória em escolas neutras é o caminho para emancipar os trabalhadores e enfrentar os problemas sociais. Ele é agora presidente da secção de Bruxelas do liberal *Willemsfonds*. Para Buls as secções locais desta fundação devem-se debruçar nas questões sociais, na criação de instituições de utilidade pública

em geral e na organização dos ofícios, dos pequenos proprietários de lojas e dos trabalhadores independentes. Para Annie, tem ideias quase socialistas. Frederick ri: "Vou-lhe dizer isso a próxima vez que o encontro. Mas trata-se antes duma preocupação de muitos professores associados no sindicato com raízes no *Tot 't Nut van 't Algemeen* neerlandês. Como sabes, o sindicato de professores e mestres-escola dos Países Baixos publica a revista *De Bode*. Esta contém muitas vezes depoimentos falando do destino das crianças da classe trabalhadora. Ainda no ano passado, publicou uma pesquisa acerca de condições de trabalho mostrando mais uma vez a realidade. A maioria dos trabalhadores do país não usufrui de rendimento suficiente para possibilitar ensino adequada aos filhos. Para os mestres-escola inquiridos, a escola primária deve intervir quando a família é incapaz de o fazer, não só com ensino. A educação da mente naufraga incondicionalmente se o corpo for negligenciado, dizem. Este ano, um editorial fala da assistência de educadores profissionais. Eles já não hesitam em exigir comida e roupas do governo para casos nos quais os pais se encontram na impossibilidade de prover-se desses bens, devido aos desequilíbrios e disparidades sociais."

Annie observa: "A situação dos trabalhadores continua a ser um drama. Em muitas partes da Europa até faz lembrar a escravidão. Vê aquela cooperativa de trabalhadores do tabaco de Lisboa *A voz do Operário*. Ela assumiu o serviço funerário dos seus membros como a principal prioridade da mutualidade que antecedeu a associação para evitar o despejo dos corpos em vales comuns, disseram-me uns amigos da nossa rede."

Johanna então observa: "*Peadagogische Bijdragen* por sua vez dá a sua própria visão dos trabalhadores e das suas organizações. Recentemente li um artigo de Van der Haas. Segundo ele as famílias faliram e '*não têm a menor compreensão de obediência e muitas vezes a mãe tem que comprar a disposição dos filhos para algum serviço com dinheiro. É lamentável, mas é simplesmente o caso. Em muitas ocasiões, a escola precisa intervir de forma educativa no lar.*' Eu por mim considero um estranho argumento para analisar a autoridade parental, mas segundo o autor trata-se de combater o socialismo por meio da educação cristã. Equivale ele um serviço pago ao socialismo e um serviço prestado à solidariedade cristã? Parece-me uma visão muito empobrecida de educação, autoridade e humanismo."

Henri e Johanna recebem desde algum tempo regularmente os números de *l'Echo d'Ostende*. Na Kapellestraat, perto da casa da família Lemaître pertencendo a Johanna, foi aberto um escritório para reserva de passagens de comboio na nova ligação entre Oostende e Viena. A viagem completa leva cerca de 24 horas e realiza-se em carruagens de luxo. Obviamente, o serviço visa sobretudo a viagem completa entre Londres e Viena. Mas como a *Compagnie des Wagons Lits* também tem escritórios em Oostende, assume-se haver mercado. Uma edição de verão de *l'Echo* refere o Orient-Express para Constantinopla e o Vienna-Express. Ambos os serviços ajustam os seus horários de partida à chegada do Vapor de Dover. O regresso dos comboios à *Oostende Estação marítima* coincide igualmente com o horário de partida do Vapor.

Os comboios que servem Kelmis são bem menos luxuosos. O serviço de passageiros faz conexão com as linhas para Aachen e o resto de Alemanha como para Liège, Bruxelas e Oostende. Contudo, a linha ferroviária é de momento sobretudo a peça chave para manter a fábrica de zinco a funcionar. Em Moresnet propriamente dito vai terminar a mineração será ainda este ano como já é sabido em toda a região. Nas tabernas há muita especulação sobre novas atividades para facilitar a obtenção da independência do condomínio. A família Grimaldi não conseguiu a independência de Mónaco graças ao jogo? Que tal uma ligação com os casinos de Mónaco e de Spa, Namur e Oostende? Porque não um casino em Kelmis? Os jogadores britânicos devem estar interessados nesse casino num micro-estado. E à população abastada da Prússia e do norte da França certamente também deve agradar a ideia.

Annie e Frederick estão de visita em Kelmis no final da primavera de 1885. O filho Jean recupera dificilmente de uma doença infantil febril. O médico recomenda o ar do campo para ganhar forças. Durante esta visita, eles ouvem a história toda de como o Rei dos Belgas se tornou Rei do Congo. É uma história de intriga baseada em meias-verdades, digna de um livro de aventuras de Júlio Verne. Como quase sempre, as principais informações vêm da taberna local. Em casa, Henri conta: “Tudo começa com Henry Stanley. Ele quis voltar para a região do Congo após uma primeira expedição, muito provavelmente com a intenção de alcançar fama e fortuna. Mas o seu próprio governo britânico não estava muito

interessado em financiar mais expedições naquela região. Leopold rei dos belgas localizou-o rapidamente e propôs-lhe um contrato de exploração."

"Como o conseguiu?" pergunta Annie.

"Bem, faz agora nove anos ele tinha já exortado à criação de uma associação internacional para o estudo de territórios desconhecidos da África durante a *Conferência Geográfica* em Bruxelas. A associação recebeu o nome pomposo de *Association Internationale pour l'exploration et la civilisation de l'Afrique centrale*, com a sigla *AIA*. Os governos dos países europeus participantes financiariam as explorações conduzidas por esta sociedade através de comités nacionais. Na prática, pouco ou nada aconteceu."

"Então como conseguiu Leopold um contrato para Stanley com essa Associação?" pergunta Frederick.

"Bem, essa associação em particular ja não existe, na verdade. A maioria dos comités nacionais nunca passaram do papel, mas o Rei dos Belgas aproveitou-se da *Association Internationale* para criar o *Comité d'Études du Haut-Congo*. Na verdade, este comité é uma empresa comercial e um quarto do capital vem do próprio rei. Esse comité por sua vez ganha um novo parceiro tendo até hoje o nome de *Association Internationale du Congo*, com a sigla *AIC*. "

"*AIC* em vez de *AIA*," diz Johanna.

"Já estão a ver a confusão. E talvez foi mesma a intenção de Leopoldo II de criar esta confusão. Então Stanley explorou a Africa central ao serviço do Comité e da *AIC*. E agora vem o golpe de mestre de Leopold. Oficialmente, a recém-terminada

Conferência de Berlim visava o estabelecimento de acordos entre os governos das nações europeias industrializadas em como dividir o continente africano entre si. Não deixa de ser bastante arrogante, diga-se de passagem. Pois bem. Embora a conferência tenha sido convocada por Bismarck, corre a história que foi a Corte Belga a preparar o encontro."

"E só envolveu os estados europeus?" pergunta Annie.

"Os Estados Unidos e o Império Otomano também estiveram presentes mas não foram envolvidos chefes de estado africanos nem o sultão de Zanzibar. Como talvez sabem, a conferência durou vários meses. Finalmente, estabeleceram-se os limites de exploração na África para cada um dos estados europeus. Toda a área da bacia fluvial do rio Congo ficou livre de ocupação."

"A área explorada por Stanley por ordem da *AIC*?"

"Correto. A *AIC* é na verdade tudo menos internacional, mas isso foi habilmente ocultado. Os Atos da Conferência prevêem para toda aquela zona do rio Congo liberdade de comércio e navegação, neutralidade em caso de conflito, mas também uma efectiva posse, com vista à elevação material e espiritual da população indígena, e ao combate do tráfico de escravos."

"E aquela efectiva posse …" começa Frederick.

"… Leopold propõe a gestão pela *AIC* sob os seus auspícios reais. Afinal, o governo Belga não está interessada em colónias como todos os presentes sabem …"

"Agora entendo melhor o debate na Câmara dos Representantes no final de abril, quando Xavier Neujean foi o único a votar contra o pedido de Leopoldo II para chefiar o Estado Livre do Congo", diz Annie. "Porque se tudo o que estás a dizer for

verdade, não existe nenhuma associação internacional e Leopold conseguiu algo não desejado pelo governo belga: uma espécie de colónia privada. ”
Henri faz um sorriso amargo: “Sim, ele próprio escolheu o título de *Rei do Congo* e a *AIC* passou a ser o *Estado Livre do Congo*. A ilusão estava criada e a população local não sabe de nada. E, o governo belga, claro, diz não ter nada a ver com todo o caso. Mas para mim, é uma pura prática de colonização, tal como os monarcas espanhóis e portugueses fizeram, quando alegremente dividiram o mundo entre si há quase quatrocentos anos.”
Frederick pensa por um momento nessa história e diz: “Vamos ouvir mais sobre isso nos próximos anos, tenho a certeza …”

Jan Ligthart acaba de abrir uma escola em Haia, leram Frederick e Johanna. O pedagogo tem claramente em mente a atividade autónoma das crianças. Segundo Johanna, as suas propostas lembram o trabalho de Leon Tolstoi. Ligthart incorpora pedagogicamente a autonomia e vai talvez mais longe do que Fröbel, pensa Frederick depois de se informar mais acerca da escola. Ligthart está particularmente interessado em trabalhar com as crianças mais carentes, é bem claro. Ele coloca grande ênfase na personalidade do mestre-escola. Este é responsável para criar a atmosfera adequada e deve ser original nas suas abordagens. Não adianta imitar os outros, diz Ligthart. Vê a obediência como importante para as crianças obterem a necessária liberdade para aprender. Segundo ele, o mestre-escola tem a complexa tarefa de manter equilibrados estes dois

aspectos no processo de aprendizagem.

Mãe e filho olham regularmente para a oferta de literatura infantil. Um dos efeitos colaterais da crescente rede de escolas públicas em vários países é o aumento da necessidade de literatura para crianças. Eles entendem a posição de Moore no seu livro *Literature at Nurse or Circulating Morals* no qual aconselha os autores a escreverem de acordo com os valores tradicionais e assim ajudar os pais. A literatura infantil é um bom meio de preservar os valores morais do pensamento dogmático. Eles pessoalmente pensam numa literatura infantil mais provocadora, uma literatura para fazer pensar, um ponto de vista do qual Moore provavelmente discorda.

De passagem, Johanna observa a ambiguidade do debate sobre a educação e os valores morais. As famílias abastadas deixando os filhos aos cuidados dos empregados, são hoje mais abertamente criticados. Não é incomum ouvir-se citar Locke com: '*As crianças devem, na medida do possível, ser totalmente isentas de relações com os criados, pois os maus exemplos destes prejudicam muito a polidez e a virtude de muitas crianças, se os pequeninos frequentemente entrar em contato com eles. As crianças muitas vezes aprendem com os corruptos servos sem educação palavras, brincadeiras ou vícios que, sem eles, não teriam conhecido por toda a vida.*' Talvez a burguesia começa a exigir ensino de qualidade para todos, apenas por interesse próprio, ironiza Frederick. Mas isso não acontecerá tão cedo, acha Johanna, porque as pessoas tendem a subestimar a influência prejudicial de maus exemplos, mesmo quando reconhecem que ela existe. E mais provável a demissão de empregados realmente

inadequados e não a uma melhor formação geral para todos os empregados e amas. Johanna sugere Frederick de prestar atenção às recentes notícias vindo do mundo médico na abordagem de padrões comportamentais. Ela fala do trabalho de Charcot e dum artigo de um de seus admiradores, Sigmund Freud.

Em Oostende, os comboios não são o único assunto de conversa, contudo… A cidade está ligada a Viena, Budapeste, Constança, Trieste e Alexandria, mas também a Köln, Karlsbad, Berlim, Varsóvia e São Petersburgo. Oostende pode ser alcançado a partir de Luxemburgo, Basel, Lucerna, Milão e, claro, Paris. O Expresso do Oriente continua obviamente a circular. Hoje, quase toda a Europa encontra o seu caminho para um dos destinos apreciados do rei, Oostende com o Kursaal e o casino. Mas o povo está pouco interessado em os comboios luxuosos só acessíveis a quem conseguir pagar. Os pescadores têm muito para falar. O jovem John Bauwens e o seu irmão construíram um saveiro com um guincho a vapor há mais de um ano. Muitos dos armadores locais falavam então de ousadia. Mas logo a seguir, o estaleiro da cidade, De Coene fora mais longe e puseram em circulação uma traineira a vapor com motor composto, a O.30. Oostende passa a ter o primeiro navio a vapor de pesca não importado.
Em Kelmis, a conversa não trata de barcos nem comboios de sobre selos. O doutor Wilhelm Molly continua ávido filatelista e sempre se lembrou daquela piada do editor do *Le Timbre-Poste* no Dia da Mentira. Por sua iniciativa privada colocou em

circulação os selos de Moresnet. No entanto duas semanas após a primeira emissão são prontamente proibidos pelos comissários que zelam pela neutralidade do condomínio de Moresnet. Fizeram referência à legislação francesa ainda em vigor. Esta define claramente o serviço postal como sendo um monopólio do Estado. Há risadas na taberna. O taberneiro pergunta brincando: "E quem é esse monopolista? Leopold II ou Kaiser Guilherme I? Quem tem o melhor perfil para colocar nos pedacinhos de papel? O primeiro é obviamente muito mais jovem e vai durar mais, é talvez um melhor investimento …"

A revista pedagógica preferida de Frederick da conta de uma lei publicada em Portugal regulando a atuação do mestre-escola em caso de indisciplina. Diz: *'Para punir as faltas dos alunos poderá o professor empregar: a admoestação; a repreensão; a privação de recreio, detenção na escola depois de findos os exercícios escolares ou quaisquer outros castigos que não ofendam a dignidade ou a saúde dos alunos; a suspensão temporária de frequência, com participação às famílias; a expulsão. Estes castigos podem ser impostos pelos professores da turma, exceptuando a expulsão e a suspensão por mais de oito dias'*. Aparentemente, diz o autor do artigo, foi necessário publicar essas regras porque os fiscais costumam relatar violência extrema considerando os espancamentos e o uso abusivo da palmatória.

Frederick e Annie assistem a uma palestra de Walther Victor Spring da Universidade de Liège sobre a variabilidade dos níveis de dióxido de carbono na atmosfera do planeta. Cientistas da

universidade notaram uma maior concentração desse gás na cidade de Liège em comparação com a zona rural circundante, possivelmente devido ao uso de carvão para aquecer as casas e à combustão lenta do gás de carvão no distrito de Saint-Jacques produzindo metano. O próprio Spring estudou as medições meteorológicas com Leon Roland e notou como o ar esfria mais lentamente devido à concentração de vapor de água e dióxido de carbono.
Frederick comenta depois a palestra com a Annie. Ele tem dificuldade em acreditar que um fenómeno local de queima de carvão tenha um impacto em todo o planeta. Mas ele admite não descartar para já a ideia.

Se a combustão do carvão nos navios a vapor de pesca de Oostende também aquece o ar, é por enquanto difícil de saber. Seja como for, John Bauwens iniciou no ano passado uma companhia de navegação para operar o seu navio a vapor. Este ano ele abriu uma segunda empresa para produzir velas e cordas. Estes produtos fazem ainda muito falta. Em termos gerais, os barcos a vapor são sobretudo um assunto inglês. Pelo menos é assim para o pequeno Arseen Blondé quando se muda para Oostende. Para já, vapor, só na tranvia local. O pai dele é timoneiro num barco de pesca a vela e vê outros problemas devido ao vapor, sem nada a ver com a temperatura do ar. Durante o ano de 1887 a tensão entre os pescadores flamengos e os seus rivais ingleses aumentou muito. Os ingleses vendem regularmente peixe na lota de Oostende, atracando aí os seus arrastões a vapor. Passa a haver passa menos flutuações de

preços devido a condições meteorológicas e, no geral, o preço do peixe cai como resultado da maior oferta. Para os trabalhadores fabris existe o salário estipulado em dinheiro por dias fixos, mas não para os pescadores. Estes são normalmente são contratados por faina e os seus ganhos dependem diretamente do preço de venda obtido na lota. Logo, a oferta regular reduzindo os preços é para os pescadores uma má notícia. E quando os armadores belgas começam a colocar também eles mais barcos a vapor em serviço, a tensão vira-se revolta. O socialista Edward Anseele de Ghent visita os revoltosos e propõe aos pescadores de criar associações como o fazem os operários de fábrica e, porque não, se constituir armador em cooperativa marítima própria. Os discursos de Anseele causa uma grande impacto no pequeno Arseen. Ele levará a sério as sugestões do dirigente de Ghent ao longo de toda a sua vida.

As propostas de Anseele foram ouvidas por muitos pescadores, mas colocá-las em prática não é tão óbvio. Henry Pype, padre e desde alguns anos capelão no bairro dos pescadores de Oostende, sabe-o muito bem porque conhece por dentro a vida difícil e cheia de ansiedades das famílias. Muitos pescadores passam períodos de três ou mais semanas no mar e mal ganham o suficiente para sustentar suas famílias. A fome, a doença, a viuvez e o orfanato somam-se à solidão sentida pelas mulheres e as crianças cada vez que os barcos zarpam. Para Henry Pype as intervenções socialistas são sonhos e os 'seus' pescadores preferem simplesmente continuar a confiar em Deus.

"Agora está realmente fora de controle!" Assim começa uma conversa na taberna favorito de Henri. Quem fala é o filho do Parisien e a irritação tem a ver com uma moda nas cidades quando organizam exposições mundiais. Os antropólogos aparentemente acham instrutivo caçar ou prender pessoas em outras partes do mundo e exibi-las como num jardim zoológico.
"Mas quem se lembra de coisas dessas?", pergunta o taberneiro.
"Surgiu a ideia ao Carl Hagenbeck pelos vistos. Ele é um comerciante de animais selvagens para parques de animais e circos. Há alguns anos organizou uma *tournée* com exposição de *animais selvagens e Núbios* em Londres, Paris e Berlim. À seguir foi a vez de cativar Inuit para os expor."
"Eu ouvi algo acerca disso," interrompe o Henri. "Eles não morreram?"
"Sim, aparentemente todos eles ficaram doentes e morreram. Mas *'ir ver primitivos*' tornou-se de repente uma atividade popular. "
"Na verdade, muitas pessoas continuam a ter a mentalidade dos comerciantes de escravos. Quem não é europeu e cristão não é bem humano, mas algo entre animal e humano, assim pensem eles ainda", intervém um médico hospedado em casa de Wilhelm Molly. "Muitos dos meus colegas estão de acordo com as hierarquias dos antropólogos, indo do primitivo ao desenvolvido. Aparentemente os menos primitivos são aqueles europeus roubando outras pessoas das suas terras, trazendo-as sob falsos pretextos para as exibir como se fossem gado."
"Estás mesmo muito zangado com este fenómeno", diz Henri.
"Sim, e fiquei ainda mais irritado quando ouvi o envolvimento

de um antropólogo para o qual tinha o maior respeito. Ele faz uma leitura não hierárquica relativamente a outras pessoas e outras culturas — ele recusa-se até de usar o termo 'outras raças'. Mas agora concordou em montar uma exposição desse tipo em Chicago por ocasião do quarto centenário da chegada de Colombo à América."

"De quem é que estas a falar?" pergunta o filho do Parisien.

"Falo de Franz Boas, um compatriota meu que emigrou para a América. Ele usa o termo *relativismo cultural*. As culturas, argumenta ele, não podem ser objetivamente classificadas como superiores ou inferiores, piores ou melhores, menos ou mais corretas. Para ele todas as pessoas veem o mundo através das suas próprias lentes e estabelecem assim as bases para as suas próprias normas culturalmente adquiridas, interpretando depois a natureza e os eventos ocorridos."

"Talvez ele quer demonstrá-lo com uma exposição? Não é coisa boa?" pergunta o taberneiro.

"Receio ser excesso de ingenuidade. Quem visita estas feiras não vai a uma exposição para aprender, muito menos para exercícios de reflexão acerca da própria cultura em relação à de seres mantidas em jaulas semiabertas. Grande parte dos visitantes vão para uma tal exposição para se horrorizar, ou para se espantar com criaturas seminuas possivelmente vestidos com peles de animais tradicionalmente trabalhadas. Francamente, eles não vão visitar os humanos expostos para ter uma conversa enriquecedora ou divertida. Muitos europeus e imigrantes americanos até continuam a manifestar dúvidas se aqueles outros povos que dizem ser primitivos tenham uma verdadeira

língua. É para ficar completamente desesperado."
Um silêncio constrangedor segue essas últimas palavras.
Numa tentativa de quebrar o gelo, Henri muda a direção da conversa: "Já agora, falando de línguas. Ouvi falar dum colega vosso que está a construir um novo idioma internacional? Molly falou-me disso recentemente. É mesmo verdade?"
"Não o conheço pessoalmente o homem, mas este ano ele publicou sob o pseudónimo de Dr. Esperanto o *Internacia lingvo – Antaŭparolo kaj plena lernolibro*, um dicionário e curso para aprender a língua internacional que ele inventou."
"Isso vai interessar Johanna e Frederick", diz Henri. "Recentemente sonhavam de correspondência entre crianças e adultos que falam línguas diferentes e Frederick lembrou uma observação atribuída a Comenius: '*O mundo precisa de uma língua comum, que seja mais fácil do que todas as línguas até agora conhecidas*'. Ele próprio recorria ao latim e sempre a considerou demasiado complexa."
"Sei pouco da tal língua, contudo, para mim, o *Internacia lingvo* é capaz de ser um bom idioma intermediário em conversas entre pessoas com línguas maternas diferentes. Até agora as línguas ditas internacionais não tiveram muito sucesso. E quão internacionais são elas realmente? As palavras de base vêm de algum lado. No entanto, neste caso o abundante uso de prefixos e sufixos procura manter o vocabulário simples."
O taberneiro ignora o desvio diplomático de Henri e diz: "Para continuar a conversa acerca dos primitivos, vocês ouviram as últimas notícias sobre o *AIC* ou *Estado Livre do Congo*? O governo belga afirma esse caso do Congo um assunto apenas

pessoal de Leopold, monarca constitucional na Bélgica e monarca absoluto no *Estado Livre do Congo*, ha ha! Mesmo quem esteve no Congresso de Berlim e aceitou o AIC não acredita muito nesse conto de fadas."

Frederick acrescenta: "Pois, muito dinheiro público já foi investido nas terras de Leopold. E os brancos instalando-se na região considerando-a uma colónia são principalmente belgas."

"E eu sei", diz o Parisien, "de muito marfim a ser comercializado enquanto as plantações de seringueiras se expandem a grande velocidade. Com os pneus John Dunlop em todo tipo de rodas, a procura para o látex aumenta de ano para ano."

O taberneiro continua: "Há algumas semanas, passou por aqui um padre da *Sociedade dos Missionários da África*. Ele falou-me da sua ordem missionária. Este ano os padres da ordem iniciaram uma campanha contra a escravatura lembrando os acordos da Conferência de Berlim aos quais Leopoldo II se comprometeu para os territórios do *Estado Livre do Congo*. A ordem visa principalmente os comerciantes de escravos árabes. Mas anda por aí uma figura a quem Stanley fez apelo para segurar a ocupação de territórios integrados no *Estado Livre*, conhecido por comercializar escravos e usá-los em proveito próprio nas suas plantações, além de ter um negócio de marfim. O nome dele é Hamed bin Mohammed el Marjebi, hoje um dos governadores no Estado Livre. Há quem encontra nisso razões para o afastar, disse o padre, mas o homem continua a ser muito apreciado enquanto governador local."

"Brilhante! Então, pela mão de seu rei, os belgas tornaram-se colonos ativos. Mas durante as negociação para a formação do

Estado Belga, negociou-se a neutralidade relativo à colonização da África. Não demorou muito para os interessados a contornar."
"O que querem? Faz-se aí muito dinheiro e com ele ganha-se muito poder … e o acordo fundador foi mais uma estratégia das potências reinantes interessados numa parcela de território neutro entre as suas fronteiras mas também quiseram evitar concorrência na colonização da África", suspira Frederick.

Entretanto o saque dos territórios colonizados só marginalmente beneficia a população dos reinos saqueadores. Associações mutualistas continuam a dar as respostas recusadas pelo Estado, como é o caso com *A Voz do Operário* em Portugal. De facto, associações como essa expandem as suas próprias bibliotecas e as bibliotecas de escola para fazer chegar o conhecimento aos seus sócios. Da agenda das ligas educativas continua a constar o desenvolvimento das competências de leitura de toda a população. Estabelecem acordos com associações de mestres-escolas e organizações de trabalhadores por toda a Europa. Mais leitores requer o aumenta da oferta de livros baratos. Isso tem consequências no mundo editorial. Louis Hachette, por exemplo, editor e vendedor de livros escolares expandiu rapidamente a sua oferta de literatura de viagem barata, a ser vendida nas estações de comboio. O periódico *Magasin d'éducation et recreation* de Hetzel, Macé e Júlio Verne aumentou as suas vendas integrando *La Semaine de La Jeunesse* editado por Hachette. O objetivo continua a ser de aproximar cientistas, escritores e ilustradores, de conciliar ciência e ficção e

de colocar a imaginação ao serviço da pedagogia. Graças às publicações de Júlio Verne, o género tornou-se muito popular.
Na Inglaterra outros cientistas aventuram-se na ficção e no imaginário tendo o público infantil em mente. Frederick e Annie e os seus filhos Jean e Jeanne, agora com 10 e 13 anos ja leram *Alice no País das Maravilhas* escrito pelo matemático inglês Dodgson. Eles apreciam sobretudo o humor do qual sentem às vezes falta na obra de Júlio Verne, muito apreciada pela família. A tradução francesa de *Alice* leva Jeanne a ler sozinha a versão original em inglês. Pouco depois ela lê *The Adventures of Pinocchio* traduzido do italiano. *L'île au trésor* faz parte da biblioteca familiar, bem como *the Adventures of Tom Sawyer*.
Annie pensa no tempo que ela dedica à leitura com os seus filhos. Lembra-se da sua própria infância. Mesmo sabendo ler, o pais dela não teria tido tempo para estar com a filha como ela agora liberta para os próprios filhos. A morte prematura da mãe após o incêndio deixou-a filha única. O pai nunca quis casar-se novamente. Ela sabe muito bem como o acolhimento primeiro por Carine e depois por Johanna no Celeiro, lhe mudou a vida para sempre. Em cada visita às minas e às fábricas com os seus camaradas socialistas para falar das organizações mutualistas e das associações de trabalhadores, ela fica com lágrimas nos olhos ao ver tantas crianças desnutridas, da idade de Jean e Jeanne ou mais novas, a passar pelos portões da fábrica, às vezes segurando a mão de uma mãe emaciada, às vezes sozinhos. E as leis regulando as condições de trabalho só mudam muito devagar.
Este ano, o direito sindical dos trabalhadores foi finalmente

votado na Bélgica, enquanto oficialmente passa a ser proibido contratar crianças com menos de doze anos. Crianças com menos de dezesseis não podem mais fazer trabalho noturno e mulheres com menos de vinte e um anos não podem trabalhar por baixo da terra. Contudo, muitas crianças acabam por ir para a fábrica logo após completarem doze anos. O ensino primária chega hoje quase a todos no país, quase sempre com grande controle exercido pela igreja e pelo clero. Surgiram as *écoles et classes ménagères*, especialmente para meninas de mais de 12 anos preparando-as para o casamento. É uma débil tentativa de recambiar jovens mulheres da fábrica para a cozinha, diz Annie, apesar dos rendimentos familiares serem incrivelmente baixos para a maioria das famílias da classe trabalhadora.

As escolas diurnas e a legislação mais rígida originam o decréscimo do número de alunos nas escolas dominicais administradas pela Igreja Católica. Segundo o clero, as aulas de catequese estão em risco. Muitos párocos queixam-se. Os jovens trabalhadores preferem divertimento às aulas da Escola Dominical.

Frederick pensa como continua a ser difícil de despertar interesse pelos estudos àqueles cuja infância e juventude são roubadas 12 horas por dia, ainda mais se tal como o trabalho na fábrica, os estudos implicam regras rígidas. Quem não prefere então procurar relaxamento e entretenimento nos escassos tempos livres? A esmagadora parte conservadora do clero pensa o contrário: a escola para o povo é necessária e deve ser rígida, para todos aprender a praticar a virtude baseada na religião. Além disso, dizem os católicos conservadores, é a única forma

de combater o pernicioso socialismo emergente. A escola para a vida deve ajudar a combater erros e proteger a sociedade contra o socialismo. Logo, a escola neutra defendida pelos liberais não é certamente desejada. E transmita-se este ponto de vista aos mestres-escola. Frederick lê na edição 27 do *moniteur des Institutionurs primaires*: *'Le jour où l'enseignement populaire ne comprendra plus la religion comme branche primordiale, le jour où l'éducation ne prendra son point d'appui que sur la morale rationaliste, c'en sera fini de la famille et de la société et le règne de l'anarchie commencera'*. Uma escola de formação socialista seria um perigo para o futuro da humanidade. Ao ler isso, Frederick pensa num outro artigo. Refere-se à recém fundada escola experimental pelo académico e educador escocês Cecil Reddie com o objectivo de pôr em prática a sua filosofia educacional progressista. *'The New School'*, também conhecida como *Abbotsholme*, começou este ano com seis alunos. Tem uma educação menos rígida e mais liberal em comparação com as escolas em geral. Inglês, francês e alemão são ensinados em vez de latim e grego. As artes plásticas são disciplinas centrais e habilidades práticas, como a criação de animais e a carpintaria, fazem parte do currículo. Embora a escola não se apresenta como socialista, o fundador quer romper com as tradicionais visões conservadoras sobre a escola. Cecil Reddie diz ter trazido as suas ideias principais de Göttingen onde estudou. Ele é membro do *Fellowship of the new life*. Como muitos outros membros, ele defende o pacifismo, o vegetarianismo e uma vida simples e é influenciado pelas ideias de Leon Tolstoi.

"O Soberano do *Estado Livre do Congo* afirma-se novamente", começa o taberneiro. "Ouviram falar da *Acta de Bruxelas*? Por um lado, Leopold evitou habilmente uma brigada anti-escravatura demasiado internacional, ameaça para o seu *Estado Livre*. Ele continua de boas relações com o governador Tippo Tip. Embora Monseigneur Lavigerie acuse o homem de ser um importante comerciante de escravos, Leopold prefere nadar entre duas águas, essa é minha opinião."

O marido de Carine diz: "Toda aquela *Conferência de Bruxelas* é para mim um claro assunto de falso humanitarismo. Os imperadores e reis europeus e os grandes banqueiros querem acabar com o comércio de escravos dos árabes, mas não com a escravatura em si. Querem sobretudo justificações para continuar a ocupar África e por isso apresentam a colonização Europeia como a solução contra o tráfico de escravos. Quanto mais estiverem presentes, mais podem minar o comércio dos árabes. Entretanto vejo os cristãos a continuar a evangelizar à força e os povos africanos a continuar a receber o rótulo de primitivos."

Henri pega nesta última palavra: "Primitivos. Segundo os nossos amigos missionários novamente de visita há pouco, a população local é obrigada ao trabalho forçado, principalmente para colher aquela substância para fazer pneus."

"Querem apostar que Leopold vai conseguir retirar dinheiro do seu novo império?" pergunta o Parisien.

"Eu não quero, mas o meu concorrente do Hotel Bergerhoff talvez quer", é a resposta imediata do taberneiro. Todos riem.

"Há membros do *Cercle de Chasse et du Sport* por aqui?"

pergunta alguém em voz alta.
Há risos novamente. Em Kelmis não é difícil manter-se a par de tudo, e todos já o sabem. Os encontros daquele círculo no Hotel Bergerhoff são na verdade encontros de um clube de jogadores sem nenhuma relação com caça e desporto. Salvo se os jogos de sorte sejam considerados desporto, claro.

O ano vai a meio quando chega a notícia da morte de Vincent van Gogh. Fala-se de suicídio, embora existem algumas dúvidas. Annie lembra-se do jovem deprimido pastor no Borinage. Ele deixara a área para se dedicar definitivamente à pintura e à escultura soube ela mais tarde. Segundo os entendidos, nem sempre fora bem recebido no meio artístico e há quem afirme nunca ter sido um grande pintor. Portanto, não a surpreenderia se a sua morte fora de facto um suicídio. Ela fala de Vincent e os seus desenhos originais do Borinage com Frederick. É sempre difícil estar à margem daquilo que a maioria considera a norma, o decente, o belo ou o harmonioso, observa ele e continua: "Com os pintores é frequentemente o caso. Basta pensar em Vermeer ou Rembrandt. Mas vê os compositores. Alguns têm a sorte de serem rapidamente apreciados quando inovam, como é o caso de Pyotr Ilyich Tchaikovsky. Outros têm mais dificuldades. Berlioz não recebeu logo reconhecimento. E Schubert! Tinha apenas 35 anos quando morreu e hoje ouvimos as canções dele em quase cada serão, mas em vida passou por momentos muito difíceis. Não foi muito apreciado por Salieri, um de seus professores."
Annie sorri. "E sair do trilho comum enquanto pai ou

professores, ou na escolha de livros infantis também pode ser perigoso. Tens razão. É difícil trazer algo de novo, evitar uma reação arrogante e ainda obter algum reconhecimento."

"Trata-se mesmo disso, de reconhecimento. É como se quem tiver sucesso nos caminhos já trilhados fique com medo de quem inova. Reage com arrogância em vez de mostrar reconhecimento, é a minha sensação. Reconhecimento não significa deixar os seus credos ou renunciar aos gostos pessoais ou substituir uma coisa pela outro. Trata-se de coexistência. Também isso acontece na música. Compositores com ideias diferentes tratam-se com cordialidade. Esse desejo de convivência muitas vezes parece estar ausente na nossa sociedade."

Frederick para de repente e Annie escrutina o seu olhar pensativo.

"Passa-te algo diferente pela cabeça," diz ela.

Frederico assente. "Penso no que li acerca da concessão de bolsas de estudos na Bélgica inventada primeiro como parte do *Reino Unido dos Países Baixos* e depois como estado soberano. A elite sempre se protegeu e a concessão de bolsas por si só não facilitou o acesso ao ensino superior ao resto da população. As bolsas eram destinadas a quem tinha menos riqueza, mas 'com bom talento', dizia-se. O critério é questionável. *Bom talento* às vezes vence *menos riqueza.* Os bolsistas surgem de uma elite académica e são frequentemente filhos de médicos, advogados, ministros ou de altos cargos do funcionalismo público e raramente de açougueiros, operários fabris ou pequenos artesãos. Até cerca de vinte anos atrás, três quartos a dois terços dos universitários descendiam de pais com formação académica,

e as bolsas concentravam-se nos menos abastados desse grupo. Nos últimos dez anos, mais estudantes aparecem de meios não académicos, mas as bolsas continuam nas mesmas proporções entregues aos filhos dessa elite. Hoje as mulheres foram finalmente admitidas em algumas universidades, mas as bolsas não lhe são destinadas, percebe-se claramente."

A primeira metade da última década do século XIX (aproximadamente correspondente à mesma década do hectano cento e dezoito) traz a confirmação da observação de Frederick sobre o acesso ao ensino superior. As bolsas servem para manter a constituição social da população universitária, não para diversificá-la.

Indivíduos como Arseen Blondé, mais tarde conhecido pelas lutas por melhores condições de vida para a comunidade pesqueira, não chegam à universidade. Arseen tinha apenas dez anos quando assinou contrato com o armador de uma traineira a vapor tornando-se timoneiro do capitão Zonnekeyn alguns anos depois. Não dispõe dum círculo de amigos parecido com os fundadores da revista semanal *Klokke Roeland* em Ninove. Esse grupo de *'Roelanders',* católico, tem profundas preocupações democráticas. O grupo conta com Jean-Baptist Vanlangenhaecke. Ele é um rico fazendeiro e advogado e usa todo o seu tempo livre para dar conselhos gratuitos a quem precisa em toda a região. As casas das suas herdades são locais de estudo. Parecem a versão do Celeiro de Johanna para adolescentes e adultos, onde filhos de trabalhadores se preparam para obter um diploma universitário por auto-estudo. Mais tarde, estes jovens irão formar o seu

próprio círculo de amigos para ajudar outros. Pode-se considerar os *Roelanders* como um grupo oferecendo informalmente bolsas de estudo para jovens da classe trabalhadora.

As elites dos governos dos estados por toda a Europa não vão tão longe, nem mesmo no ensino primário. Cooperativas seguem o exemplo de outras associações. Em Lisboa a *Voz do Operário* refunda-se em *Sociedade de Instrução e Beneficência A Voz do Operário*, e inicia em 1891 uma escola para rapazes para os filhos dos seus sócios. Dois anos depois abre a primeira escola feminina. A terceira escola para rapazes surge no ano seguinte. 11.000 membros procuram escola para os seus filhos, mas depois de abrir uma quarta, a associação não tem mais capacidade financeira para nova expansão.

No mundo da educação, a didática continua imperar a matética. Para tornar o ensino mais visual, muitas escolas americanas passam a dispor de uma lanterna mágica para projetar imagens. As imagens podem ser adquiridas por catálogo e causam grande entusiasmo entre professores também em outros países.

Na Inglaterra, muito se faz para assegurar uma rede de ensino gratuito. Mas para grande parte das crianças da classe operária o trabalho continua a ser o ganha-pão adicional para as famílias. Ela é gratuita, certa, mas enviar os filhos para escola significa na prática uma redução no orçamento da família. Assim muitas crianças encontram-se matriculadas nas escolas só para esconder o facto de trabalhar na fábrica.

A *escola técnica* de Dixon em Birmingham torna-se um grande sucesso. O modelo passa a ser adotado em outras cidades. Já em 1888 a escola de Dixon mudara de instalações a *Oozells Street*

Board School passou a ser a *George Dixon Higher Grade School*. Passa a incluir uma oferta de estudos para meninas. Em 1892 surgiu a *Waverley Road Higher Grade School* em Small Heath tendo já 555 alunos. Agora fala-se em legislar o ensino técnico para formalizar o financiamento deste tipo de escolas.

Em certos lugares tornou-se o hábito de emitir certificados padrão para testemunhar o mérito pessoal. Em Londres, por exemplo, qualquer pessoa sabendo ler, escrever, contar e tratar da economia doméstica recebe um certificado padrão VII depois de terminar a escola primária. Em adição, cartões de recompensa para crianças com bom comportamento são bastante comuns em muitas escolas.

Em 1894 o primeiro quadro de leitura (*leesplankje*) está geralmente aceite nos Países Baixos. Ele consiste em duas filas de ao todo quinze *palavras normais* de som puro: *raam, roos, neef, fik, gat, wiel, deur, zes, juk, schop, voet, bok, bijl, ei, ui*[1].

Frederick emociona-se com um comentário do professor J.P. Eeraerts na revista do sindicato neerlandês. O colega escreve: *'Enquanto, como hoje em muitos casos, a escola permanecer um mero repositório temporário para crianças ainda inadequadas para a fábrica e a oficina, a melhoria do currículo parece-me ilusória. Homens cuja vida está destinada a ser uma demora contínua até sucumbir não precisam de uma educação cuidadosa. Para os professores encarregados a dar essas pessoas a primeira e única instrução, a formação atual é suficiente'*. Claramente não basta desenvolver um melhor método de leitura, é preciso rever

[1] significando literalmente: janela, rosa, primo, fogo, buraco, roda, porta, seis, canga, pá, pé, bode, machado, ovo, cebola

toda a forma de pensar a sociedade.

As bibliotecas populares, muitas vezes vinculadas às bibliotecas escolares das diversas Ligas Nacionais de Educação para fazer ler mais pessoas, são criticadas por moralistas. Eles transformam um caso isolado em fenómeno geral. Apontam as bibliotecas como fornecedoras de literatura devassa, séries sórdidos e romances ruins, tanto para os velhos quanto para os jovens. A revista calvinista *Peadagogische Bijdragen* critica as bibliotecas a partir da analise do livro *As Aventuras de Jan Kanon*, descartado por ser inundo e repugnante devido a passagens como: '*o médico começou a serrar o crânio, levantou-o como a tampa de uma terrina de sopa. Escavou o cérebro com uma concha deitando o conteúdo na cabeça de madeira, depois cortou rapidamente o pescoço*'. Frederick até concorda não se tratar exatamente de um exemplo de literatura sofisticada, mas este pérola foi escolhida de propósito, pensa ele, apenas para criar um clima geral de suspeita para chegar a Zola e Daudet aparentemente também inadequados: '*Uma biblioteca escolar não é um luxo mas uma exigência. Aqui não pode haver espaço para leitura imoral ou romances particularmente ruins e picantes à la Zola, Daudet …*', afirma a revista.

Nesses anos de 1890, Annie lê acerca da astrónoma americana Henrietta Swan Leavitt. Ela frequentou o *Oberlin College* e a *Harvard University's Society for the Collegiate Instruction of Women* onde teve um ensino bastante diversificado incluindo geometria analítica e cálculo. Pouco depois de se formar em astronomia, ela ficou surda devido a uma doença. Hoje ela e a também surda Annie Jump Cannon integram um grupo de

mulheres ‘calculadoras’ num projeto dirigido pelo Dr. Pickering do Observatório de Harvard. O objetivo é de mapear e definir todas as estrelas até a magnitude 9 e assim completar o catálogo de Henry Draper. Henrietta Leavitt ocupa-se especificamente do grupo de estrelas de magnitude variável. Uma observação acerca da rapidez com a qual trabalham, elas terão respondido não se distrair enquanto estão a fazer os cálculos graças à surdez.

A cidade de Oostende parece ter obtida definitivamente o título de *Rainha das Cidades Litorâneas*. Esse título só tem importância local, mas a Câmara de Comércio de Oostende utiliza-o para promover a cidade nos países vizinhos. *Oostende Seaside Town* aparece nos vagões da *Compagnie du Chemin de Fer du Nord* juntamente com os horários do comboio. Existem hoje duas ligações diretas diárias de Paris para Oostende. O expresso Oostende-Wien está garantido para os próximos anos. Carruagens dos comboios com destino a Inglaterra, Alemanha, Hungria, Suíça, Itália e Portugal, cafés e restaurantes nas capitais desses países são locais privilegiados para cartazes publicitando a estância balnear.
As ferrovias introduzem outra inovação de grande impacto sobre a vida quotidiana. Deixa de ser o sol a servir de referência para determinar a hora local através de relógios solares locais sincronizados com os sinos e os relógios de igreja. Não, o movimentado tráfego ferroviário, as muitas conexões e os cruzamentos em linhas de via única exigem um tempo estandardizado nacional ou até internacional. Na Bélgica, a hora

legal é assim introduzida em 1 de maio de 1892. Em todo o território, a meia-noite passa a corresponder com a do horário médio de Greenwich. Segundo Frederick, o governo belga envia um sinal claro de subscrever efectivamente a *Conferência de Washington* de outubro de 1884. Nessa conferência aceitou-se Greenwich como o meridiano principal geral e o início de cada novo dia de 24 horas com a hora 0. Como resultado, a linha da mudança de data está no Oceano Pacífico sem cruzar áreas povoadas. O Padrão de Greenwich só foi reconhecido há cerca de dois anos e ainda não por todos. O governo francês, por exemplo, continua a pressionar para fazer passar o meridiano principal em Paris. E também Jerusalém, berço das religiões abraâmicas, continua a ser sugerido para o meridiano 0.

No ano da morte de Tjaikovski e Conscience, Lucien Souris nasce numa pequena aldeia nas Ardenas Belgas. Pouco mais de meio século depois, ele será o avô de Paul Demeester, em cuja jovem vida desempenhará um papel importante.
No mesmo ano, o padre Daens, já antes em desacordo com a hierarquia da igreja, tem mais uma vez problemas com o bispo Stillemans de Ghent. Desta vez, trata-se de seu interesse pelo destino dos operários fabris na região de Aalst, onde ele vive e exerce o sacerdócio. Ele contacta frequentemente os *Roelanders* na Flandres. Ambas as circunstâncias levam-no a ser co-fundador do Partido Popular Cristão (*Christene Volkspartij*) inspirado na encíclica *Rerum Novarum* de Leão XIII. Mas os católicos conservadores não estão nem um pouco entusiasmados com a intenção do Partido Popular Cristão para

radicalizar e democratizar o Partido Católico no elo do poder.
Frederick e Annie veem a razão de ser do Partido Popular Cristão como a expressão clara da indiferença do Partido Católico. O novo partido evidência a hipocrisia dos detentores do poder eclesiástico e cívico. Esses líderes afirmam serem guiados por valores cristãos mas revelam-se muito hostis aos aspectos sociais do cristianismo por assim dizer. A hostilidade do Partido Católico faz aproximar O Partido Popular Cristão dos socialistas e dos liberais radicais na região de padre Daens. No entanto, considera Frederick, o programa desse partido só lembra o que se espera de qualquer bom cristão. O partido fala de condições de vida dignas para os trabalhadores, com direito a sindicatos, seguro de trabalho e melhor regulamentação da jornada de trabalho de mulheres e crianças; bons créditos agrícolas para agricultores, impostos progressivos sobre bens móveis e imóveis; educação obrigatória e gratuita e mais '*neerlandisação*' da vida administrativa na Flandres; um Exército de voluntários para acabar com a prática de subornos com a qual os filhos de ricos sorteados compram a sua substituição para escapar ao serviço militar. O partido exige o sufrágio universal e contesta abertamente a política seguida por Leopold II no *Estado Livre do Congo*.
Annie acompanha as eleições de 1894 e o resultado dos socialistas e do Partido Popular Cristão. Embora o sufrágio universal plural tenha sido introduzido no ano anterior, o Partido Católico obtém a maioria absoluta em Aalst. O Partido Popular Cristão fala de fraude eleitoral e, de facto, após repetição do escrutínio, o padre Daens entra no parlamento. Os

católicos conservadores veem Daens e os seus companheiros de partido como inimigos por causa da sua luta social, incluindo a luta para o direito de ser tratado na sua própria língua em questões administrativas e jurídicas. As autoridades eclesiásticas alinham com a burguesia afrancesada e a aristocracia francófona contra a generalização do neerlandês. Embora o eleitorado do Partido Popular Cristão não seja muito grande, Annie observa como reúne pessoas ocupando lugares muito diferentes na sociedade. O partido abrange dirigentes de fábricas liberais, operários socialistas, anticlericais abastados e pessoas pobres muito católicos. Annie está maravilhada com essa grande variedade. Esse partido parece ter conseguido ser ser um chapéu para quem muito diferentes entre si, procuram caminhar conjuntamente em vez de aumentar hostilidades. Talvez a crítica bastante populista contra as autoridades estabelecidas tenha um papel nisso, pensa Annie. Lança uma espécie de pontes consideradas impossíveis. O partido rejeita a crítica marxista contra os socialistas mutualistas bem como a absoluta condenação do capitalista.

Frederick pergunta-se como se desenvolverá o diálogo dentro desse partido. Será um exemplo de coexistência pacífica? Quem se sente em casa neste partido fala a partir de diferentes pontos de vista sociais, mas usa a mesma língua. E falar a mesma língua é uma vantagem para o diálogo, parece uma espécie de esperanto simbólico. A propósito, ele está hoje mais interessado nessa língua de contacto depois de ler Leo Tolstoi ter declarado: '*Eu considerei* Volapük *muito difícil, mas achei o* Esperanto *muito fácil. É tão simples que depois de apenas duas horas talvez ainda*

não conseguia escrever o idioma, mas já o lia fluentemente. Os sacrifícios que um europeu faria dedicando tempo ao estudo desta língua são tão pequenos e os resultados são tantos que não se pode recusar de tentar'. Continua a ser principalmente, é claro, um assunto europeu.

Johanna e Henri recebem novas informações de alguns missionários com trabalho evangélico no Oriente. Oficialmente, a escravidão foi agora completamente abolida na Coréia. Embora todos os escravos oficiais de repartições públicas da capital já estivessem libertos no início do século, a escravidão hereditária continuou a existir até 1886. Com a recente reforma dos progressistas pró-japoneses auxiliados pelas tropas japonesas estacionadas em Seul há uma mudança real, assim informam os interlocutores de Henri e Johanna. A abolição da coincide com o fim do sistema de exames para o recrutamento de funcionários com formação clássica segundo Confucius. De acordo com os missionários, a escravidão coreana na dinastia Chosŏn estava e está ligada ao confucionismo como ideologia do estado. Isso significa que o confucionismo coreano contribuíra pouco ou nada para a abolição da escravatura anteriormente considerada natural. Johanna não pode deixar de notar não encontrar diferenças na atitude de soberanos e líderes governamentais querendo manter o cristianismo como ideologia do estado.

Henri interpreta o jardim zoológico humano no *Spui* em Antuérpia como uma outra expressão de escravidão. Mais uma vez, autóctones do Congo foram trazidos da sua terra natal para povoar uma falsa aldeia Congolesa. O espetáculo integra até o

rio Escalda tornando-se substituto (frio) do rio Congo. Os aldeões sequestrados são solicitados de apresentar o seu modo de vida no rio e na aldeia. A imprensa e retrata-os como primitivos e a ignorante população de visitantes belgas exhibe o mesmo comportamento como quando está frente aos grandes símios e outros animais enjaulados: atiram comida aos Congoleses em exibição! Indignado, Henri retrata este comportamento e Annie diz só esperar de ver essa indignação expressa no parlamento através de Partido Popular Cristão. É o único partido a condenar também claramente a política de Leopoldo II no Congo. Mas Johanna e Frederick não estão tão optimistas. O triste destino dos Congoleses em exibição torna-se invisível no meio dos muitos problemas locais, temem. Além disso, poucos cientistas partilham as ideias de Frans Boas. As pessoas sujeitas à essa nova e horrível expressão de superioridade arrogante serão quase de certeza entregues à sua sorte defendendo-se como podem, como demasiadas vezes ainda acontece com os escravos negros nos países onde a escravidão ainda existe.

A contra-ofensiva dos conservadores católicos contra Padre Daens continua inabalável. Menos de um ano depois de ter sido eleito representante do povo, o bispo de Ghent proíbo-o de rezar missa. A hierarquia acusa-o de ser apoiado por liberais e socialistas, algo de muito suspeito para um padre. Apela-se à intervenção do Núncio e Padre Daens é convocado no Vaticano. Apesar de se inspirar na encíclica papal *Rerum Novarum*, ele é aconselhado a deixar a política. Quando Padre Daens recusa, a

hierarquia torna as coisas ainda mais difíceis para ele.

Os círculos socialistas trazem um novo exemplo de auto-organização e cooperação para Annie e os seus amigos utilizar quando discutem com trabalhadores. De Albi vem a história da *Verrerie Sainte-Clotilde*. Eles lêem a história devido aos esforços de Jean Jaurès, um brilhante deputado do sul da França. Ele perfila-se gradualmente como um líder socialista, primeiro entre os mineiros de Carmaux e agora com os sopradores de vidro. Depois de uma greve, os trabalhadores decidem implementar a sua própria unidade de produção para a qual conseguem o capital inicial graças a doações complementadas pela organização e uma assinatura nacional de lotes de ação de 20 centavos, emitidos pelo comité de ação de *Verrerie Ouvrière* com o apoio de Jean Jaurès e lançado pelos periódicos *La Dépêche de Toulouse* e *La Petite République*. A Câmara Municipal de Albi também contribui. O comité de ação de *La Verrerie Ouvrière* explica: *'os lucros não serão distribuídos entre os trabalhadores, a quem não queremos favorecer, ou entre os acionistas para não torná-los exploradores; para reforçar o carácter social da empresa, fica formalmente estabelecido e de acordo com os próprios vidreiros que os lucros serão destinados a um fim comum útil ao proletariado em geral, nomeadamente ao desenvolvimento das associações de trabalhadores'*. Para a gestão da própria unidade de produção é dada a maior liberdade possível aos trabalhadores para dirigirem o trabalho como bem entenderem. Como em qualquer empresa comercial séria, os vidreiros não recebem o resultado integral de seu trabalho; o lucro é retido para o fundo

de reserva, mais 40% para um fundo de pensão e desemprego para os sopradores de vidro. Conforme mencionado, a assembleia geral delibera anualmente sobre a destinação do excedente.

Annie tem hoje sempre consigo alguns jornais franceses noticiando a *Verrerie* quando vai para os portões da fábrica.

A ressurreição da Matética

Estamos no ano de 1896, ano de nascimento de Célestin Freinet, Jean Piaget e Lev Vygotsky. Essas três figuras terão uma influência duradoura sobre muitos educadores do próximo século, incluindo sobre um neto e um bisneto de Annie e Frederick.

Na América, o professor de filosofia e pedagogia John Dewey desenvolve o seu sistema educacional, aliando a vontade de trabalhar à curiosidade inata de todas as crianças. Dewey é um seguidor de Fröbel e propõe todo o tipo de jogo e de brincar estimulante para as crianças até elas perfazer 8 anos. Segundo Dewey, a partir dessa idade as crianças desenvolvem o interesse objetivo, melhor estimulado por tópicos para aprendizagem organizados no que ele chama de degraus ou patamares histórico-culturais. A instituição escolar por ele iniciada é constituída por oito turmas do ensino primário e duas turmas preparatórias às quais se ligam várias oficinas. O espaço conta com uma grande biblioteca especificamente equipada para as crianças, onde todos podem consultar o material didático oferecido em diversos formatos. Alguns assuntos, como agricultura e horticultura, são ensinadas por meio de trabalhos práticos. A educação social atravessa todo este sistema de escola de trabalho. Os alunos são sempre convidados a trabalhar juntos numa determinada tarefa. Eles experimentam, por exemplo, como dividir as tarefas para tornar o trabalho conjunto oportuno para todos. Os alunos experimentam como a cooperação leva ao específico resultado desejado e benéfico para

todos.
Entretanto a diferença entre a escola instrutora e os modelos de aprendizagem intuitiva está a ser discutida nos círculos educacionais na Europa também. Contudo a instrução comum de crianças colocadas em coortes continua a ser a forma de organização mais difundida mesmo em novas escolas.
Jeanne acaba de se graduar como mestra-escola numa Escola Normal estatal e vai trabalhar no Celeiro da sua avó. Não lhe apetece aceitar um cargo oficial numa escola primária belga e, como nasceu em Kelmis, ela opta por trabalhar com a Johanna. A intenção da avó e da neta é de rever e conciliar a sua prática com o modelo teórico que a enquadra, com base no conhecimento que Jeanne traz da Escola Normal.
Gradualmente a escola normal é introduzida em todo o continente europeu como típica escola de formação de mestres-escola. Em Portugal também está finalmente em curso a implementação da reforma de 1878, que transfere os exames de qualificação de mestres-escola para as escolas normais. Em termos práticas e dadas as exigências científicas e pedagógicas de tal exame, significa só ser possível obter graduação depois de completar a escola normal.

No notário Jacqué, em Bruges, seis jovens empresários reúnem-se para fundar a companhia de navegação *Pêcheries à Vapeur* por iniciativa de John Bauwens proprietário de vários saveiros a vapor. John Bauwens torna-se o diretor da nova companhia, com o capital inicial de 500.000 francos.

A cidade de Oostende continua a melhorar as conexões com o interior, visando novas melhorias da rede ferroviária. A via dupla em direção à cidade francesa de Armentières está projetada e já em uso até Wijnendale e Eernegem.

Na França, Paul Lafargue põe em prática a sua teoria da preguiça, quando a sua esposa Laura Marx herda parte da fortuna de Friedrich Engels. O casal adquire uma propriedade em Draveil, não muito longe de Paris, reafirmando de modo um tanto hedonista e egotista a sua vontade de melhorar o destino da população trabalhadora.

Relatórios perturbadores continuam a chegar do Estado Livre do Congo. Os missionários locais alertam que o aumento espetacular da plantação de árvores-da-borracha piora rapidamente a situação da população local. A colheita de látex significa trabalho forçado na enorme área controlada por um monarca com traços absolutistas cinicamente aliado na luta contra a escravidão. Aparentemente, ele até entrou em conflito armado com o Árabe-Suaíli, mas somente para manter à distância os bisbilhoteiros. Com a criação da *Société anti-esclavagiste de Belgique* havia o risco de outras forças se juntar à luta anti-esclavagista.

Annie tem muito trabalho. Há dois anos, foram finalmente lançadas as bases para um Partido Belga dos Trabalhadores abrangendo a Flandres e a Valónia. Um grupo de trabalhadores reuniu-se com este propósito no histórico café na Grand'Place de Bruxelas, onde outrora reunia a secção local da Associação Internacional dos Trabalhadores. O surgimento do partido torna possível a legalização geral dos sindicatos de orientação

socialista. Annie tem uma longa conversa com Kamiel Huysmans. Ela conhece-o do tempo em que ele estudava na escola normal de Liège. Segundo ele, o partido dos trabalhadores tem a lógica tarefa de introduzir a luta de classes proposta por Karl Marx na política de hoje. Mais industrialização traz mais trabalhadores assalariados, possibilitando a conquista da maioria parlamentar num sistema eleitoral universal. É uma das razões pelas quais considera ser necessário interligar sindicalismo e estrutura partidária.

O atraso do ensino primário português face às necessidades do país continua enorme, originando mais atenção para com os problemas da educação popular. Existem apenas alguns milhares de professores em todo o país e eles se organizam rapidamente num movimento. Longe vão os tempos das conferências pedagógicas proibidas e desde o Congresso de 1892, o movimento organiza encontros. Para além das questões sócio-profissionais, sente-se uma forte preocupação pedagógica no Congresso de Lisboa. As conclusões apresentadas ao Governo evidenciam um conjunto de princípios consistentes com o humanismo pedagógico liberal exigindo a organização de um programa de ensino primário.

Mas a oferta de ensino gratuito para a população trabalhadora é claramente inadequada. Prova disso são, mais uma vez, as preocupações de sócios de sociedades como *A Voz do Operário*, a desesperar por escolas enquanto os governos do estado não as cria. Para atender às demandas dos associados, a sociedade de instrução e beneficência estabelece contratos com pequenas

escolas particulares, conseguindo mais 900 vagas em 27 escolas passe a acolher filhos de associados.

Na Bélgica as coisas parecem evoluir de outra forma. Primeiro desenvolveu-se a extensão do ensino geral com mais escolas secundárias mas desde este ano é claro a intencionalmente para tornar este ensino secundário vocacional. Institucionaliza-se assim a diferença existindo há muito entre a progressão para o ensino superior e a escola geral direcionada para o comércio, indústria e agricultura, agora com opções específicas. Mais uma vez, o governo mostra claramente não estar interessado em seguir e financiar as antigas propostas de Comenius, observa Johanna. O conhecimentos científico aumentou muito em comparação com o tempo de infância dela, mas não há espaço nem existe vontade para o cuidar do velho sonho do pedagogo para organizar três vezes seis anos de educação geral para todos, antes de enveredar para pelo menos quatro anos de formação profissional. Não, para alguns, a formação profissional começa mais cedo e a lógica subjacente parece confirmar as críticas de Paul Lafargue: manda-se trabalhar o povo muito e, de preferência, o mais cedo possível. O regresso do Partido Católico no governo desde há alguns anos pode ter algo a ver com isso, pensa Johanna. Jeanne tem as suas dúvidas, mesmo tendo constatado o drástico decréscimo do número de escolas normais estatais. Ela experimentou pessoalmente como salas de aula recém-mobiladas, móveis escolares e materiais didáticos receberam uma finalidade diferente ou foram vendidos publicamente. O valor anual gasto com bolsas reduziu bastante de ano para ano e o número de professores qualificados vindo

das escolas episcopais supera hoje novamente o número proveniente das escolas estaduais e municipais.

Nos Países Baixos e em muitas escolas da Bélgica flamenga introduz-se o segundo quadro de leitura (*leesplankje*) depois de ter constatado faltarem alguns sons na primeiro versão. Substitui-se parcialmente as quinze palavras de som puro *raam, roos, neef, fik, gat, wiel, deur, zes, juk, schop, voet, bok, bijl, ei, ui*[1]. Passam a ser dezesseis: *raam, roos, neef, fik, gat, wiel, zes, juk, schop, voet, neus, muur, bijl, hok, duif, ei*[2].

O melhorado quadro de leitura não é em si a solução para erradicar o analfabetismo quando as crianças continuam a faltar à escola. Os professores dos Países Baixos sabem como o absentismo escolar e o trabalho infantil andam de mãos dadas. Frederick lê em *De Bode* como um grupo de professores da vila de Hoorn se organizou para combater o absentismo de crianças menores de 13 anos. Desdobraram-se em visitas pessoais a empregadores influentes, escreveram artigos na imprensa local, publicaram um questionário pedindo apoio para travar este fenómeno. No fim, 190 das 200 entidades empregadores locais contactadas comprometeram-se a não aceitar menores de 13 anos na actividade empresarial. Em si é bom para as crianças em questão, observa Annie, mas ela pergunta se o compromisso inclui melhor remuneração para os pais.

Na didática do ensino, continua a haver muito atenção para a visualização. Na Suécia, incorpora-se o trabalho manual

---

[1] Ver página 178.

[2] Significando literalmente: janela, rosa, primo, fogo, buraco, roda, seis, canga, pá, pé, nariz, parede, machado, gaiola, pombo, ovo

aplicado ou *slöjd* na própria formação inicial de professores. O trabalho manual não inclui só marcenaria ou dobragens de papel, mas também costura, croché e tricot. Valoriza-se muito o trabalho manual com material de desperdício ou gratuito, principalmente para preparar aulas de geografia. Ao fazer maquetas, os formandos da escola normal primeiro inteiram-se de certos fenómenos da natureza replicando na escola primária com as crianças a mesma abordagem para explicar esses mesmos fenómenos. O trabalho manual aplicado é muitas vezes combinado com observações à volta da mesa de areia. Representa-se por exemplo um *polder* com moinhos de vento para bombear água, uma estação de energia hidráulica, uma central telefónica… Jan Ligthart trabalha muito com *slöjd* sabem Johanna e Jeanne. O dicionário oficial da língua neerlandesa *Vandaele edição 1898* aceita a palavra sueca *slöjd* e define-a como: '*ramo da educação que se concentra no desenvolvimento integral da criança e tenta promovê-lo através de um exercício eficaz do olho e da mão, fazendo objetos de papelão, argila e madeira: existem diferentes tipos de slöjd, como papel, madeira, encadernadores, cesteiros, quebra-cabeças e slöjd de carpinteiro*'.

Uma das revistas assinada por Frederick fala da *Bedales School*, fundada por John Badley em resposta às muitas limitações das escolas vitorianas. Este ano a escola adotou a co-educação, cuja prática é um assunto polémico na Inglaterra. A revista fala das reações chocadas por parte das autoridades religiosas mas também de parte da população.

A mesma revista traz com algum sarcasmo um relato acerca da apologia do ensino profissional. A reportagem sobre a escola de

empregados de mesa em Viena fala da imagem divertida ao ver jovens rapazes com os seus aventais curtos e os coletes abertos a discutir a composição química do strüdel de maçã nos bancos da escola durante o dia e a servir enormes pilhas de canecas de cerveja à noite. Denuncia-se a hipocrisia dos empregadores obrigando o jovens a tais cursos como se de uma espécie de formação profissional se tratasse, só para evitar as pesadas multas sobre o trabalho infantil.
No entanto também é verdade existirem guildas ou associações de comerciantes substitutas de guildas com o genuíno interesse na formação profissional dos seus jovens trabalhadores. Abrem-se escolas profissionais para dar aos jovens a oportunidade de combinar prática e teoria. Infelizmente, pensa Frederick, o ensino teórico não é geral, mas muito limitado ao âmbito da profissão. Valoriza em si o jovem trabalhador mas mais uma vez quem tem poder mostra não estar interessado em providenciar mais conhecimento aos jovens do que o estritamente necessário.

As guerras contra os traficantes de escravos iniciadas por Leopold II produziram o resultado que ele desejava para atirar areia aos olhos dos seus opositores, mas não melhoraram a sorte da população do Estado Livre do Congo. Ninguém está salvo do colonialismo europeu, disfarçado ou não. Pelo contrário. A ocupação militar organizada pelo Rei resulta na ampliação do território com Katanga. Acordos são feitos com chefes locais para reconhecer a soberania do Estado Independente. A principal preocupação de Leopold é de controlar esta zona particularmente rica em minerais. Os colonizadores franceses e

britânicos concordam relutantemente para incluir a região no Estado Livre, mas apenas enquanto Leopold II for vivo. As receitas do monarca obtidos em todo o território crescem enquanto a população local é obrigada a trabalhos forçados. Leopold considera as receitas como o retorno para o seu investimento tendo gasto quase toda a herança do pai para construir o caminho de ferro no troço não navegável do rio Congo e conseguir exportar os produtos extraídos até a costa atlântica. Mal o dinheiro começa aparecer, o monarca projeta grandes obras na Bélgica, também em Oostende. Uma novo moradia real será construída e iniciaram-se ampliações no Kursaal.

Em junho de 1899 falece Henri Teacher. Mesmo não sendo totalmente inesperada, a sua morte não deixa de ser um duro golpe para a família, especialmente para Johanna hoje com 82 anos. Ela decide fechar a escola do Celeiro. Jeanne já tinha anunciado a sua saída. Ela quer visitar algumas escolas na Grã-Bretanha. Johanna apoia-a mas não encontra ninguém disposto a instalar-se em Kelmis para continuar o projeto no Celeiro. Ela faz um pouco de jardinagem e escreve as suas memórias para filhos e netos. Mais tarde, Jeanne levará os cadernos da Johanna, quando deixar definitivamente a Valónia. Mas isso é mais tarde. Hoje, no início de julho, Jeanne apanha o comboio para Oostende. As viagens são cada vez mais confortáveis até mesmo para quem não utiliza os comboios de luxo. Os comboios já atingem facilmente uma velocidade de 70 km por hora e, na linha para Oostende, a velocidade sobe até 100 km

por hora!
A Bélgica continua governada pelo Partido Católico e o Ensino continua sob a tutela dos Assuntos Internos agora com ministro Jules de Trooz. Segundo Jeanne e seus pais, esta situação continua prejudicial para o desenvolvimento da oferta de ensino em sentido amplo.
Muita coisa mudou em Oostende depois da sua avó deixar a cidade mais ou menos com a idade da Jeanne hoje. O dique passou a ser um verdadeiro passeio marítimo de quase 2 quilómetros. O Chalé Real ocupa há um quarto de século uma áreas nas dunas originalmente da vila de Mariakerke. Não demorou muito para a cidade de Oostende ocupar aquela zona de Mariakerke. A edilidade de Oostende não quer passar a designação de *Rainha das cidades litorâneas* para outro município. Os jogos de azar e as apostas são oficialmente permitidos no casino. O tiro ao pombo tornou-se extremamente popular e o Forte de Wellington perto do Chalé Real é o lugar perfeito para o praticar. Só recentemente a lei exige a substituição de aves vivas por pratos de barro lançados ao ar mecanicamente.
Jeanne chega a Oostende no auge do verão. As corridas de cavalos serão oficialmente iniciadas em breve. O Rei estará presente para abrir o evento. Explica as multidões a chegar a Oostende. A tranvia a vapor conecta Blankenberge com Nieuwpoort faz agora dez anos, com Oostende como ponto central. A *Laiterie Royal* abriu as suas portas no parque de Oostende faz também uma década. Outro ponto de encontro popular é *Le Chatelet*, frente à *Auberge du Petit Paris*. Jeanne

escreve imediatamente à mãe como os funcionários do serviço público de Oostende criaram uma cooperativa conhecida como *SEO*, abreviação de *Spaarzaamheid-Economie-Oostende (Parcimónia-Economia-Oostende)*. Desde há vários anos o litoral dispõe do jornal regional *De Zeewacht*. O grupo da companhia de viagens *Wagon-Lits* inclui hoje a *Compagnie Internationale des Grands Hotels* e possui hotéis de luxo na Turquia, no Egito, na Itália e em Nice. Em Oostende o grupo é dono do *Hotel de la Plage* de primeira classe, perto do Kursaal. No verão em curso, a empresa inaugurou a estância modelo *Royal Palace Hotel* com 400 quartos.

A avó Johanna sempre manteve alguma correspondência com velhos amigos em Oostende e através deles Jeanne conhece Edward Peeters e Maria Verstrynghe. O casal acolha-a na casa deles. Edward tem 26 anos e é mestre-escola numa das escolas municipais.

"Estou a trabalhar como mestre-escola há um ano e já vou na quinta escola", ri-se Edward. Maria explica como ele provoca conflitos com direção e colegas estando constantemente em apuros com a inspeção. Por norma resulta numa transferência.

"Conflitos?" pergunta Jeanne.

"Todas as pessoas consideram a minha sala desorganizada. Mas eu gosto de um ambiente descontraído na sala de aula. Defendo a *Escola Ativa* em vez da *Escola Senta-Te-E-Ouve*. Uma escolha difícil neste país. Mas ouvi de um velho amigo da tua avó histórias da vossa família. Já tiveram mesmo aqui em Oostende, no *Keizerskaai* uma *Escola Ativa* ou algo parecida, há cem anos atrás!!"

“Sim, ouvi muito falar desta Casa-Escola. E a avó Johanna fez algo do género com o projeto do Celeiro em Kelmis. Mas tu trabalhas no ensino pública, e não podes organizar as tuas aulas como queres?”
“Não. É a parte louca. Pessoas com ideias semelhantes as minhas propondo uma escola ativa para todas as crianças aqui e em outros países devem se remeter ao ensino privado e pago, logo deixa de ser para todas as crianças. As da classe trabalhadora dificilmente a podem frequentar.
“Mas como vens parar ao ensino municipal de Oostende? O teu sotaque revela-me não seres daqui. Mais provavelmente de algum lugar no Brabão, diria eu”, observa Jeanne.
“Sim, eu sou originário de Berchem. Comecei os estudos normais no final dos anos oitenta mas antes de acabar decidi ser soldado, imagina! No exército, fiz campanha para a causa flamenga e ensinei muitos recrutas a ler e escrever em neerlandês. Então, quando terminei o serviço militar, voltei para o ensino. Consegui o meu diploma através do comité de exames centrais”, responde Edward.
Edward e Jeanne então partilham informações acerca da influência de associações como *’t Nut* e as Ligas de Educação. Edward conta a Jeanne como antes da independência belga *’t Nut* tinha secções em Oostende, Ieper, Nieuwpoort, Brugge, Dendermonde, Antuérpia, Namur, Ghent, Bredene, Tielt, Leuven e Bruxelas. Eles estabelecem a relação entre aquela associação e a escola primária percorrida pela avó Johanna em criança. Naquela época, tratava-se principalmente da educação estatal fora da influência eclesiástica. Ambos, claro, conhecem o

trabalho de Karel Buls e Jean Macé. Edward fala da amizade entre Jean Mac é e Júlio Verne. Ele revê-se bem nas ideias da revista *Éducation et Récréation*, e a vontade de Macé de conseguir uma ampla divulgação de boa literatura introduzindo a ciência. Macé esteve na origem da cooperativa *Société des bibliothèques populaires du Haut-Rhin* e desempenhou um papel importante na educação de adultos. Edward entrou em contacto com ele por causa do trabalho de alfabetização no exército. Macé presidiu duas vezes o congresso da *International Social Sciences Association* afinal. A seguir Edward fala do editor milanês Emilio Treves e do livre-pensador Luigi Luzzatti. Treves traduz livros escritos por Macé e publica-os em italiano. Ele publica muitos livros infantis e defende o ensino não confessional. Luigi Luzzatti é o fundador da *Società promotrice delle biblioteche popolari di Milano*. Naturalmente, aos olhos dos católicos conservadores belgas, essas figuras são altamente suspeitas, explica Edward. Aliás aqueles conservadores sempre dificultaram a vida das secções locais de *'t Nut* desde o início. Então a *International Social Sciences Association* desempenhou um papel positivo de contra-balanço. Na época, foi fundamental para ajudar os liberais belgas quando optaram por criar um movimento pela reforma educativa. É a razão pela qual a *Ligue* belga tem fortes laços com a fundação liberal *Willemsfonds*. Esta fundação apoiou os liberais doutrinários e anti-clericais quando formaram o governo alguns anos atrás. Jeanne fala do pai ligado à Ligue Belge mas crítico relativo ao *Willemsfonds*.

Edward e Jeanne estão em sintonia quanto à importância dos contatos e das partilhas internacionais entre quem pretende

uma abordagem mais reflexiva da educação. Para ambos é o caminho certo para trazer novamente ao de cima a arte de aprender no mundo dominado pela didática omnipresente. A *escola ativa* acompanha bem a matética referida por Comenius. No seu tempo educação domiciliar muitas vezes dava mais enquadramento a esta arte de aprender, não valorizada nos cursos doutrinários.

Jeanne diz: "De tudo o que li da minha avó e dos avós dela, mas também de outras fontes, o caminho para uma civilização baseando-se na compreensão e no diálogo começa com uma educação infantil durante a qual crianças de diferentes origens interagem com umas com as outras, parece me claro hoje."

"A grande dificuldade para o ensino geral é justamente de colocar as crianças de origens muito diferentes em contacto umas com as outras. Para já qualquer abordagem dogmática deve ser evitado. Está fora de questão poder-se construir uma civilização dialógica se considerar a sociedade do ponto de vista de apenas uma linha filosófica considerada correta a sobrepor-se a todas as outras. Só por isso a influência da igreja tinha que ser removida do ensino", responde Edward.

"Mas por isso também, considero o ensino adaptativo tão perigosa", diz Jeanne. "As adequações são apresentadas no sentido de melhor auxiliar aquelas crianças com menos contacto com o conhecimento geral em casa, disponibilizando meios para mais fácil apropriação. Mas isso é falácia. Veja a falta de vergonha de tantos colegas nossos. O ensino adaptativo facilita manter todo as crianças na sua própria classe, dizem-no abertamente. P*eadagogische Bijdragen* escreveu há cinco anos: '*A*

maior influência possível na civilização popular pode ser obtida pela educação completa de um número notável de indivíduos entre as crianças mais pobres do país. Mas então essas crianças não devem ser arrancadas de sua posição pelo ensino, mas sim por ele serem ligadas mais firmemente a essa posição.' Essa é a confirmação: quem está no poder quer manter o poder e manter os pobres pobres. E os professores treinados para exercer o pequeno poder colaboram alegremente."

Edward parece um pouco surpreendido com a veemência da Jeanne. Ele ri-se e diz: "Então podes também enfurecer-te com o seguinte. Uma resenha em *School en Studie*[1] há mais ou menos dez anos, apresentava o livro de *Contos de Fadas* de Anna Lindau *'adequado para a criança de uma casa digna - não para o menino, a menina do povo'*, porque exige familiaridade com a vida do grande mundo e, além disso, muito conhecimento geral. Nem sequer é sugerido disponibilizar esse conhecimento às crianças que dele não dispõem."

Jeanne exalta: "É exatamente isso! A literatura infantil e escolar é acusada de se tornar demasiado retórica e de pairar acima das necessidades de uma criança de origem proletária. Mas é um falso argumento. É o argumento utilizado por aqueles a assumir a sua própria cultura 'superior' apenas para conscientemente se separar dos demais. Os programas adaptados tendo como primeira medida a exclusão desta literatura prendem as crianças do povo dentro da sua própria esfera de existência para sempre. E isso é verdade tanto para quem é filho de proletário como filho de burguês abastado. Se não deixamos as crianças dialogar

[1] Revista pedagógica. Literalmente: "Escola e Estudo"

sobre aquilo que uns não sabem mas podem conhecer ouvindo os outros a falar, nunca iremos muito longe. O que sabem as crianças das classes abastadas de técnicas de pesca, do perigo de trabalhar em uma fábrica? Leram os livros de Dickens? O que sabe uma criança qualquer do mundo financeiro e como ele funciona, da diferença entre o lucro partilhado por todos em cooperativas como a *Verrerie de Carmaux* e do lucro concentrado em complexos industriais. O que sabem as crianças da exploração de outras crianças nas colónias e nos muitos lugares onde existe trabalho infantil? Há uma diferença entre a *escola ativa* na qual o trabalho infantil serve para o seu próprio desenvolvimento e deslumbramento e a *fábrica* na qual o trabalho infantil leva à monotonia e ao entorpecimento."

Edward acena com a cabeça e conta: "Numa das últimas edições de *School en Leven*[1] fala-se da importância dos grupos de mães. Parece-me uma análise mais séria comparada com os comentários de Van der Haas acusando os pais de não saber educar os filhos e de os subornar para eles obedecer, razão pela qual os filhos devem ser educados na escola. *School en Leven*, publica um texto do colega Stokvis no qual se lê: '*Acredito que (enquanto a sociedade capitalista mostrar o seu desprezo por tudo que não lhe proporcione lucros imediatos, em particular a criança e o seu mestre) não devemos ter ilusões acerca do uso de meios experimentados por nós, artesãos do ofício. No entanto, se uma grande organização a-política de mães pudesse ser formada, seria um bom trabalho. Qual é o mestre-escola a tomar a iniciativa?'* É talvez uma visão para o futuro, para uma sociedade em que o

[1] Revista pedagógica. Literalmente: "Escola e Vida"

dinheiro já não desempenha o papel que tem hoje."
Jeanne pensa um pouco e depois diz: "Podemos também nos questionar, claro, sobre o papel do mestre da escola primária. Os dogmáticos católicos não querem ouvir falar da separação entre ensinar, educar e criar. Para eles, a única tarefa da família é de criar os filhos e os enviar para a escola, onde professores formados na religião (correta) educam, fornecendo nutrição espiritual, física e filosófica. Também não é bom a família, a escola, a sociedade e o ambiente de trabalho seguirem cada um o seu próprio caminho sem estabelecer pontes entre os vários mundos. Os docentes e professores poderiam antes preocupar-se com o conhecimento, a ciência e o seu ensino, as famílias e as escolas com valores educativos universais e não de natureza dogmática. Levar as pessoas a dialogar umas com as outras não tem nada a ver com levar as crianças à igreja para ouvir a missa do pastor e depois à escola para ouvir o sermão do diretor."
Quando Edward quer intervir, Jeanne faz um gesto com a mão: "Não te esqueces o que vais dizer mas deixa-me terminar. A escola primária de hoje, em geral, não visa dar às crianças a oportunidade de fazer mudanças na ordem social, mas visa a preservar essa ordem social a todo custo, penso eu. Quem está no poder continuam a ver as diferenças de classe como criadas por Deus ou pela Providência, devendo permanecer assim. A ordem dos desfavorecidos deve ser aceita como algo de natural, em primeiro lugar pelos próprios desfavorecidos. A educação primária geral deve preparar os filhos do proletariado para isso, ensinando-os a submeter-se virtuosamente ao sistema existente. Quando quem institui a escolaridade obrigatória fala em

combater a ignorância, não fala de generalização do conhecimento e da ciência, mas fala sobretudo da moralização. Então, lutar contra a ignorância significa principalmente moldar a classe baixa através da moral, das fábulas e da apologia do trabalho dentro de uma espécie de perversa verdade estabelecendo ser o dever de todos de contribuir para a segurança dos mais ricos."

Depois de um curto silêncio Edward diz: "Não se trata só do dito e não dito dos nossos colegas acerca da preservação de uma ordem existente. Precisamos também perceber a verdadeira encomenda nos dirigida enquanto funcionários do Estado. Podemos ou não concordar enquanto cidadãos, mas sendo funcionários públicos somos obrigados a cumprir certas regras. E essas regras fazem parte da imagem de sociedade de quem diz representar a maioria logo deter o poder e por isso estar legitimado a impor essa imagem a quem não tem o poder. A democracia não é o ideal. Também ela facilita processos de aceitação forçada. Na Bélgica, como em toda parte, a escola primária faz parte do desenvolvimento da sociedade exterior a ela. Contextos sociais, políticos e ideológicos moldam essa sociedade. As leis belgas não impõem nenhum modelo ou método de ensino diretamente. O ensino real resulta da competição entre a escola católica e a escola estatal ou municipal. É demasiado fácil falar do valor pedagógico inerente ao ensino simultâneo, eu chamo-lo *a escola Senta-te-E-Ouve*. Este sistema existe quase em todo lado, mas aqui é certamente o que as escolas católicas advogam. Entretanto o clero ainda consegue convencer a população católica da sua descida imediata ao

inferno se os seus filhos não frequentam a escola católica. Quem considera a afirmação exagerada e opte pela escola do estado não deixa de procurar aquela mesma estrutura de ensino com a qual se familiarizou. Se ainda por cima os professores formados pelas Escolas Normais vêem a sua razão de existência justificada pelo ensino simultâneo — eles foram formados para acompanhar grupos de crianças em simultâneo — então qualquer valor acrescentado pedagógico assenta na fé e não na investigação científica.

Ultimamente este raciocínio serve-nos para questionar algumas escolas de Bruxelas apresentadas como escolas modelo pela *Ligue*. Para mim será preciso fazer mais para mostrar que a popularidade do ensino simultâneo não se baseia em evidências científicas comprovando a sua superioridade, mas da sua promoção por líderes de opinião e gente no poder."

Jeanne acena com a cabeça e diz: "Quando se fala de escolas-modelo, fala-se geralmente de escolas de prática e de treino, escolas-fábrica. São escolas destinadas a instruir as crianças da classe trabalhadora para se tornarem proficientes numa profissão, como acontecia no passado com as escolas para os pobres. Isso está hoje bem patente nas escolas de renda para as raparigas aqui na Flandres. Para mim, trata-se de uma fábrica disfarçada em escola: a produção das raparigas é vendida e as alunas recebem uma mensalidade inferior a um salário, porque são aprendizes. As jornadas de trabalho são longas e a educação geral oferecida é ruim. Visitei uma dessas escolas em Turnhout com minha mãe. As meninas trabalham das oito da manhã até as cinco ou seis e meia da tarde e depois têm entre uma e uma

hora e meia de educação geral. Cansados como estão, não aprendem quase nada."

"Eu conheço essas escolas e sei como elas funcionam", responde Edward. E é ainda pior. A formação técnica na escola substitui a aprendizagem em geral. Quando as crianças e os jovens faltavam à escola porque trabalhavam nas fábricas, não raras vezes acompanhavam os adultos para ouvir uma palestra numa biblioteca popular ou tinham outras formas de educação popular. Mas agora supostamente aprendem o mesmo na escola e já não acompanham as atividades noturnas e dominicais. Ouço-o de todos os lados: as *Causeries Populaires* em Saint Joost-ten-Node, a *Oeuvre des soirées populaires* em Verviers, o *Cercle des réunions populaires de Mons et du Hainaut* em Mons, a *Société d'instruction populaire de Morlanwelz et des communes avoisinantes* e a *Société d'éducation populaire* em Laeken afirmam atrair menos jovens hoje. Até a *Société Franklin* da cidade onde moram os teus pais, por muito tempo considerada a associação-modelo, perde o seu público jovem. Entretanto algumas escolas até assumem as atividades dirigido a adultos. Em Charleroi, por exemplo, a *Société des conférences de l'école industrielle de Charleroi* está ativa há cerca de vinte anos. "

No final do verão, Jeanne decide usar parte do mealheiro que Johanna lhe destinou. Ele resulta de muitos anos de aluguer e agora da venda da casa em Oostende. A avó decidiu dividir este capital entre os seus netos, seis no total, pelo que sabemos[1].

[1] Não encontrámos praticamente nada acerca do irmão e das irmãs de Frederick e seus filhos.

Jeanne viaja de vapor para Dover e de comboio da *LC&DR* para Londres. *The London & Northwestern* leva-a de seguida até a *Abbotsholme School*, fundada por Cecil Reddie e a Academia Escocesa. Elucidam-na rapidamente, Ninguém em *Abbotsholme* considera a escola como sendo uma iniciativa socialista. A direção da escola apenas aposta num currículo progressivo, posto em prática com os cerca de sessenta alunos residentes, provenientes de diferentes partes do Império Britânico. Além do estudo intensivo e da orientação pessoal, há um programa de exercícios, trabalhos manuais, recreação e arte. Línguas e ciências modernas são ensinadas. A educação religiosa aborda outras religiões e filosofias além da cristã incluindo o confucionismo. Notável para uma escola britânica é o curso de educação sexual. Reddie acredita numa relação próxima com a natureza. As crianças e os jovens trabalham na propriedade, criam animais e cultivam vegetais. Todos têm permissão para andar livremente em todos os terrenos da escola. O uniforme consiste em roupas confortáveis, bem diferentes das golas e cartolas às quais outras escolas obrigam. Cecil Reddie tem a última palavra. Jeanne descobre que ele rapidamente comprou as ações dos co-fundadores e ela sente a sua presença autocrática. Em suma, dirá Jeanne mais tarde, ela viu um modelo interessante mas apenas para alguns escolhidos entre quem consegue pagar.

Não apenas os fundadores afastaram-se depois de vender a sua quota-parte, mas também muitos professores saem de *Abbotsholme*. Foi o caso de John Badley em 1893. Depois da sua visita ao norte, Jeanne apanha o comboio para Petersfield para

encontrar John Badley e sua esposa Amy Garrette na *Escola de Bedales*. John pergunta logo pelo Cecil Reddie, dizendo ele lhe ter ensinado tudo, tanto o que fazer quanto o que não fazer. Jeanne fica a saber da oposição de Reddie ao casamento de John e Amy. O jovem casal decidiu então alugar a *Casa dos Bedales* em Lindfield e instalar aí uma escola progressista junto com o casal amigo Oswald e Winifred Powell. Enfatizam o termo progressista e Badley diz ser socialista desde os tempos de faculdade em Cambridge. Atualmente, os dois casais estão muito acompanham de perto a construção do seu próprio edifício escolar num grande terreno que compraram em Steep. Segundo John, as novas instalações deverão abrir portas ainda este do ano.

A abordagem não confessional da religião torna a escola relativamente secular. Ela não integra nenhuma capela por exemplo. O projecto atraiu por isso mesmo desde o início não-conformistas, agnósticos, Quakers, Unitaristas e judeus liberais. O currículo é abrangente e dá grande atenção à ciência, arte, música, francês, alemão. Prevê bastante tempo para montar peças de teatro e para cada um praticar o seu hobby. Os rapazes e as raparigas não são obrigadas a marrar matéria unicamente para os exames e não há nenhuma entrega de prémios. Só há aulas de manhã. Os desportos de costume, como o rugby, freneticamente impostos nas escolas públicas convencionais, são evitados; em vez disso, passa-se muito tempo com trabalho manual no campo e na horta, e todos, incluíndo os rapazes, aprendem a fazer roupas e botas e a cozinhar. Badley afirma ter aprendido muito com Pestalozzi e Fröbel. Atualmente lê todos

os textos publicados por Maria Montessori porque pensa também aprender muito com ela. De resto aconselha Jeanne a comprar um exemplar do recém-publicado *The School and Society* de John Dewey. Ele considera-o uma verdadeira fonte de inspiração.

A escola tornou-se rapidamente um projeto de co-educação, impulsionado por Amy e Winifred assim percebe Jeanne. O próprio John Badley tem muitas dúvidas acerca da sua própria educação marcada pela repressão sexual característica do sistema de escolas públicas inglesas. Daí resulta uma obsessão um tanto estranha com o 'socialismo sandália' de Carpenter e com o culto da natureza alemão: implica banhos frio, latrinas no campo, roupas de tecelagem própria e a amizade não tola, ou seja, não sexual, entre rapazes e raparigas adolescentes. As novas instalações da escola terão todas as condições para esse culto da natureza, acreditam os dois casais envolvidos no empreendimento. Oswald Powell conta Jeanne com algum orgulha que a escola é bastante conhecida nos círculos intelectuais de Cambridge incluindo as famílias Wedgwood, Darwin, Huxley e Trevelyan.

Quando Jeanne ouve mencionar o nome de Darwin, ela não resiste em mostrar ter lido *The origin of species*. Ela menciona uma das conclusões de Darwin, citando: *'Há grandeza nesta visão sobre a vida, com as suas várias forças, originalmente expressas em só algumas formas ou mesmo numa única forma; e que, embora este planeta tenha continuado a circular de acordo com a lei fixa da gravitação, a partir de tais começos simples, as formas mais belas e maravilhosas evoluíram infinitamente e ainda*

evoluem'.
Oswald observa: "É interessante ler como o próprio Darwin usou até 1872 o conceito de evolução nesse sentido. Ainda tinha a evolução para ele e os seus colegas mais a ver com o desenvolvimento como se for dum embrião. Só a partir da sexta edição de *The origin of species* ele começa a usar a palavra no sentido da evolução das formas de vida em função das condições de vida, embora há quem propõe o termo de evolucionismo."
Jeanne então diz: "E isso também envolve um novo perigo. A minha mãe e os seus amigos políticos receiam o surgimento de um significado social do conceito. As pessoas falam de evoluir em função das condições de vida do ser humano na sociedade humana. A sobrevivência da forma mais adaptada já não tem a ver com adaptação biológica, mas sim com adaptação social, pelo que diferentes subespécies culturais surgiriam naturalmente de uma determinada espécie."
Então John diz: "Pelo que sei Darwin fala de subespécies de acordo com as adaptações necessárias para a procura de alimentos. Ele demonstra-o com certas espécies de aves que vivem em situações isoladas."
Jeanne acena com a cabeça: "Mas o vosso compatriota Herbert Spencer Herbert Spencer não menciona a sobrevivência do mais apto? Segundo minha mãe, esse raciocínio distorce as palavras de Darwin e dá origem à ideia de competição entre seres vivos da mesma espécie. Darwin situa a sua ideia de evolução, de adaptação, num contexto biológico."
Oswald comenta: "Na verdade, sempre esteve na cabeça dos monarcas colonizadores e os seus conselheiros existirem se não

subespécies, pelo menos raças dentro da espécie humana, caracterizadas pela cor de pele. A sua própria raça, isto é, a branca, é segundo eles a mais desenvolvida. Essas ideias são anteriores às hipóteses de Darwin sobre a origem das espécies e a adaptação biológica. Houve quem aparentemente aproveitou de imediato as propostas de Darwin, distorcendo-as para legitimar as suas próprias ideias. Thomas Malthus até chega a dizer falando do crescimento populacional que deveria haver algum tipo de reflexo biológico moral entre os pobres para não se reproduzir. Até a criação seletiva de humanos encontra argumentos na hipótese evolutiva de Darwin. Contudo, ao longo prazo essa reprodução seletiva vai contra as ideias de Darwin no meu entender. As adaptações mais adequadas resultam da existência da diversidade e não da existência de uma igualdade obtida por reprodução seletiva. Esse tipo de reprodução até pode levar a endogamia para usar o termo dos cientistas para relações consanguíneas. Nem sempre é uma coisa boa, sabemo-lo inclusivamente da prática de apuramento na procriação de animais."

Jeanne responde: "Eu não estava tanto a pensar na procriação, mas mais no arrogante sentimento de superioridade dos monarcas e governos colonizadores actuais, devo dizer abusando de Darwin para "explicar" a ocupação do mundo pelos europeus de línguas inglesa e latinos mundo. Para eles são os mais aptos, não falam de adaptação. Benjamin Kidd escreveu há alguns anos em *Social Evolution* por exemplo. É muito conveniente explicar o desaparecimento de uma determinada população, não resultando da sua exterminação por soldados e

colonos europeus, mas porque eram simplesmente fracos demais para sobreviver. Tais argumentos são usados até mesmo por alguns de nossos amigos socialistas apenas devido ao seu anticlericalismo fazendo os negar as histórias de missionários da África. A minha avó sempre refere como a ignorância leva à arrogância e como a arrogância gera ignorância. *O círculo perigoso* dizia o meu avô Henri."

Em finais de outubro, Jeanne atravessa o canal a caminho de casa. No cais de embarque em Dover, ela conhece Lodewijk Demeester, regressando dum curso intensivo de inglês em Cambridge. Ele descende de uma família de grandes agricultores no Brabão e integra a primeira geração com curso superior. Com o curso em Cambridge considera ter terminado a sua formação como professor de línguas para o ensino secundário superior, explica. De regresso, vai candidatar-se a um posto professor. Jeanne fica feliz de ter alguém com quem falar para distrair a cabeça durante a turbulenta travessia do Mar do Norte com evidentes sinais da chegada das tempestades de outono. As suas visitas a Abbotsholme e Lindfield interessam Lodewijk. Ele tem muitas dúvidas acerca da coeducação e sabe pouco de modelos educacionais sem ser o do ensino simultâneo. Jeanne pergunta se lhe sobra tempo para uma visita a Edward Peeters quando chegarem a Oostende. Ela gostaria que ele ouvisse mais de Edward acerca da *Escola Ativa* e a *Escola Senta-te-E-Ouve*.

A cidade ainda vibra depois do fim do rali internacional de carros Paris-Oostende quando Lodewijk e Jeanne atracam. Esse

rally faz um mês no recém-inaugurado hipódromo. Além dos triciclos motorizados, nove carros percorreram as estradas de calcetado do norte da França em dois dias, a velocidades de até 60 quilómetros por hora.

Quando chegam à casa de Eduardo e Maria, conhecem outro convidado do casal, o jovem estudante genebrino de sociologia Adolphe Ferrière. Edward pergunta se podem conversar em francês, por causa de Adolphe, sempre olhando na sua direção dado a sua surdez. Escolas como Abbotsholme e a de John Badley interessam-no. O jovem visitou Edmond Demolins. Este fez há alguns anos, assim como Jeanne hoje, uma viagem de estudo à Grã-Bretanha visitando os mesmos internatos. Demolins não escondera o seu entusiasmado com o ambiente familiar naquelas escolas, com os horários, os métodos de ensino, as disciplinas leccionadas e as actividades físicas e desportivas. Adolphe Ferrière diz que Demolins se interessa particularmente pela pedagogia ativa e pelas atividades de lazer, fazendo da observação, a experimentação e a dedução as atividades centrais. Edmond Demolins, acrescenta, procura o seu público principalmente entre os filhos das elites. Esses devem receber uma educação adequada a fim de formá-los homens de ação. Por isso mesmo ele acaba de abrir uma escola centrada na criança, tornando a criança ator de sua própria educação, enfatizando a necessidade de estabelecer relações com os alunos baseadas no respeito, a responsabilidade e a confiança.

"Tudo isso soa bem, claro," começa Jeanne, "mas falamos novamente dos filhos da elite. Os internatos custam muito

dinheiro, eu entendo isso, mas porquê defende-se sempre ambientes idílicos de aprendizagem apenas para os filhos da elite sem procurar soluções para os outros?"
Edward ri: "Bem, Demolins optou por situações idílicas, está claro. Adolphe falou-me do círculo de intelectuais e endinheirados de Verneuil-sur-Avre. Fundou a *Société de l'École nouvelle - Écoles des Roches* para adquirir a propriedade de la Guichardière. Eles iniciaram a escola dirigida por Demolins este ano naquela mansão. Já estão matriculados cinquenta alunos."
Lodewijk ouve com atenção e então diz: "Posso imaginar como é diferente o tal internato comparado com a tua situação na tua escola municipal, Edward."
"Claro. Para começar, trabalho apenas com crianças mais novos e estou sujeito às regras do ensino simultâneo. Este modelo não perturbe os internatos reunindo crianças de diferentes idades e deixando-as trabalhar juntas... Um pouco como os teus bisavós da tua avó faziam aqui na Casa Escola do Keizerskaai, Jeanne."
Quando Lodewijk lhe lança um olhar interrogativo, Jeanne promete contar-lhe a história[1] durante a viagem de comboio para casa. Ela já sabe que ele mora em Tienen, na linha para Liège.
"Além disso, os meninos da minha turma são principalmente filhos do povo, com um pequeno '*mas*'. Famílias de católicas devotos frequentam escolas católicas. O pastor Pype tem uma grande influência na comunidade pesqueira obviamente e muitos filhos de pescadores estudam na sua *Escola de Pesca Sint-Andreas*. Filhos de famílias católicas menos rígidas, de pequenos artesãos e de alguns funcionários públicos preferem o ensino

[1] Ver Volume 04 - O privilégio do Saber

municipal. Muitos dos pais das crianças da nossa escola integram a cooperativa de consumidores SEO[1]. Recentemente matriculou-se na minha turma um menino vindo da Valónia, Jeanne. O pai dele é operador de máquinas a vapor e foi contratado pelo armador John Bauwens. A *Pecheries à Vapeur* tem agora dez navios ao serviço, e o armador teve que recrutar mias maquinistas no interior do país. O pequeno Lucien Souris, assim se chama o menino, fala francês o tempo todo, mas já consegui pô-lo a brincar no recreio da escola com amigos da turma. É apenas uma questão de tempo até ele falar flamengo. Como procuro sempre trabalhar visualmente, pretendo construir uma pequena máquina a vapor com as crianças."

"A máquina a vapor mudou muito a pesca?" pergunta Lodewijk.

"Pelo que entendi, sim! Antes de me tornar mestre-escola, trabalhei aqui como supervisor no Ateneu da cidade. Tive tempo para aprender mais sobre Oostende e os seus habitantes. A revolta dos pescadores deixou muita coisa clara. Os armadores usaram e ainda usam regularmente a maior capacidade de pesca dos arrastões a vapor para baixar os preços da pesca costeira dos saveiros. Como resultado, muitos pescadores à vela ficaram ainda mais pobres do que antes. A migração para os arrastões a vapor tornou-se inevitável. Estes ficam longe de casa por períodos mais longos e chegam a áreas de pesca mais remotas em condições climáticas impossíveis para os saveiros. Mas também há mais acidentes. Alguns navios depressa naufragaram, como o *O.81 Emmanuel* de John Bauwens. Afundou no Dogger Bank apenas seis meses depois de ter sido

[1] Spaarzaamheid-Economie-Oostende ou Parcimónia - Economia - Oostende

colocado em serviço. A manutenção dos arrastões a vapor é muito diferente e mais exigente em comparação com a dos saveiros à vela. Um bom operador de máquinas ao lado do timoneiro é muito imprescindível. No mar, o maquinista deve ser capaz de consertar avarias sem contar com mais ninguém."

Eduardo e Maria convidam as visitas para um jantar, além do pão, estritamente vegetariano. A conversa versa sobre noticias acerca da educação e do ensino no país e no exterior.

Eduardo conta como na Turquia as escolas superiores são todas mantidas por professores estrangeiros. A escola de artilharia, com corpo docente prussiano, parece ter uma reputação muito boa. Segundo relatos de jornais, esse não é o caso da escola de medicina. Os pacientes nas mãos de médicos ali formados só teriam uma hipótese em duas de sobreviver ao tratamento. O ensino secundário deixou de estar nas mãos dos jesuítas franceses, e ficou gradualmente sob influência alemã, assim como toda a sociedade turca.

Os colonos neerlandeses em Java levam as pessoas a acreditar ser importante aprender o neerlandês além da própria língua. Só assim podem emancipar-se, dizem os ocupantes. Sabendo o neerlandês, o povo local está em condições para aprender com os ocidentais a sua visão das regras sociais, por exemplo. Para Jeanne é um bom exemplo para quando se fala dos perigos das teorias da evolução social, como ela as discutiu com John e Oswald em Petersfield.

Um dos jornais dos quais Edward é assinante, um correspondente fala da sua visita a Noruega. Segundo os rapazes por ele entrevistados, na sua região só há escola no

inverno, porque no verão o mestre trabalha no campo. Pode bem ser verdade, diz o jornalista, mas por outro lado existem escolas em todos os municípios, mesmo em lugares tão remotos como a ilha de Torgen e apesar da reduzida população.

A conversa aborda também as escolas profissionais. Estas parecem ser a resposta mais óbvia para os filhos de artesãos e trabalhadores manuais para quem a escolaridade se torna gradualmente obrigatória. A formação dos aprendizes anteriormente assegurada pelos artesãos nas suas oficinas está agora a ser retomada pelas escolas. A escola dos entalhadores de *Oberammergaues* na Áustria parece um *fait divers*, mas é um bom exemplo. Esses exemplos reforçam a narrativa de quem considera perigosa a disseminação generalizada do conhecimento e para quem ensinar um ofício às crianças é tão se não mais importante quanto aprender a ler e escrever. É claro que podemos nos perguntar se a formação exclusiva para uma só profissão devido a circunstâncias culturais locais é coisa boa ou má.

Jeanne irrita-se bastante com a maneira como o periódico *Het Vaderland* de Haia trata certos assuntos e ela não está sozinha nisso. Lodewijk partilha com ela dever-se insistir em mais unidade entre Flandres e os Países Baixos relativamente à língua e ortografia. Deste modo, aumentava-se por exemplo a oferta de livros intercambiáveis e influenciava-se positivamente a educação local, até lá tudo bem. Mas desagrada-lhes como se introduz um conceito de *os nobres pobres*, exibindo grandeza de caráter sem riqueza. Viver sem riqueza é uma coisa, pensa Jeanne, mas viver em condições absolutamente degradantes é outra e ela diz: "Se os pobres são modelo de altivez graças à sua pobreza mas os ricos

tomando conhecimento não decidirem logo optar pela pobreza, só podemos concluir tratar-se de uma falsa imagem, de uma falácia." Lodewijk ri. Em teoria, diz ele, é realmente mais fácil um homem rico optar pela pobreza do que um pobre fulano se tornar rico. Jeanne cita um comentário acerca de Walter Scott, autor de Ivanhoe: *'Um dos personagens mais puros e nobres que o autor deste livro já conheceu foi um jornaleiro num dos condados do norte. Criou os seus filhos com um rendimento semanal, nunca superior a seis florins. Ele era um homem cheio de sabedoria e discrição, embora a educação que recebeu nunca tivesse ido além dos rudimentos.'* Lodewijk e Edward entendem a frustração de Jeanne com essas palavras, mas acrescentam de se tratar apenas duma interpretação de quem escreve para *Het Vaderland*. Afinal, o mesmo artigo explana o papel da família e da cuidadora, citando Richter, Herbert e Bacon. Alega-se como sendo palavras de Richter '*um navegador, fazendo uma viagem ao redor do mundo, leva menos de todos os povos com os quais entra em contato do que aprendeu com sua ama*'. O jornal compara o valor pedagógico do exemplo em oposição com o prescrito. De seguida cita Herbert: uma boa mãe vale mais do que cem professores. Isso, por sua vez, serve de argumento para explicar o lugar da mulher na sociedade: ela deve cuidar do governo da casa. Vincular à boa educação a necessidade de manter as mulheres em casa não é apenas hipocrisia, segundo Jeanne, mas é falso. E ela fala mais uma vez do modo como a Igreja considera criar, educar e ensinar filhos como um todo indivisível. O conhecimento e fruto da inteligência de pessoas bem formadas, continua Jeanne e ensinar para a apreensão do conhecimento é completamente diferente de

ser um mero complemento à educação moral. Mesmo quem tem essa visão de unidade, opina Lodewijk, deveria valorizar as mulheres assegurando-lhes uma sólida formação científica para conseguir ajudar seus filhos a crescer na ciência. Considerando-se bom e devoto católico, Edward observa a crónica discordância dos poderes eclesiásticos conservadores para este tipo de ensino. Eles querem unidade, mas unidade ignorante. Para Jeanne trata-se de uma hierarquia escalonada: governo conservador sobre os homens, homens sobre as mulheres, mulheres sobre as crianças. Por isso mesmo, diz ela, a ideia da *escola ativa* é tão odiosa para o poder hierárquico.

No comboio para Tienen e Liège, Jeanne conta Lodewijk a história da Casa Escola do Keizerskaai e como terminou sobretudo por causa das vicissitudes entre 1815 e 1830. As guerras ou quaisquer conflitos armados geralmente significam o fim de projetos humanos interessantes baseados no diálogo, observa Lodewijk. Os dois jovens retornam brevemente às suas conversas com Edward e Maria. Quando Edward falou de Padre Pype, Jeanne pensou numa certa altura tratar-se de uma espécie de versão local do Padre Daens em Aalst com o Partido Popular Cristão. Para Lodewijk, este padre da comunidade de pescadores certamente concordará com Daens no que diz respeito à escolaridade obrigatória, o direito ao ensino, o horário regulamentado e as condições de trabalho. Mas a pesca é diferente da produção fabril e não é possível fazer o paralelo direto entre armadores e administradores de fábrica. Além disso, Lodewijk percebeu o Pype ter soluções próprias, com a

escola de pesca onde ensinam os Irmãos da Caridade e com a escola feminina dirigida pelas Irmãs de São Vicente. Jeanne gostava de saber mais da sua obra comunitária através do grupo *Kunst Genegen*. Além disso, ela considera a guilda *'t Zal wel gaan* uma espécie de equivalente ao SEO dos funcionários públicos locais. As comparações terminam aqui, pois os dois jovens não sabem muito mais acerca de padre Daens a não ser do desacordo com o bispo Stillemans de Ghent e que o retirou do seu cargo.

Lodewijk pergunta como está a situação na Valónia em relação aos sindicatos e as atividades socialistas. Para Jeanne é possível falar de um verdadeiro *Parti Ouvrier Belge* desde o congresso de Quaregnon principalmente devido à iniciativa de muitas associações mutualistas e muitas cooperativas socialistas locais. O partido recebeu apoio de César Depaepe e depois de Émile Vandervelde e conta com o poder de mobilização próprio dos sindicatos. Jeanne explica como a greve geral de 1893, dando origem à substituição do sistema de votação baseado em censos pelo de sufrágio universal masculino, melhorou a representação dos trabalhadores da Valónia.

Já com Tienen à vista ainda comentam brevemente a expedição do navio de pesquisa *Belgica* sob ordens de Comandante de Gerlache de Gomery levando à primeira invernada bem-sucedida na Antártida.

Pouco depois começa o último ano do século XIX, o primeiro do 119º hectano.

Passou a ser prática comum nas escolas britânicas de premiar os

alunos quando não faltam à escola ou quando obtêm bons resultados. Dessa forma, algumas escolas dão um caráter pessoal a determinadas aprendizagens além dos certificados concedidos a todos após a conclusão de um currículo. Os prémios são principalmente livros, transformando rapidamente o hábito em empreendimento comercial. Muitas editoras dispõem dum catálogo especial de livros-prémio com condições especiais de aquisição. Mas outros aspectos são considerados. Existem agora por exemplo séries de livros-prémio para escolas femininas metade dos quais escritos por mulheres. Rapazes aparentemente não precisam ler autoras femininas.

Na Europa, abolir o castigo corporal na escola é mais difícil no sul católico comparado com o norte protestante. Numa sociedade ainda marcada pela penitência, parece haver menos resistência da população em geral aos castigos corporais, mesmo para punir apenas alguma desobediência. Mas também há quem se oponha em nome das crianças. O autor e político português Abílio Guerra Junqueiro por exemplo. Ele reage ferozmente às palmatórias, em português eufemístico menina de cinco olhos ou Santa Luzia, por conta da lenda evocando o martírio de Luzia de Siracusa. Ele escreve contra a *Escola Santa Luzia dos Cinco Olhos* e defende uma escola com novos métodos de ensino que eliminem a violência institucionalizada. Três estrofes do seu poema A Escola Portuguesa não deixam dúvidas sobre a sua insatisfação com o modelo vigente:

Eis as crianças vermelhas
Na sua hedionda prisão:
Doirado enxame de abelhas!

O mestre-escola é o zangão.

*****

Empunhando as rijas férulas
Vós esmagais e partis
As crianças — essas pérolas
Na escola — esse almofariz.

*****

Isto escolas!... que indecência
Escolas, esta farsada!
São açougues de inocência,
São talhos d'anjos, mais nada.

Disputa-se o castigo, disputam-se os métodos. Não apenas os métodos de leitura. Há igualmente disputas acerca do métodos de ensino da escrita, na Alemanha e nos Países Baixos por exemplo. Como se demostrou o valor da abordagem com palavras normais para facilitar a análise e a síntese simultânea na aprendizagem da leitura, a *'steilschrift'* representa uma grande simplificação na aprendizagem da escrita. Usando cadernos com exemplos as crianças não precisam de olhar constantemente do quadro para o caderno. Evitam-se as complexas conexões entre letras. Mas aparentemente esta escrita não é autorizada por quem, talvez por razões históricas, exigem a escrita essas conexões caligrafadas. Assim, volta-se rapidamente à caligrafia com conexões entre as letras e os cadernos com exemplos voltam a estar fora de questão. O mestre dá exemplos da caligrafia dominada por ele e a escrita é

ritmada, fazendo escrever todos com a mesma velocidade. No método de Welker, até existem indicações para cada elemento da letra exigindo a recitação mecânica dessas indicações, condição para produzir boas formas de letras, segundo os defensores do método.

Na Bélgica, apenas 15% das crianças concluem o ensino primário, cerca de um terço permanece na escola durante quatro anos e uma criança em cada dois fica menos de quatro anos na escola. O ensino primária para todos existe em papel, acerca do ensino secundária seja de forma for, ainda menos pode ser dito.

Na Holanda, a atitude anti-clerical dos liberais em relação à educação especial diminuiu gradualmente. Essas escolas especiais afinal talvez não são tão especiais, consideram os liberais moderados, devendo ter o direito a um subsídio do estado. A burguesia católica paternalista encontra entretanto uma alternativa às escolas dominicais quase sem alunos. Em muitos locais surgem patrocinadores para uma variedade de jogos e atividades recreativas atraindo crianças e jovens. Há jogos de salão e ao ar livre, fazem-se passeios e há grupos de teatro, dança, ginástica, canto e fanfarra. Oferecem-se não só educação religiosa e moral, mas também aulas noturnas durante a semana de trabalho para quem deseja melhorar conhecimentos. Os interesses de quem é proprietário das fábricas e do capital estão patentes na educação social: esta consiste em ensinar os jovens como assumir o seu papel de trabalhador adulto socialmente responsável. As poupanças, os fundos de saúde e pensões e apoios em momentos de redução

de trabalho serão financiados principalmente por salários e não por mais-valias e lucros.

Pouco antes da temporada de verão, novos ajustes são feitos aos horários dos comboios internacionais para Oostende. Beneficia-se principalmente as ligações com Viena e Constança, mas também com Constantinopla. A exposição mundial em curso em Paris origina mais comboios para a capital francesa, onde, como há 11 anos, foi aberta ao público a torre de ferro com o nome do Engenheiro Gustav Eiffel. A presente exposição traz a torre de volta aos holofotes porque, afinal, continua a ser a estrutura mais alta do mundo feita pelo homem. Na exposição mundial volta a haver um jardim zoológico humano no *Jardin d'acclimatation*, apesar da oposição cada vez mais maior contra a exibição de pessoas de outras regiões, retratadas como selvagens perigosos, e por isso posto atrás de grades ou em espaços fechados. O Pavilhão da Espanha mostra uma pintura de Pablo Picasso de 19 anos. O jovem pintor mora em Paris e partilha uma casa alugada em Montmartre com o seu amigo Casagemas. Pablo interessa-se pelas obras de Paul Cézanne, Edgar Degas, Pierre Bonnard, Vincent van Gogh e Henri Toulouse-Lautrec.
Ao longo do ano, Jeanne e Lodewijk encontraram-se várias vezes. No verão, Jeanne leva o irmão Jean para Oostende. Edward e Maria partilham com eles o que têm e irmão e irmã encontram assim uma cama perto da praia. Lodewijk passa dois dias em Oostende, a caminho de Cambridge para mais um curso de verão. Pouco antes de entrar no barco, ele pede noivado a Jeanne. Ela

aceita. Em dezembro, anunciam à família a sua intenção pessoal para iniciar o próximo século com o casamento.

Lodewijk muda-se para Liège, onde Jeanne trabalha como mestra-escola. Ele é contratado como professor de inglês e holandês no ateneu local.

Os amigos genebrinos do casal falam do fim do chamado mercado especial *Verding* na Suíça. Até o ano passado, órfãos e outras crianças consideradas sem direitos eram oferecidas ou sorteadas entre interessados naquele mercado. Contudo, dizem os amigos, o mercado foi abolido mas a prática continua e muitas das crianças *Verding* ainda fazem trabalhos forçados. Mais uma medida só no papel.

Frederick lê no periódico pedagógica do qual é assinante como a Escola Normal se implanta cada vez mais em Portugal, embora muitos professores ainda obtenham a sua graduação através de um exame sem estudos pedagógicos prévios. As opiniões a este respeito estão muito divididas em Portugal e os defensores das Escolas Normais veem a equiparação por exame como um escândalo. Mas há falta de professores. Não chegam a 6.000 para uma população de cinco milhões e meio. Apenas um quarto da população com mais de sete anos sabe ler, é o valor mais baixo da Europa.

Os amigos anarquistas da mãe de Jeanne fazer para Jeanne e Frederick um retrato do livre pensador Francisco Ferrer. César Depaepe conhece-o e ele passou uma temporada em exílio em Paris. Ferrer viajou pela Europa com sua segunda esposa, Leopoldine Bonnard, também ela livre-pensadora e professora.

Durante esta viagem o casal estabeleceu contatos com Esperantistas, pensadores livres e anarco-sindicalistas, incluindo Jean Jaurès. Com a herança de um milhão de francos franceses de uma abastada ex-aluna, Ferrer inicia a sua *Escuela Moderna* em Barcelona.

Nos anos seguintes, Lodewijk e Jeanne irão demonstrar grande interesse naquela escola de Barcelona com a sua pedagogia racionalista. No entanto, eles apontam imediatamente para o seu maior constrangimento. A escola vê-se obrigada de cobrar mensalidades aos alunos, não sendo acessível a todos. Mesmo com a regra de fazer pagar os pais de acordo com as suas possibilidades financeiras, a limitação existe.

Na Grã-Bretanha, Eduardo sucedeu à sua mãe, a rainha Vitória no início deste novo ano e século. Faz-se uma avaliação para perceber quais foram os resultados práticos da Lei da Educação agora com trinta anos. Os marxistas consideram ser difícil de mudar por meio do ensino a sociedade de classes que se enraizou na Grã-Bretanha durante o longo reinado de Victoria. A mobilidade ascendente exista para alguns mas é rapidamente dificultada para outros, especialmente por quem acaba de ascender na hierarquia social.

Mas as mudanças fruto do ensino podem ser vistas de outra forma. A escola e o ensino dão mais pessoas acesso ao conhecimento quando não instrui simplesmente a imitar outros mas guia quem projeta com outros novas direções a tomar. Samuel Smiles costuma falar de estruturas facilitadoras para a orientação das pessoas em relação à ajuda mútua. Encaixam bem um sistema de ensino não concebido como um sistema de

instrução para manter as forças estabelecidas no poder, tal como costuma acontecer. Os livres-pensadores, sindicalistas e cooperantes de fundos mútuos afirmam o mesmo. Olham para o sistema de ensino público dos últimos vinte anos sob essa lente para perceber o que efectivamente proporcionou: uma classe alta renovada e um pouco maior, mas ao mesmo tempo um melhor conhecimento geral resultando por sua vez em organizações mutualistas e cooperativas mais dinâmicas. Jeanne consulta alguns textos de Samuel Smiles. Na sequência dessas leituras, pergunta às amigas da mãe de lhe proporcionar escritos de Francisco Ferrer acerca da sua *escola moderna*.

Numa revista pedagógica local, Lodewijk lê uma observação interessante de um certo professor Bigot. Na opinião de Lodewijk ele aponta prudentemente em direção à matética e a sua compreensão. O comentário tem menos a ver com a arte de aprender e mais com a posição de certas professoras em sala de aula, por muitos considerada como atitudes a evitar. Bigot escreve: '*Em primeiro lugar, todo mundo já testemunhou as concepções tolas apresentadas pela maioria das professoras em escolas da grande cidade, elas próprias muitas vezes provenientes de classes mais elevados do que os seus colegas homens, acerca da vida doméstica dos seus alunos. E isso é uma pena, pois um meio importante para compreender as crianças e as suas ideias é justamente de bem conhecer a verdadeira atmosfera espiritual em que vivem*'. Este é um bom ponto de partida para Lodewijk para defender um curso de formação levando futuros professores e professoras a reflectir acerca do seu próprio processo de aprendizagem e a desenvolver a arte de se colocar nas condições

de vida dos outros.
Lodewijk e Jeanne mostram interesse para umas iniciativas em Bruxelas para crianças de quem se diz precisarem de formas especiais de ensino.
Desde há quatro anos existe na capital uma escola para meninos com 'desvios' na mente. Hoje, esta escola conta com mais de trezentos meninos. O casal constata mais uma vez o ensino simultâneo. A escola divide as crianças em grupos ditos homogéneos. Constituem se portanto grupos só com crianças passivas ou só com alunos indisciplinadas. Elabora-se depois um programa adaptado a esses grupos como abordagem didática.
O casal consideram muito mais interessante as notícias acerca do doutor Ovide Decroly. Este acaba de aceitar o pedido da *Maatschappij voor Kindergeneeskunde* (*Sociedade para a Medicina das Crianças*) para se tornar médico-chefe de uma clínica-laboratório para crianças anormais. O próprio Decroly escreve ter aceite com duas condições. Primeiro, exige falar de *crianças irregulares* evitando as palavras *anormal* ou *desabilitado*. Segundo, a clínica irá iniciar na sua própria casa, porque ele quer ter a possibilidade de observar as crianças no seu dia a dia. A iniciativa recebe o nome de '*Instituto de Educação Especial para Crianças de Ambos os Sexos*'. As crianças deslocam-se livremente em casa e são educados junto com os três filhos de Decroly. O médico fica assim com as crianças o dia inteiro. Cada fim de dia ele revê os acontecimentos do dia com a sua equipa de trabalho. Pretende desse modo aprender a trabalhar melhor e a fortalecer os seus princípios e a sua intuição pedagógica. De acordo com Lodewijk, é um bom exemplo de apoio ao desenvolvimento da

arte de aprender por parte das crianças e dos adultos.
Durante uma visita a Johanna em Kelmis, Lodewijk conhece o médico Wilhelm Molly graças ao sogro. A certa altura falam da língua internacional do Dr. Esperanto, agora também conhecido pelo seu nome verdadeiro Lejzer Zamenhof. Wilhelm mostra alguns exemplares da revista *Lingvo Internacia* e Lodewijk fica imediatamente tão entusiasmado quanto Frederick. Ele pressente um novo *Janua Linguarum* ou *Orbis Sensualium Pictus*[1] para todas as escolas primárias e secundárias em todos os países onde a comunidade se instala.
Mais tarde, Annie e Johanna falam de Annie Jump Cannon. Ela acaba de publicar o catálogo de estrelas organizado pelo grupo de mulheres com o qual trabalha. Juntamente com Henrietta Swan Leavitt, Antonia Maury e Florence Cushman, Annie Cannon passa grande parte do seu tempo no observatório. Por essa razão as mulheres são criticadas de estarem 'deslocadas'. Deveriam pensar mais na sua vida como donas de casa, é-lhes dito. Além disso é-lhes lembrado de não se esquecer serem apenas assistentes. No entanto, o seu trabalho é muito apreciado na comunidade dos astrónomos. A Annie recorda a surdez da sua homónima e de Henrietta Leavitt e como elas próprias um dia afirmaram ter vantagem ser surdo para a concentração necessária no trabalho de classificação das estrelas de acordo com seu brilho relativo. Elas distraem se menos pelo ruído de fundo durante as longas exasperadas horas de estudo de chapas fotográficas. O trabalho costuma ser tedioso, mas Annie mostra ter imensa paciência, ganhando até alguma

[1] Ver Volume 02 - Uma ideia perigosa

popularidade entre os homens do observatório. E agora, sussurra-se, o catálogo poderá finalmente abrir-lhe as portas a uma verdadeira carreira académica. Esta é uma grande oportunidade para corroborar Decroly acerca das crianças irregulares e fazer incluir o mundo adulto as pessoas cegas ou surdas ou simplesmente desviadas do modo como a generalidade dos indivíduos costumam usar os cinco sentidos.

Caros amigos,
De facto, já passou muito tempo desde que vos fizemos chegar notícias acerca de nós. Estamos muito atarefados em Liège e passamos também regularmente por Moresnet. Contudo isso não serve de desculpa por não vos ter dado notícias há quase um ano.
Lodewijk entende-se bem com meu pai, eu diria até demasiado bem, quando falam de Moresnet Livre, da solidariedade internacional entre trabalhadores e intelectuais e daquela nova língua internacional a Internacia Lingvo ou Esperanto, na qual tu também estás muito interessado, Edward.
Não sabemos muito mais do que vocês em relação aos acontecimentos no Estado Livre do Congo. Lodewijk apenas comentou sarcasticamente o termo 'Estado Livre' por norma designar áreas na qual a população não é livre. Moresnet Livre não é uma democracia, nem sequer o burgomestre de Kelmis é eleito pela população. Mas no Estado Livre do Congo, tudo é bem mais grave segundo as notícias. Trata-se de uma área controlada por Leopoldo II na qual ele se comporta como rei absoluto, isso é bem claro entretanto. Ouvimos as mesmas histórias repetidas vezes sem conta acerca da colheita do látex e da forma como a população

local é compelida ao trabalho forçado. A vossa constatação do dinheiro aparentemente disponível na Corte para projetos de grande escala, faz naturalmente pensar o pior.

Voltando a Moresnet. O condomínio depende hoje principalmente do processamento de minérios de zinco. Continuam a trabalhar muitas pessoas na fábrica e a escola gerida pela Société Vieille Montagne emprega dois mestres-escola acompanhados de três estagiários não qualificados, disse-nos a avó Johanna. A escola tem 500 crianças. Aplicam certamente uma mistura de modo simultâneo e modo mútuo de ensino. Entretanto, nada garante a aplicação na Vieille Montagne dos regulamentos em relação aos acidentes de trabalho em minas e fábricas em elaboração na Bélgica.

No país vizinho do outro lado do Mar do Norte, os conservadores e a Igreja da Inglaterra parecem ter ganho a batalha pelas escolas, já o sabem, provavelmente. Se estou bem informada, os conselhos escolares locais serão abolidos com a Lei Balfour, passando a ter os comissários distritais a ultima palavra a dizer quanto à Segunda Escola. Vamos ver ainda menos crianças da classe trabalhadora matriculadas nesse grau de ensino do que hoje já é o caso. Para quem quer uma ampla extensão da segunda escola e não apenas escolas anglicanas ou católicas, a nova Education Act é uma forte bofetada, não é? A minha preocupação, bem sabem, não se limita aos filhos das classes abastadas, mas concerne especialmente as escolas para os filhos da classe trabalhadora, mesmo tendo dúvidas sobre as intenções subjacentes dos reformadores que favorecem o acesso rápido ao ensino depois da escola primária. Acesso rápida para quem, para onde, para quê, em termos concretos?

Algo completamente diferente: Já ouviram falar de Walthère Victor Spring da Universidade de Liège? Faz agora uns anos, ele alertou pelos perigos do aumento de dióxido de carbono na atmosfera como resultado da queima de carvão em áreas industriais como as de Liège. O meu pai voltou a encontrá-lo há pouco tempo e ele está entusiasmado com a pesquisa de um colega sueco, Svend Arrhenius. Essa pesquisa sugere ligar a atividade humana às flutuações naturais no albedo da Terra, desregulando-as podendo chegar a aquecer a Terra a temperaturas insustentáveis. Não é louco como os cientistas podem ficar entusiasmados com seu consenso em prever desastres? Pois bem. Recentemente, circulou na universidade um artigo publicado num jornal americano local dizendo o seguinte:

'Sugestão para os consumidores de carvão.

Um professor sueco, Svend Arrhenius, desenvolveu uma nova teoria da extinção da raça humana. Ele afirma que a combustão do carvão pelo homem civilizado está a aquecer gradualmente a atmosfera, de modo que, no curso de alguns ciclos de 10.000 anos, a Terra será cozida a uma temperatura próxima do ponto de ebulição da água. Ele baseia a sua teoria na acumulação de ácido carbónico na atmosfera agindo normalmente como uma lente seja para concentrar ou refratar o calor do sol'.

E a literatura infantil? Continuam a seguir novas produções? Falaram-me há pouco tempo de Frances Hodgson Burnett. Ela dá protagonismo às crianças e às memórias infantis nalgumas das suas obras. E sabem se existe alguma tradução para o francês dos livros de Mark Twain, em primeiro lugar de The Adventures of Tom Sawyer *e de* The Adventures of Huckleberry Finn*?*

Obviamente continuo a procurar livros tendo mulheres como protagonistas, principalmente depois de ler Les Quatre Filles du docteur March *de Luisa Ascott e outras obras suas nas quais ela expressa ideias sobre o papel da mulher na sociedade e sobre a abolição da escravatura. Através do meu pai, entrei em contato com Isabelle Gatti. Ela aposentou-se e deixou a direção de sua escola para outros mas continua ativa no Parti Ouvrier Belge. Ela diz de si própria ser feminista desde há muito e socialista desde há pouco. A última vez que nos encontramos, ela recomendou mais literatura com mulheres no papel principal. Ela própria está desapontada e um pouco zangada com os seus colegas de partido. Acabaram por não incluir as mulheres nas propostas de sufrágio universal com um voto para cada um. A influência exercida pelos padres sobre as mulheres, argumentam, favorece os partidos clericais no caso do sufrágio universal. Incrível como o medo de perder o poder joga a favor de quem já está no poder e mais provável o irá manter.*
Queridos, Lodewijk e eu queremos muito aceitar o vosso convite para ir a Oostende no início do próximo ano. Pensamos no período de carnaval se isso vos convier.
Saudações muito cordiais dos vossos Jeanne e Lodewijk.

Em fevereiro de 1903, Jeanne e Lodewijk estão de volta em Oostende. Chegaram na sexta-feira antes do Carnaval e tencionam ficar o resto do mês com os amigos com a intenção de viajar para Tienen no início de março. Edward e Maria ficam surpreendidos ao ver Jeanne muito grávida. É a razão pela qual Lodewijk e ela ficam em Tienen depois de deixar Oostende. Eles

optaram por fazer nascer o seu primeiro filho na relativa tranquilidade da fazenda da família de Lodewijk. Será o último encontro dos amigos, embora Jeanne irá continuar a corresponder com Edward Peeters o resto da sua vida.
No sábado, Jeanne acompanha Edward para visitar a sua turma, algo de bastante inusitado. Ela vai falar com as crianças sobre a vida dos mineiros na Valónia, enquanto a turma de Edward lhe irá falar da pesca e do mercado de peixe. Durante essa conversa, Lucien Souris, de dez anos, fala do trabalho de maquinista do seu pai para John Bauwens. Jeanne diz haver uma grande diferença ser maquinista nas minas e no comboio ou na traineira a vapor. Num navio não é possível chamar outros maquinistas para o ajudar. Deve-se ser capaz de lidar sozinho com a máquina se algo der errado. É exatamente isso que o meu pai sempre diz, responde o pequeno Lucien.
Depois da aula, Edward e Jeanne falam do trabalho na escola primária e como há cerca de cinquenta anos devia ser muito diferente para os colegas de então. Agora, nove em cada dez crianças vão à escola sem pagar. Cinquenta anos atrás, eram menos da metade. Na prática a escola está hoje aberta a quase todos, diz a Jeanne, mas uma realidade distorcida apresenta-se ao mundo. O Discurso do Trono de há quase trinta anos afirmava '*La culture intellectuelle d'un peuple est plus que jamais, au temps présent, la source essentielle de sa prospérite*'. Quem o preparou para o Rei esqueceu-se de acrescentar que uma cultura intelectual geral maior não representa melhoria material para todos. Não. O baixo salário de trabalhadores manuais nas fábricas e nas oficinas parece sugerir que mais conhecimento

levando a melhor remuneração, uma espécie de '*soif de parvenir*' só é possível com uma '*poussée vers le fonctionnarisme*'. No entanto, isso não é totalmente correto. Hoje, muitas atividades artesanais e industriais, e até mesmo agrícolas, exigem dos trabalhadores melhor conhecimento técnico. Menos instrução geral e maior técnico e não uma instrução geral mais longa parece ser o resultado segundo Jeanne. Assim a escola reforça ainda mais a estratificação da população. O ciclo de três vezes seis anos de Comenius, antes dos jovens iniciarem a formação profissional nunca foi levado a sério. Quem está no poder não o quer colocar em prática, quem tem dinheiro não o quer pagar. É tão simples como isso. Edward ri e diz ter lido numa revista educacional de há alguns anos: '*A agricultura e a indústria agora respiram apenas por meio do conhecimento e da ciência, e o professor da aldeia não deve esquecer isso!*'. Parece confirmar as palavras de Jeanne.

Edward fala das placas de parede de Van Lummel penduradas na sua sala de aula. Ele diz concordar com Ligthart: essas placas fornecem uma boa visão geral da natureza em todos os seus aspectos e também ajudam a visualizar as conexões entre seres na natureza viva, bem como entre objetos da natureza inanimada. Jeanne concorda. São certamente um apoio quando não é possível sair da escola com as crianças para fazer uma observação directa da natureza. Ela fala da Escola Bedales em Steep. Os colegas estão a reconstruir alguns antigos celeiros nos seus terrenos. Serão uma espécie de 'placas de visualização' em tamanho real sobre a história da agricultura, brinca. Mas é bom ouvir os responsáveis da escola afirmar seguir as directrizes de

Fröbel para o ensino infantil, enquanto dizem se interessar pelas ideias médicas, pedagógicas e filosóficas da italiana Maria Montessori. Eles procuram criar um ambiente familiar para crianças de diferentes idades a trabalhar juntas em grupos. Rejeitam a nova moda de ensino simultâneo. Com razão, segundo Jeanne, porque trata-se de uma solução meramente económica e certamente não pedagógica para uma escolaridade obrigatória a menor custo.
Durante uma das refeições da noite, na casa de Edward e Maria agora estritamente vegetariana, conversam sobre a forma como os professores se organizam hoje. Claro, as revistas educacionais continuam a ser instrumentos importantes para partilha ideias e práticas. Edward diz procurar melhorar formas de organização reforçando o vínculo entre pares com a *classe ativa* como modelo. Existem, é claro, associações de cariz antes nacional, as Ligas e, no caso dos Países Baixos o *Tot 't nut van 't Algemeen*, reunindo professores dentro de certas fronteiras nacionais. Mas muitas vezes eles não têm preocupação matética. Pode só se tratar de pura mútua ajuda financeira, como é o caso na *Associação de Socorros Mútuos do Professorado Primário Português*, fundada em 1897 em Coimbra.

Lodewijk e Jeanne viajam de Oostende para Tienen depois do período de Carnaval, como previsto. O casal instala-se em algumas divisões da grande fazenda da família de Lodewijk. No início de abril nasce o filho. Recebe o nome de Louis, aparentemente uma espécie de 'descendência Luisiana' não apenas honrada por reis. Algumas semanas antes, Charlotte

Hofstadter nasceu em Dendermonde, pouco menos de dez anos depois de Lucien Souris a quem conhecerá mais tarde.
Enquanto Lodewijk e Jeanne estão em Tienen, eles recebem uma carta de um Frederick indignado. Fala das forças de ordem belgas e prussianos que ao seu ver violaram ilegalmente a neutralidade de Moresnet. Depois de algumas trocas de carta, Jeanne e Lodewijk acabam por perceber a história. Os governos da Bélgica e da Prússia não estavam satisfeitos com o aumento de jogos de azar e de atividades de casino clandestino em Kelmis. Incomoda as forças de ordem o efeito corolário de trânsito de jogadores ricos de natureza duvidosa nos respectivos países. Essas figuras aproveitavam da neutralidade de Moresnet para se juntar no Hotel Bergershoff aos poucos transformado em um casino. Afinal Kelmis não será um segundo Mónaco e quem procura manter Moresnet independente busca outras soluções de financiamento. Mas a Prússia em particular pressiona cada vez mais no sentido de extinguir este não-país fruto de medições incorretas de fronteiras e de interesses privados na mineração do zinco há quase cem anos.

Nos dias que correm Johanna Lemaître não liga muito às lutas políticas. Ela tem 86 anos e continua na sua quinta. Passa o tempo elaborando uma espécie de catálogo de referências pedagogos contemporâneas com quem teve contacto ou de quem ouviu falar através do filho ou da neta. Ela extrai de seguida uma breve descrição dum determinado grupo de indivíduos. Segundo Johanna estes têm comum propostas visando a redução da ignorância tornando a escola mais

atraente para as crianças. É como se fosse uma espécie de proto-associação virtual, diz ela ao Frederick e Jeanne. Aos poucos deverá ser mais fácil de perceber a diferença entre quem apenas procura modelos de trabalho e métodos mais eficientes para o ensino simultâneo e quem pretende modelos baseados na tolerância, na cooperação e numa ampla visão geral, onde métodos de trabalho mais eficientes são apenas uma apoio à matética. A Johanna diz ser essa a sua convicção.
Jeanne lê atentamente o pequeno resumo deixado por Johanna de figuras ativas no ano de 1903, excepção feita pelo primeiro da lista, e ordenados por idade.

João de Deus (falecido em 1896 com 65 anos)
Em Portugal, o método de leitura de João de Deus tem-se popularizado gradualmente pela mão dos liberais querendo combater o analfabetismo. O método foi obrigatório durante quase vinte anos e hoje é novamente opcional.
Embora o método produza bons resultados, educadores mais conservadores e menos capacitados o criticam. Eles preferem ficar pelos métodos sintéticos puros por arrogância ou ignorância ou uma combinação de ambos. No entanto, este método sonoro nem comparação tem com os métodos de palavras normais por aqui. Não há nenhuma análise prévia real vinculada à síntese através das listas de sons e palavras.

Cecil Reddie (45 anos).
Cecil Reddie é Escocês. Ele trabalhou como educador no Fettes College em Edimburgo antes de estudar química e medicina

para a seguir se tornar professor de ciências. Por causa de suas ideias no campo da educação sexual, ele mudou do Fettes College para o Clifton College em Bristol em 1887. A influência de Edward Carpenter levou-o a fundar a Abbotsholme School em 1889, que visitaste. Como já sabes, ele é bastante conflituoso e por isso muitos dos professores que trabalharam com ele logo o abandonaram. Surgiram rapidamente também conflitos entre os fundadores e Reddie é hoje o único diretor da escola.
Devido à personalidade forte de Reddie, os conflitos sempre reaparecem. Professores nacionais e estrangeiros se sucedem em Abbotsholme. Muitos descobrem a prática de Reddie e fundem depois a sua própria escola, como John Badley fez em Steep.

Jan Ligthart (44 anos).
Jan é fonte de inspiração para o teu amigo Edward Peeters. Em Schilderswijk, em Haia, ele tomou o hábito de discutir cada tópico do programa com seus professores. Na Associação de Educadores dos Países Baixos ele defende o direito a autonomia do corpo docente. Ele também foi professor de adultos. Segundo ele, iniciativas escolares como o Haagsche Schoolvereniging *e a* Escola Humanitária *em Laren, para as quais ele contribui, têm linhas de pensamento idênticas e Edward resumiu-as da seguinte forma:*

- *Um educador educa-se a si mesmo. A educação das crianças começa quando os adultos aprendem com os próprios erros;*
- *Um educador rodeia as crianças de atividades físicas,*

pesquisas e questionamentos independentes e deixe-as cumprir as suas tarefas à sua maneira;

- *Um educador faz tudo dentro das regras definidas pelo grupo e que todos devem cumprir;*
- *Cada criança tem a sua própria personalidade e as suas próprias necessidades. Só existem regras gerais. Respeitando-as cada um tem o direito de ser si-próprio;*

John Dewey (44 anos).

Desde 1894, Dewey tem trabalhado na Universidade de Chicago no seu modelo de empirismo racional associado à filosofia pragmática. Ele publicou Thought and its Subject-Matter. *Dewey supervisiona a Escola Laboratorial da Universidade de Chicago por ele fundada. Aqui desenvolve cada vez mais as suas convicções pedagógicas. Ele reuniu entretanto dados suficientes na Escola Laboratorial para conseguir publicar* The School and Society faz hoje quatro anos.

Desde há alguns anos vive na Costa Leste e é presidente eleito da American Psychological Association.

Francisco Ferrer (44 anos).

As ideias republicanas de Ferrer levaram-no a viver exilado na França por um tempo onde aceitou ser conselheiro da devota católica Ernestine Meunier. Sempre mantiveram longas conversas não apenas sobre a fé e como o clero católico conservador na Espanha abusa da fé para manipular as pessoas, mas também sobre como criar e educar as crianças.

Ele é um defensor convicto da coeducação para meninos e meninas, um assunto quase tabu na Espanha.
Está de volta na Espanha, faz agora dois anos onde fundou a escola de ensino racionalista conhecida como Escola Moderna. Tendo recebido os fundos necessários de Ernestine Meunier, ele aluga e mobilia um antigo convento em Barcelona para esse fim.
O seu plano toma forma rapidamente. Mas não é fácil pô-lo em prática neste país fortemente influenciado por uma Igreja Católica conservadora que detém o monopólio do ensino. Contudo, em poucas semanas, Francisco Ferrer multiplica os contactos nos círculos intelectuais e no movimento operário. Assim sendo ele contraria as autoridades civis e religiosas, supera todos os obstáculos administrativos, reúne uma equipe de funcionários dedicados e inicia a sua escola.
A Escuela Moderna abre portas a 8 de Outubro de 1901, com 12 raparigas e 18 rapazes. Em Dezembro já são 70, em Janeiro 86. A Escola Moderna é hoje apoiada por 120 círculos e associações. Centros educativos racionalistas vão surgindo por todo o país e são recebidos com hostilidade pelo clero e pelos círculos conservadores.
Francisco Ferrer resume o seu projeto da seguinte forma: 'Estou a fundar novas escolas onde de imediato se aplicam princípios correspondendo ao ideal de uma comunidade no seio da qual se rejeitam as convenções, os preconceitos, a crueldade, os enganos e as mentiras em que assenta a sociedade moderna'. *Sobre a sua abordagem pedagógica, ele diz:* 'Evitamos dogmas ou hábitos exatamente por esses

aprisionarem a vitalidade mental. Apenas propagamos soluções comprovadas por factos, teorias validadas pela razão e verdades confirmadas por certas evidências. O objetivo da nossa educação é fazer do cérebro do indivíduo o instrumento da sua vontade. Queremos que as verdades da ciência brilhem com esplendor próprio e iluminem todas as inteligências, para, quando postas em prática, conferir felicidade à humanidade, sem excluir ninguém por odioso privilégio'.

Maria Montessori (33 anos)
Nos últimos anos antes da viragem do século, Maria Montessori pressionou cada vez mais a criação de classes e instituições especiais para crianças com dificuldades de aprendizagem, bem como pela formação de professores para os seus educadores. Ela abordou esses temas na Primeira Conferência Pedagógica *em Turim. Ela lecionou sobre métodos especiais de ensino para crianças com deficiência intelectual na Escola Romana de Formação de Professores por convite da recém-formada* Liga Nacional para a Proteção de Crianças Atrasadas. *Ela integrou conselho de administração dessa 'Legga Nazionale'.*
Em 1900 a Legga Nazionale abriu a Scuola Magistrale Ortofrenica, *um instituto médico-pedagógico com o objetivo de formar professores para trabalhar com crianças com dificuldades de aprendizagem. Montessori foi nomeado co-diretora. Nos dois anos seguintes, ela desenvolveu métodos e materiais.*

A escola foi um sucesso instantâneo. As crianças da turma modelo até então consideradas 'não educáveis' devido às suas deficiências vinham de asilos e escolas comuns.
Hoje, Maria Montessori estuda filosofia, antropologia e educação, entre outras coisas. Recentemente, e principalmente depois de ler Eduard Séguin e também Jean Itard acerca da criança selvagem de Aveyron, ela diz estar a pensar em adaptar os seus métodos de educação de crianças com dificuldades de aprendizagem para o ensino regular. Vale a pena ler os dois artigos por ela publicado este ano.

Paul Geheeb (33 anos)
Fiquei interessado em Paul depois de ler um artigo do jovem estudante Paul Freimut[1]*; mais tarde descobri ser esse o pseudónimo do ousado Paul Geheeb. No artigo ele discute, entre outras coisas, a estupidez dos duelos e o uso excessivo de álcool exprimindo a camaradagem segundo ele sem sentido das irmandades. No mesmo artigo denunciava a atitude escandalosa dos jovens universitários para com as mulheres. Vê, por exemplo, a passagem na qual ele diz : '*Os filhos alemães das Musas consideram a mulher a criatura mais desgraçada e miserável, descrevem o sexo feminino como puramente passivo e insistem em que a mulher não tem vocação maior a não ser servir os desejos carnais do homem e ser uma máquina para a reprodução humana'. *Depois de ter sido criticado pelos seus examinadores por sua posição liberal em relação à cura dos cegos por Cristo, ele*

[1] Literalmente: Paul Franqueza

abandonou os estudos de teologia e há quatro anos foi aprovado no exame de professor. Entretanto já era professor e educador durante cinco anos na instituição de Johannes Trüper, onde supervisionava um jovem anti-social. Ele trabalhou com um jovem epiléptico. Graças a ele, conheceu os médicos do Hospital Psiquiátrico da Universidade de Jena.
Aparentemente, em Jena Paul Geheeb ouve falar da Nova Escola de Abbotsholme pelo seu amigo Hermann Lietz, ele próprio aprendiz de Wilhelm Rein. Geheeb visitou o Campo Internato Lietz fundado em Ilsenburg e terá sido convidado para trabalhar aí, mas optou por se tornar professor no sanatório fundado por Carl Gmelin. Hoje é professor na segunda escola de Lietz, iniciada há dois anos em Haubinda, perto de Thüringen.

Ovide Decroly (32 anos)
Mais perto de nós temos Ovide Decroly, de quem já falamos nas nossas conversas familiares. Ele apresenta a escola como um micro-mundo no qual as crianças aprendem a viver em sociedade. Na preparação para uma atitude democrática, tudo na escola deve ser feito como na vida normal.
Os conflitos devem ser escrutinados e isso requer disposição para ouvir, sem excluir ninguém. Hoje Ovide Decroly diz considerar quatro pontos de partida:

- *A criança aprende globalmente. Deve-se permitir a abordagem completa ao objeto pela criança. Depois, passamos para o particularismo e a análise.*
- *O interesse da criança guia o ensino ministrada.*

- *As crianças devem ter a oportunidade de ser levadas pelo ambiente natural para fazer as suas descobertas.*
- *A sala de aula é um local de trabalho, um laboratório, no qual a criança vive e age. Mas ela rompe as paredes da escola. A sala existe em todo o lado, na cozinha, no atelier, nas lojas, na rua... Assim pode- se trabalhar do concreto ao abstrato.*

Não lembra muito a Casa Escola no Keizerskaai? Não é também o que tentei no Celeiro.

Eduard Claparède (30 anos)
Eduard interessa-nos por causa dos seus estudos acerca do desenvolvimento humano. Ele formou-se em medicina há seis anos e virou-se para aquilo hoje commumente definido como sendo a psicologia. Envolveu-se durante dois anos com a revista Archives de Psychologie, por ele iniciada com Théodore Flournoy.

Edward Peeters (30 anos)
Obrigado por me ter apresentado o trabalho de Edward. Percebo como ele pode desempenhar um papel importante num verdadeiro movimento pedagógico flamengo divulgando os pontos de vista da Escola Ativa *da Alemanha, da Inglaterra e dos Países Baixos. Lembro que o comentário que atribuíste ao Edward Peeters:* 'Já no final de 1897 surpreendia-me e irritava-me não haver pedagogia flamenga própria fora dos cursos padrão da escola normal, e gradualmente convenci-me a mim próprio de testar o que

P. A. De Vos e Pol Anri não terem conseguido'.
A Causerie Bibliographique no Echo d'Ostende *e a Causerie Pédagogique na sua biblioteca pessoal parecem-me muito úteis para a inovação pedagógica na escola pública e gratuita. Certamente é bom para ti manteres o contato com Edward. Ele considera Max Nordau e Leo Tolstoy entre os seus mestres. Tente saber mais sobre o Movimento* Rein Leven *e os* Lebensreformers.

Jeanne Teacher (28 anos)
Incluí te aqui na minha lista, querido neta, pois acredito firmemente que vais mesmo contribuirá para a escola que Edward chama de Classe Ativa *e o que Francisco Ferrer de* Escola Moderna.

František Bakule (27 anos)
Conheci Bakule ao ler comentários sobre a obra de Tolstoy. Ele diz ter ficado muito impressionado com as propostas quando o leu durante a sua formação de professores em Pftibram.
Tenta talvez descobrir um pouco mais sobre ele.

Pierre Bovet (25 anos)
Ouvi falar deste jovem por correspondentes em Genebra. Ele acaba de se formar como Doutor em Letras. Chamou-me mais a atenção o Clube dos Jovens Amigos da Natureza (Amici Naturae) que ele fundou há dez anos com Albert Loosli.

Henryk Goldszmit (ou Janusz Korczak) (25 anos)

Henryk começou a trabalhar muito cedo quando em 1890 o pai foi internado no hospício Tworki em Pruszków. O internamento gastou as reservas financeiras da família e aos 12 anos Henryk sustentava todos. Tornou-se preceptor e foi como descobriu a pedagogia.

A sua avó e única confidente morreu quando ele tinha 14 anos e em 1896 o pai cometeu suicídio, deixando a família completamente na penúria, forçada-a a sair do espaçoso apartamento onde morava. Após a morte do pai começou a dar mais aulas particulares para sustentar a mãe e a irmã.

Henryk escreveu um romance intitulado Suicídio *e um artigo humorístico "*Weasel Gordyjski*" (o nó górdio), publicado num semanário satírico russo do ensino médio sob o pseudónimo de Hen. Na altura queria ser jornalista.*

Em 1898 começou a estudar medicina na Universidade de Varsóvia. Naquele ano, ele enviou o drama em quatro atos com o título Ktoredy? *(Onde?) para* Kurier Warszawski *sob o pseudónimo de Janusz Korczak, o nome aristocrático polonês de um personagem de Józef Ignacy Kraszewski. O drama recebe uma menção honrosa. Henryk torna-se entretanto membro da Associação de Bibliotecas Gratuitas, criada para crianças e jovens trabalhadores. Em 1899 reside na Suíça e estuda a obra de Johann Heinrich Pestalozzi.*

Há três anos, Henryk e o seu amigo Ludwik Licinski visitaram os bairros pobres de Varsóvia observando as condições materiais e morais da vida das crianças. Em Nedza Warszawy

(Warchau e sua miséria), Henryk relata as suas observações e reflexões. Há dois anos ele descreveu a miséria das crianças mais pobres, abandonadas, negligenciadas ou supostamente depravadas, e dedicou lhes o livro Meninos de Rua.
Recomendo-te entrares em contacto com ele.

Adolf Ferrière (24 anos)
Conheces-o melhor do que eu. Enquanto académico, é provável ele desempenhar um papel para dar força à escola ativa se continuar a se interessar por iniciativas como Abbotsholme, Bedales e l'École des Roches. Oxalá a surdez não o impeça de continuar o trabalho de pesquisa.

Antonio de Sena Faria Vasconcelos (23 anos)
Soube deste jovem português pelos nossos amigos da Universidade Nova de Bruxelas. Ele acaba de apresentar uma dissertação intitulada La psychologie des foules infantiles *no Laboratoire de Sociologie.*
Indigando um pouco mais sobre ele, fiquei a saber que publicou no ano passado o livro O Pessimismo (Semiologia e terapia). *Neste livro ele desafia a por ele caracterizada ética individualista e defende uma perspectiva ética diferente que examina as conexões entre o interesse privado e o interesse social do indivíduo com a sociedade. Ele quer subordinar a melhoria do primeiro fenómeno à melhoria do segundo. No ano da publicação do livro deu uma conferência no Ateneu Comercial de Lisboa sobre* A Doutrina Ético-Social da Multidão. *Depois dessa conferência escreveu:* 'Infelizmente

não existe nada em nosso país. A lepra do analfabetismo atinge o povo'.
Talvez consegues entrar em contacto com o jovem com a ajuda do teu pai.

Jeanne fica muito contente quando lê as anotações da avó. Ela faz planos para entrar em contacto com todas essas pessoas e, quem sabe, conhecer mais algumas pessoalmente.
Ainda é cedo para saber como outros dos seus contemporâneos poderão passar a incluir a lista de Johanna.
Na Escócia, Alexander Sutherland Neill tem apenas 20 anos. O pai descende duma família de mineiros e é professor tal como a mãe. A família não tem muitos meios e há dificuldades para pagar os estudos universitários do filho mais velho Willy. Quando Alexander fez 14 anos, e vendo o seu desinteresse pelos estudos, o pai arranjou-lhe um emprego contratando-o como auxiliar. Alexander foi reprovado no vestibular para a Escola Normal no final do período de aprendizagem. No entanto, ele continua a ensinar em várias instituições.
Beatrice Nina Frederica de Normann tem 18 anos. Ela nasceu em Marselha e é a filha mais velha de Albert de Normann e de Irene Matilda Wood. Por causa do trabalho marítimo do pai, ela passou os primeiros anos em Marselha e Gênova, daí a sua fluência em italiano e francês. Ela foi muito influenciada pela teosofia. Em breve, ela partirá para a Inglaterra para concluir a sua formação como professora de economia doméstica, para depois ensinar a matéria numa universidade em Sheffield.
Célestin Freinet tem oito anos e frequenta a escola no pequeno

vilarejo de Gars no sul da França. Ele é o penúltimo filho de seis. O pai Joseph Delphin Freinet é agricultor e a mãe Marie Victoire Torcat cuida da mercearia da aldeia. Célestin alterna as idas à escola com o pastoreio de animais.
Em Neuchâtel, Jean Piaget acaba de ser matriculado na escola primária.

Nos Países Baixos o método de leitura com palavras normais e o quadro de leitura (*leesplankje*) passa a ser publicado por J. B. Wolters. O material é mais uma vez minuciosamente revisto, agora por Jan Ligthart e Riek Scheepstra, ambos professores. Com a ajuda de Matheus Hoogeveen, adaptam os livros de leitura que acompanham as palavras. O quadro de leitura com as palavras *aap, noot, mies, wim, zus, jet, teun, vuur, gijs, lam, kees, bok, weide, does, hok, duif, schapen*[1] será usado durante quase um século em todas as regiões de língua holandesa.

As histórias acerca do Estado Livre do Congo e da despótico dominação da população local em prol do enriquecimento da Corte de Leopoldo II continuam.
Em Moresnet, a independência continua impossível e procura-se manter a neutralidade, apesar da silenciosa oposição do burgomestre de ascendência alemã. Fala-se em organizar festas para o centenário de Moresnet Livre.
Na Bélgica, a indústria da Valónia está em ascensão devido aos caminhos-de-ferro. Fabricam-se locomotivas exportando-as para o

[1] literalmente: macaco, noz, mies (nome) wim (nome), irmã, jet (nome), teun (nome), fogo, gijs (nome), cordeiro, kees (nome), bode, prado, does (nome), casota, pombo, ovelhas

mundo inteiro. Localmente o Estado faz esforços para reunir sob a sua tutela todas as concessões ferroviárias. Já é o caso para 4.000 km de linhas, tornando os Caminhos de Ferro Belgas o empregador mais importante do estado, com cerca de 80.000 funcionários.
As Cortes e os governos europeus causam muita agitação em todo o mundo devido às constantes escaramuças pelas colónias, apesar de organizar conferências como as de Berlim e Bruxelas. Também na Europa, os socialistas e os pacifistas continuam a pressionar para conseguir o reagrupamento internacional dos trabalhadores, tendo os praticantes do esperanto como entusiastas aliados.

E assim 1903 termina dando lugar a 1904.

Fim do livro 06

Uma estranha carta

Querido Pascal

Aproveitámos uma pequena falha no continuum do espaço tempo para te fazer chegar uma saga dinástica de educadores, pedagogos e antropogogos que foi publicado pela primeira vez em 122.15 (calendário holoceno), o que corresponde ao ano 2215 segundo a contagem do calendário que vocês usem no vosso século XXI.

A dinastia percorre 20 gerações, desde 1630 até 2222 no vosso calendário.

Quando pesquisámos o teu século encontrámos o teu nome e sabemos do teu interesse pela aprendizagem dialogada, razão pela qual te solicitamos a disponibilização dos documentos à medida que te os conseguimos fazer chegar.

Fica descansado. A falha no continuum não irá provocar nenhuma alteração ao passado e ao futuro das pessoas. Só permite o envio de documentos.

Em nome da equipa de co-autores,

Maria Liber

Sayen interessa-se para a aprendizagem dialogante e a orientação do processo de aprendizagem de crianças pequenas. Ela pesquisou o legado Demeester nos hectanos 118 e 119, dando especial atenção à educação de filhos de pais ricos e iluminados em oposição à escola para o povo.

Zainabu investiga como modos de pensar xenófobos e fascistas, em associação com formas de comunicação humana e não humana, paradoxalmente unem na sociedade hierárquica comunidades locais hostis umas em relação às outras.

A generalização da escolaridade obrigatória progride na Europa na segunda metade do 118º hectano. O ensino simultâneo surge em todos os lugares como um compromisso económico entre educação baseada no diálogo e ensino mútuo.

Mais uma vez, os cidadãos esclarecidos parecem optar por escolas particulares para seus próprios filhos, enquanto a maioria das crianças da classe trabalhadora acaba em escolas públicas muitas vezes dogmáticas.

À partir de Kelmis, Liège e Oostende, Johanna Lemaître, Frederick e Jeanne Teacher, familiares e amigos acompanham atentamente o desenvolvimento educacional em um cenário de nova colonização e condições desumanas de trabalho.